OS CAVALCANTIS

Cassia Albuquerque
Fabio Arruda de Lima
Marcelo Bezerra Cavalcanti
Francisco Antonio Doria

Os Cavalcantis: na Itália, no Brasil.

Jardim da Casa, Bingen

2011

Quem nasceu em Pernambuco,
há de estar desenganado:
ou se é um Cavalcanti,
ou se é um cavalgado.

Tem Accioli em Pernambuco,
Paes Barreto, Cavalcanti.
Quando alguem for tocaiado,
foi um desses o mandante.
Mas se o morto for Accioli,
Paes Barreto ou Cavalcanti,
nem precisa testemunha;
logo se sabe o mandante:
é um Carneiro da Cunha.

Figura 1: *Armas dos Cavalcantis em Florença: de prata semeado de cruzetas recruzetadas de vermelho.*

ESTA É UMA GENEALOGIA *que retraça as raízes florentinas do ramo brasileiro dos Cavalcantis, e lhes esboça alguns ramos aqui da terra, selecionados por sua importância durante o período colonial. Esclarecemos tambem as ligações entre Cavalcantis e Acciaiolis: as duas famílias, guelfas, mas* magnati *os Cavalcantis, isto é, de raízes feudais, e* popolani *os Acciaiolis, burgueses, comerciantes e banqueiros, associam–se em Florença, em Nápoles, e em Atenas, e depois no Brasil. Andam juntas, e lhes examinamos as ligações.*

Não é, portanto, uma genealogia exaustiva. É um quadro onde, dessa gente, lhes exibimos os traços, os delineamentos principais, por assim dizer.

Na verdade, tentamos aqui responder a uma pergunta: por que veio Filippo Cavalcanti para o Brasil? Filippo Cavalcanti era filho do mais importante comerciante florentino da praça de Londres. Seu pai, Giovanni di Lorenzo Cavalcanti, era ligado a Henrique VIII, a quem acompanhou no encontro com Francisco I, no Campo das Tendas de Ouro; era tambem camareiro papal, nomeado por Leão X Medici. Sua mulher Ginevra Mannelli, mãe de Filippo, descendia de uma antiga família nobre, enriquecida no século XV com o comercio da seda.

Um dos irmãos de Filippo acompanha Caterina de' Medici à França, como gentilhomem de seu séquito; outro, já para o fim do século XVI, corresponde–se com Giordano Bruno.

Eram todos personagens que viviam no centro da renascença. Por que vem Filippo Cavalcanti para o Brasil? A resposta parece ser banal: Filippo Cavalcanti, herdeiro de um grande comerciante, veio para o Brasil para aumentar os cabedais da família com o negócio do açúcar. Que, certamente, o fez rico e poderoso na capitania de Pernambuco, no século XVI. Onde se fixou e onde iniciou esta grande família, que Carlos Eduardo Barata chama "a maior família brasileira."

Este livro começou a ser feito em meados de 2007 com o levantamento das fontes documentais sobre os Cavalcantis, realizado à exaustão por Marcelo Bezerra Cavalcanti no Archivio di Stato di Firenze. A Marcelo juntou–se Doria, e com a crítica de Silvio Umberto Cavalcanti, chegou–se à linha familiar à qual pertencia Filippo di Giovanni, a linha dos ditos de' Cavalleschi. Um guia seguro foram os trabalhos de Cinzia Sicca sobre Giovanni Cavalcanti na corte dos Tudors, começos do século XVI, citados na bibliografia. Cássia, especialista em genealogia alagoana, e Fábio, que tem levantado toda a documentação sobre os engenhos da capitania de Pernambuco, agregaram imenso valor a este estudo.

Tiveram os autores a ajuda de muitos parentes, amigos e colegas: Altina Farias, Ana Beatriz Pires e Albuquerque Ardissone, Ana Naschira Lins, Christovão Dias de Ávila Pires, Eneida Rangel Celeti, Giancarlo Zeni, Luciano Cavalcanti de Albuquerque, Manuel Abranches de Soveral, Maria Cecilia Pires e Albuquerque Penna, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, Maria Leonor Medeiros, Pedro Auler, Regina Cascão, Rosa Maria Gusmão de Sampaio Torres — aos quais estendemos nossa gratidão.

1 *Do feudalismo ao comércio: Florença, séculos XI – XVI*

Aqui se fala de origens lendárias em cavaleiros da corte de Carlos Magno, e na história documentada de senhores feudais doublés *de mercadores.*

SE ACREDITAMOS NAS LENDAS ou em contos de fada, ou quase, descendem os Cavalcantis de um dentre quatro irmãos que, em começos do século IX, teriam chegado à Itália vindos da Alemanha. O primeiro deu origem aos CAVALCANTI; o segundo, aos CALVI. O terceiro, aos MALAVOLTI e ORLANDI de Siena. O quarto aos MONALDESCHI de Orvieto. Esta lenda se traça ao século XIV, em seus começos, a Antonio Manetti, que a ela se refere.

Mas o certo é que por volta do ano 1000 os Cavalcantis moravam em Florença na região da Via di Calimala e da Via Porta Rossa, junto do atual centro da cidade, na Piazza della Signoria; é onde tinham suas casas. É o que se confirma num documento de 1045, no qual se dão os nexos iniciais da genealogia. Eram guelfos, ligados em casamento à antiga aristocracia feudal do *contado*, os Condes Guidi, os Adimari, e à aristocracia urbana, de status consular, que

dirigia Florença nos séculos XII e XIII, ao começo, como os Buondelmonti e Amidei, entre outros. Ricos devido ao comércio sobretudo de panos de lã, deram a Florença no tempo do *primo cerchio* (primeiro círculo de muralhas que protegiam a cidade no século XII), oito cônsules. Eram portanto vistos como *magnati*, aristocratas de linhagem feudal.

Figura 2: *Armas antigas dos Cavalcantis.*

Sequência genealógica

I. DOMENICO CAVALCANTI[1] vivia pelo ano 1000. P.d.:

II. GIAMBERTO CAVALCANTI. P.d.:

III CAVALCANTE DE' CAVALCANTI. P.d.:

IV. GIANNOZZO CAVALCANTI (tambem conhecido como GIANNULIETO),[2],[3].

[1]Esta genealogia tem, na parte italiana, como fonte principal, as tábuas manuscritas, com letra do século XVII, e anotações de Andrea di Lorenzo Cavalcanti, do século XVII, e outras de Luigi Passerini com data de 1844, existentes na coleção cuja cota já mencionaremos, e que podem ser da autoria de Scipione Ammirato. Foram feitas algumas correções, indicadas nos locais. Os desenhos da versão florentina das armas, e daquelas concedidas pelo rei Tudor provieram também de documento da coleção Passerini, BNCF, Sala Manoscritti Rari, Segnatura Passerini, 156.

[2]Esta genealogia, desde Domenico, é a que aparece no documento referido de 1045, segundo o Gamurrini e outros.

[3]Abreviatura de GIOVANNI LETO.

Este foi casado com uma filha do conde Guido Guerra III,[4] ou Guido "Sangue," conde de Modigliana, † depois de 20.9.1220, e da condessa Gualdrud ou Gualdrada, filha de Bellincione di Uberto de' Ravignani (o nome *Guido*, comum na descendência Cavalcanti do casal, parece provir deste casamento). P.d.:

V. CAVALCANTE DE' CAVALCANTI foi cônsul da comuna florentina em 1176. Sr. dos castelos de Lugo, de Ostinain em Val d'Arno, e delle Stinche, em Val di Greve; † antes de 1202.[5] Sua mulher pode ter sido uma Adimari, pelo nome de um dos filhos. P.d.:

- Aldobrandino Cavalcanti, dado em 1200 e em 1204 como cônsul da comuna de Florença e citado em 1215 num tratado com Bolonha; estava no conselho dos anciães em 1214. Teve o filho Gianigosso Cavalcanti, de quem descende uma linha que se extinguiu em Florença em 1719 na pessoa do Cavaliere Aldobrandino di Sebastiano Cavalcanti.
- Cavalcante de' Cavalcanti, que segue.
- Adimaro Cavalcanti, † antes de 1228, cônsul da comuna de Florença em 1176, e depois em 1203; c.c. Isabella degli Amidei. Foi senhor de Montecalvi, que teve por dote da avó, filha do conde Guido "Sangue" di Casentino.[6]

---

[4]A genealogia dos Condes Guidi, pelo site de Davide Shamà, é longa e antiga:

- *I. Conde Theudigrimus* ou Tegrimo, de origem lombarda, † antes de 941, era sr. do castelo de Modigliano, e c.c. Engelrada (n. antes de 909 — † antes de 941), filho de Martinus, *dux*, e neto de Gregorio, que vivia em 838, igualmente intitulado *dux*. P.d.:
- *II. Conde Guidus I*, ou Wido (n. antes de 943 — † antes de 963, Conde de Modigliana e de Pistoia. C. (1) c. Sibilda ou Richilda, † depois de 943, e c. (2) c. Gervisa, viva em 958. Provavelmente do primeiro leito:
- *III. Conde Tegrimo II*, † antes de 990, Conde de Modigliana. C.c. Ghisia, filha do Marquês Ubaldo, viva em 1006. P.d.:
- *IV. Conde Guido II*, † antes de 1034, Conde de Modigliana. P.d.:
- *V. Conde Guido III*, vivo em 1034, Conde de Modigliana. C.c. Adeletta, † depois de 1043, filha de Ildebrando dos Ildebrandeschi. P.d.:
- *VI. Conde Guido IV*, que vivia entre 1053 e 1100, e † antes de 1103. Conde de Modigliana, c.c. Ermelina, † antes de 1096. P.d.:
- *VII. Conde Guido V*, chamado *Guido Guerra I*, Conde de Modigliana, vivo em 1086, † entre 1122 e 1124. Foi adotado pela grande Marquesa Mathilde. C.c. Imiglia di Reginaldo, viva entre 1106 e 1146. P.d.:
- *VIII. Conde Guido VI*, ou Guido Guerra II, † 1157, Conde de Modigliana. C.(1) c. Adelaida, filha de Alberto Conde de Romenia, e c.(2) c. Trotta, † depois de 1157. Do primeiro leito:
- *Conde Guido VII*, ou Guido Guerra III, Conde de Modigliana, condestável dos florentinos como o pai, c.c. Gualdrada.

[5]Segundo as notas de Andrea di Lorenzo Cavalcanti à genealogia em ms de Ammirato, BNCF.

[6]Citado em 1201 como "Adimaro di Giannileto," sendo que deve ter havido omissão do patronímico intermediário:

Al Libro intitolato Kaleffo Vecchio esistente nell' Archivio delle Riformagioni della Città di Siena, apparisce a 30. quanto appresso:

Figura 3: *Castelo dos Condes Guidi em Poppi.*

Tiveram um filho, Giovanni Cavalcanti, casado com Giovanna ..., † em 1323 esta Giovanna.

- Pazzo Cavalcanti, ancestral do ramo napolitano. Segue no § 4.

VI. MESSER CAVALCANTE DE' CAVALCANTI, da Parte Guelfa. Pai de vários filhos:

- Schiatta, que segue.

- Giovanni, dito *Gianni Schicchi*, atestado em 1204 e citado por Dante e tema de ópera de Puccini.

  Giovanni, detto Schicchio ou Schicchi, de' Cavalcanti foi um comerciante e homem público florentino. O episódio que lhe deu fama tem contornos de farsa: quando morre Buoso Donati o velho, mercador riquíssimo, Gianni Schicchi, tendo o talento de imitar muito bem outras pessoas, mete–se no leito do falecido e, passando–se por um Buoso Donati ainda agonizando, faz convocar um tabelião a quem dita um testamento falso (favorecia Simone Donati, sobrinho de Buoso e amigo de Schicchi). Dante, casado com uma Donati, não lhe perdoou o fato, e o coloca nos quintos do inferno.

  C.c. uma Latini. † antes de fevereiro de 1280. P.d.:

  - Bettino Cavalcanti.
  - Messer Guiduccio Cavalcanti, atestado em 128... como membro do conselho dos anciães. P.d.:
    - Salvestro Cavalcanti, mencionado em 1317.
    - Bartolo Cavalcanti, idem em 1317. Pai de Schicchio e de Becco.
    - Amerigo Cavalcanti.

- Ciappo Cavalcanti. Dos *anziani* em 1226.

- Poltrone Cavalcanti. Deste descende uma linha que se extingue em Florença em 1678 na pessoa de Francesco di Giambattista Cavalcanti, casado com Settimia Guicciardini.

VII. MESSER SCHIATTA CAVALCANTI algumas vezes é colocado na geração anterior, mas as datas de seu neto Guido o sugerem aqui. Atestado em 1220. P.d.:

In nomine Domini Amen. Haec sunt nomina Florentinorum qui iuraverunt Senensibus ad breve, cuius tenor talis est.

In nomine Domini Amen. Ego iuro ad Dei Evangelia concordiam, & securitarem compositam, & ordinatam inter Florentinos, & Senensis, sicur scripta est manibus Ranerii Iudicis Senensis, & Guerii Iudicis Florentini firmam, & ratham toto tempore vitae meae renere, & cam non rumpere, nec in consilio, vel facto, seu ordinamento, vel assenzimento, quod rumpatur, vel vitietur aliquo modo, & haec omnia observabo bona fide, omni fraude remota, & malicia, & sophismate, & omni malo ingenio.

Hi omnes iuraverunt in anno Domini 1201. Ind. 4 tertio Kal. Maii.

Aldimaris Iannis Leti

Et isti similiter iuraverunt eodem anno, & Indiet die... Kal. Maii, & c.

Ildibrandinus Cavalcantis (Marchionne di Coppo Stefani, *Istoria Fiorentina* (1776)).

- Messer Cavalcante de' Cavalcanti, que se casa em 1254. Pai do grande poeta:
  - Guido Cavalcanti. Dá–se aqui uma breve biografia do poeta. Guido di Cavalcante de' Cavalcanti nasceu em Florença em 1255. Depois da derrota dos guelfos em Montaperti em 1260 — sua família era guelfa — saem de Florença os Cavalcantis, mas retornam para que, na paz entre guelfos e gibelinos, Guido Cavalcanti case–se em 1267 com a filha de Farinata degli Uberti, chefe gibelino. Exilado em 1300, Guido morre em 29 de agosto do mesmo ano em Florença, tendo–se–lhe sido permitido retornar a Florença *in extremis*. Depois de Dante, e junto a Petrarca, é o maior poeta florentino do começo da renascença. Bice degli Uberti e Guido tiveram os filhos:
    - Niccolò Cavalcanti, pai de um Giovanni; e
    - Andrea Cavalcanti.
- Scolaio, que segue.

Nesta oitava geração encontra–se, com filiação indeterminada, Maddalena Cavalcanti, que teve seu *floruit* c. 1260, e que se casou com Strozza di Messer Ubertino, ancestral dos Strozzis e de boa parte do patriciado florentino.

De *Pagno Strozzi*, um dos filhos de Strozza Strozzi e de Maddalena Cavalcanti, este Pagno tendo sido gonfaloneiro em 1297, c.c. Bartolommea Monaldo † 1358, foi filho *Filippo Strozzi* † antes de 1334, prior várias vezes. C.c. Biccia, filha de Mariano Trincavelli. P.d. *Giovanni Strozzi*, condottiero. C.c. Antonia, filha de Lippo Berti. P.d. *Leonardo Strozzi*, prior em 1373, 1377 e 1383. Da primeira mulher Maria, filha de Conte (nome próprio) degli Alberti, teve a *Costanza Strozzi*, testada em 1379 e então falecida. C.c. *Luigi Guicciardini.* Pais de *Niccolò Guicciardini*, † testado 1407, prior em 1399 e 1406. C. (1384) c. Bice, filha de Giovanni Strozzi. P.d. *Nanna Guicciardini*, 2a. mulher de *Francesco Tornabuoni*, † 1436. P.d. *Lucrezia Tornabuoni* (1427–1482). C.c. *Piero de' Medici il Gottoso*. P.d. *Lorenzo de' Medici, il Magnifico.*[7]

VIII. MESSER SCOLAIO CAVALCANTI teve três filhos:

- Messer Bottaccio, c.g.
- Schiatta, que segue.
- Scolaio detto Bamboccio, c.g.

IX. MESSER SCHIATTA CAVALCANTI foi p.d.:

- Arrigo, que segue.
- Poltrone.

[7] Para estabelecer o parentesco a Lorenzo il Magnifico usamos as tabelas genealógicas de Davide Shamà, online.

X. ARRIGO CAVALCANTI é atestado em 1357, entre os *Dieci di Mare*.[8] Era um *magnata*, ou seja, da nobreza antiga, excluídos em geral do governo da cidade. P.d.:

XI. JACOPO CAVALCANTI.[9] É o tronco de um dos ramos destes que renunciaram aos privilégios magnatícios, adotando esta linha o nome *de' Cavalleschi*. P.d.:

- Guido, que segue.
- Ridolfo Cavalcanti.
- Benedetto Cavalcanti, franciscano, bispo de Rapolla, † 1374.

SEPULCHRUM REVERENDISSIMI D. ET D. FRATRIS BENEDICTI DE CAVALCANTIBUS SACRAE THEOLOGIAE MAGISTRI, ORDINIS MINORUM DEI GRATIA EPISCOPI RIPOLANI, ET RIDULPHI ET GUIDONIS FRATRUM EIUS ET DESCENDENTIUM AN. SAL. MCCCLXXIV, RENOVATUM A FRANCISCO MATTHAEI DE CAVALCANTIBUS AN. MDLXX (1).

ET ITERUM CUM TOTA AEDE AN. MDCCCXV.

Figura 4: *Transcrição do epitáfio do bispo de Rapolla (cortesia de S. U. Cavalcanti).*

XII. GUIDO DE' CAVALLESCHI, atestado como filho de Jacopo em 1387.[10] Entra na Arte di Calimala (corporação dos comerciantes de lã) em 1373; torna–se um de seus cônsules (dirigentes) em 1393.

Em 1408 é dado como de S. Domenico. C.c. Corradina di Piero di Camantino de' Gherardini. Pais de:

- Antonio, que segue.
- Jacopo.
- Giovanni Cavalcanti, c.g. (pai de Bernardo, Tommaso e Guido).
- Andrea, Bartolommeo e mais outros dois, s.g.

XIII. ANTONIO CAVALCANTI ou ANTONIO DE' CAVALLESCHI, n. 1404[11] e atestado em 1426 (e depois em 1430) como irmão de Jacopo e filho de Guido de' Cavalleschi, foi o p.d.:

[8]Ammirato coloca a este Arrigo como filho de Messer Schiatta, e cita-o nas *Istorie Fiorentine*, vol. III, livro XI. Andrea Cavalcanti, nas suas anotações às tábuas de Ammirato, coloca–o como pai de Jacopo, abaixo.

[9]Conforme bem o notou Silvio Umberto Cavalcanti, a genealogia segura principia aqui. Para trás usamos a linha tradicional, e mais as anotações de Andrea Cavalcanti à árvore de Ammirato.

[10]Está assim referido como pai dos filhos Antonio e Jacopo em 1426 no *Registro d'Huomini e Donne Cavalcanti*, segundo descobriu Marcelo Cavalcanti; ASF Fondo Mannelli Galilei Riccardi Pezzo 481.

[11]Silvio Umberto Cavalcanti dá 1402, mas parece escrito 1404 no ms de Ammirato com as notas de Andrea Cavalcanti.

- Piero.
- Jacopo, pai de um Filippo e avô de um Schiatta.
- Guido Cavalcanti, p.d.:
  - Giuliano, Antonio, Ridolfo, Federigo e Filippo.
    Antonio teria deixado descendência em Florença.
- Filippo, que segue.
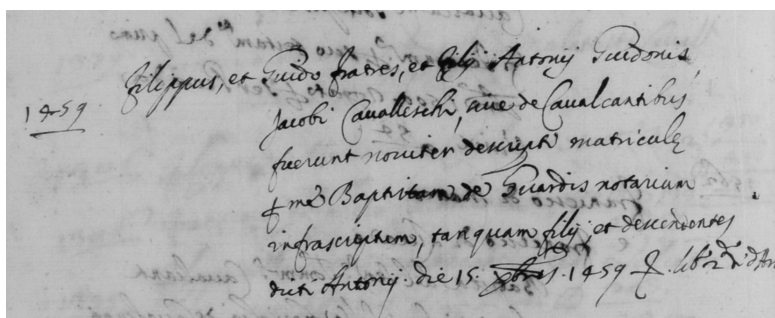
Figura 5: *Filippo di Antonio de' Cavalleschi.* (Registro d'Huomini...)

XIV. FILIPPO CAVALCANTI[12] é o tronco do ramo brasileiro. Lê–se a seguinte ementa no *Registro d'Huomini e Donne...* :

> *1459*
>
> *Filippus, et Guido fratres et filij Antonij Guidonis Jacobi Cavalleschi, siue de Cavalcantibus fuerunt noviter descripti matricula q me Baptista de Guardis notarius intrascriptum et descendenres dicti Antonij*
>
> *die 15 Xbris 1459 - Libri d'Arte*

P.d.:

- Lorenzo, que segue.
- Jacopo Cavalcanti, com dois filhos:
  - Jacopa, n. 1453, c.c. Jacopo di Girolamo di Matteo Morelli.
  - Filippo, pai de Maria, n. 1497, c.c. Jacopo di Francesco Rinuccini.

[12]Diversas referências fazem ancestral do ramo brasileiro a um Antonio Cavalcanti — retomara o nome da família então — dado enganosamente como pai de Filippo di Giovanni, quando seria pai do bisavô homônimo. A fonte de Ammirato parece ter sido o pe. Manuel Cavalcanti, brasileiro, neto de Filippo di Giovanni. Este Antonio Cavalcanti, ou Antonio de' Cavalleschi, atestado em 1426, coloca–se com certeza nesta geração, e não posteriormente, como o faz Ammirato.

XV. LORENZO CAVALCANTI. Casou com Contessina, filha de Ugo di Rinaldo Peruzzi.[13]

Pais de:

- Giovanni, que segue.
- Schiatta.
- Maddalena, n. 1489, c.c. Bernardo di Simone Mazzinghi.
- Caterina, c.c. Paolo di Agnolo Baglioni.
- Selvaggia; e outra Maddalena.

XVI. GIOVANNI CAVALCANTI. Grande comerciante, nasce em Florença em 1480. Em 1521, Giovanni di Lorenzo Cavalcanti está de volta a Florença, e lá se casa com Ginevra, filha de Francesco di Lionardo Mannelli. Giovanni di Lorenzo Cavalcanti morreu em Londres em 1542; teve com *monna* Ginevra diversos filhos, entre os quais Schiatta, que sucedeu ao pai na gestão dos negócios ingleses, Guido, que serviu a Caterina de' Medici e a acompanhou quando esta se mudou para a França, e Filippo, que vem para o Brasil.

Giovanni Cavalcanti nasceu em Florença em 8.10.1480; foi batizado em Santa Croce, em 11 de outubro, às 4 da tarde. Era filho de Lorenzo di Filippo Cavalcanti, e de Contessina, filha de Ugo Peruzzi — e é possível que, nos Peruzzi, se aparentasse aos Médicis do ramo primogênito. Giovanni Cavalcanti fixa–se em Londres, como mercador, desde 1509, ou talvez um pouco antes. Torna-se logo fornecedor da corte inglesa: especializa-se em bens suntuários, vende tecidos caros, damascos, panos tecidos com fios de ouro; faz a negociação

[13]Os Peruzzi eram do *sesto* de San Pier' Scheraggio; seu palácio fica perto da Piazza della Santa Croce. A genealogia de Contessina é a seguinte, feita sobre as *tratte* e o *Catasto* de 1428. Em meados do século XIV, sendo banqueiros, junto com os Bardi, de Eduardo III rei da Inglaterra, vão à falência quando este rei recusa–se a lhes pagar os empréstimos feitos para lhe financiar a guerra contra a França:

I. *Arnoldo Peruzzi* é atestado na primeira metade do século XIII. P.d.:

II. *Pacino Peruzzi*, prior em 1284, 1286, 1288, 1294 e gonfaloneiro em 1297. P.d.:

III. *Rinieri Peruzzi*. Prior em 1307. Pai de:

IV. *Luigi Peruzzi*; foi gonfaloneiro *di compagnia* em 1347. P.d.:

V. *Rinieri Peruzzi*, s.m.n. P.d.:

VI. *Rinaldo Peruzzi*. N.c. 1370; é um dos *buonomini* em 1391. Estava vivo em 1428. P.d.:

VII. *Ugo Peruzzi*, pai de:

VIII. *Contessina Peruzzi*, mulher de Lorenzo di Filippo Cavalcanti.

Figura 6: *Armas aumentadas, concessão de Henrique VIII a Giovanni Cavalcanti em 1520: de prata semeado de cruzetas de vermelho, com uma asna de azul carregada de duas flores de liz de outro, e entre estas um leonel do mesmo.*

de objetos de arte, de quadros a esculturas e, enfim, vende projetos para monumentos, sobretudo monumentos fúnebres. Uma das negociações, que Cinzia Sicca examina em detalhe, é o projeto de um mausoléu para Henrique VIII e sua mulher (de então), Catarina de Aragão.

Giovanni di Lorenzo Cavalcanti corresponde–se, no exercício de seu ofício, com artistas como Michelangiolo. É citado por Vasari. Suas atividades dão–se no eixo Londres–Florença–Roma. Ligado aos Médicis, devido à posição que tem no ambiente político de Florença e através de parentesco ao ramo dito *popolano* da família de' Medici, torna-se uma espécie de faztudo para o Cardeal Giovanni de' Medici em Londres. Quando este é eleito papa em 1513 e torna–se no papa Leão X, Giovanni Cavalcanti é feito *cameriere segreto* papal,[14] o que lhe dá um status de primeiro plano ao se apresentar perante Henrique VIII. Envolve–se na diplomacia que cerca a concessão do chapéu de cardeal a Wolsey, principal ministro de Henrique; está ao lado do rei inglês quando este vai se encontrar com Francisco I de França no Campo das Tendas de Ouro (sabemos disso graças a uma citação feita em 1520) e, enfim, novamente participa de uma negociação entre o papa e o rei da Inglaterra, quando graças a um tratado que Henrique escreve contra Lutero, Leão X concede–lhe a Rosa de Ouro e o título de *Defensor Fidei*.

Em 1521, Giovanni di Lorenzo Cavalcanti está de volta a Florença, e lá se casa com Ginevra, filha de Francesco di Lionardo Mannelli. Francesco Mannelli era o sócio de Giovanni Cavalcanti em Florença nos negócios de produção, compra e venda de tecidos de seda, pois os Mannelli eram *setaiuoli*, donos de uma tecelagem de seda. Eram gente rica, recentes nesse comércio de seda, mas com uma história interessante, entremeada a fundo à história de Florença. Pois os Mannelli eram gibelinos — embora um ramo algo desgarrado do clã tenha optado pelo partido guelfo — e de origens feudais autênticas mas longínquas. Em 1260, Tommasino e Simone, filhos de Rinucinno di Benintendo Manneli, são conselheiros gibelinos da comuna; em 1261 encontramos Abate, filho de Abate Mannelli. Atestam-se como comerciantes depois de 1280, e por esta época uma violenta vendetta opõe os Mannellis à família Velluti. Em 1278 é chefe do ramo guelfo certo Mannello Mannelli, comerciante riquíssimo.

Ginevra Mannelli era bisneta de Niccolò Mannelli, e trineta de outro Lionardo Mannelli, nascido em fins do século XIV.

Em 1520 Henrique VIII concede–lhe um acrescentamento às armas: numa descrição segundo as regras da heráldica, as armas de Giovanni Cavalcanti passam a ser, depois do acrescentamento, *de prata, semeado de cruzetas recruzetadas de vermelho, com uma asna de azul, brocante sobre o semeado, carregada de um leonel de ouro no ápice, entre duas flores de lis do mesmo. Elmo de prata aberto e guarnecido de ouro, paquife de negro e prata, e por timbre, saindo do virol, um cavalo alado saltante, a parte anterior de prata, asas de azul, saindo de um fogo de vermelho e ouro.*

O texto completo da carta d'armas, em transcrição comunicada por Cinzia Sicca, é:

---

[14]Uma espécie de assistente do solio pontifício; um de seus deveres, ou privilégios, era o de carrefar o caixão do papa.

Henricus Dei grã & c. - ≪Laudatissimi moris semper est habitum vt hi quorum industria in aliquo pulchro facinore praeclara extitisset, virtutis armis et meritis meritae gloriae insignijs decorarentur, quo laudis desider non solum quod virtuti consonum antea edidissent, illustrarent et augerent, verum etiam suo exemplo ad huiusmodi quodpiam gerendum caeteros inflammarent ac prouocarent, immensumque gloriae calcar ex hac dignitate aliys adderent, vnde factum est vt generis nobilitatem et antiquorum suorum prosapiam virtute Comite clariore effecerint. Nos itaque nobiscum perpendentes generosi ac dilecti nobis viri Johannis Cavalcantis ciuis Florentini animi magnitudinem ingeniy excellen-tieam et summan in rebus agendis peritiam, egregys animi dotibus adiunctam, nec non paren erga nos fidem pluribus officiys diu antea comprobatam, aliquod nostrae in ipsum affectionis signum exhibere voluimus, et inter Regiy nostri cubiculi nobilis charosque familiares adsigniuimus et adscripsimus: Cumque praeter cõmemoratas virtutes in dies magis optime de nobis merendi cupidum esse peroipiamus, aliquod honoris premium, et nostrãe gratitudinis indicium haud obscurum illi declarare voluimus, ipsiusque Arma quibus ab antiquo suo stemmate acceptis argenteo campo integris et dimidiatis rubeis orucibus in acutum ordine insertis vtitur, ex nostros quaog insignim et Armors additione et augmentatione in huno qui sequitur modum decorauimus et ornavimus, videlicet vt dicti Johannis Arma ceruleo vallo in inflexum per nos apposito distinguantur, cuius ortrung latus aureis duobus liliys ornatur, in medio autem spacio aureus leo incedens ac hianti ore tprue inspiciens, inter haec duo lilia concluditur. Pars vero scuti eminentior galea argentea auro circundata nonnullis hinc inde ex nigro pluribus ex argento appendicibus ornatus gratia distinetur pro casca deinde fascis ex viridi et argento intortus insidet cuius sumitas flamma continetur ex hac Pegasus equus anteriori parte argenteus, posteriori vero per fissuram auro coriscans rubeis ceruliysg alis ex auro insertis guttis ferocissime susultans videlicet Quae arma in harum litera margine proprijs depicta coloribus apertius omnibus inspicere atg insigniys nostris armor additione idem Johannes servus ac familiares noster eiusg haeredes legitimig successores e suo corpore prodeuntes, libere et tute inperpetuu non secus vtantus quam hi ab antiquo propria illi fuissent. In quorum omnium robur et testimonium, & tc.

Dificuldades políticas junto à senhoria florentina levaram ao confisco de bens do consórcio Bardi e Cavalcanti em 1528, o que provocou uma inusitada manifestação de solidariedade por parte de Henrique VIII, que para manifestá–la chega a designar embaixadores junto ao governo florentino, Francisco Bryano e Pietro Vanno.[15]

[15] Em tradução para o italiano comunicada por Silvio Cavalcanti, eis o texto da carta de Henrique VIII, dirigida diretamente a Giovanni di Lorenzo Cavalcanti:

Enrico per grazia di Dio Re d'Inghilterra, Francia, difensore della fede e duca d'Irlanda. Al Magnifico Sig. Giovanni Cavalcanti servitore nostro amato al grado più elevato. Alle nostre orecchie pervenne e certamente assai ci dispiacque per il nostro affetto verso te, e per

Henricus Dei gra Rex Angliæ et franciæ fidei defensor ac Dns hiberniæ / Mag^co^: viro Joanni Caualcati serui
tori nro plurimum dilecto sal / Ad aures nras peruenit et certe admodum nobis displicuit ob nrum in te amorē
et ob fidelitatem atq obsequia erga nos tua / diminutio ac detrimentū rerum tuarum quod diebus superioribus
non tua quidem culpa (ut accepimus) sed aliorum dolis et fallacia tibi accidisse intelleximus, tuiq istius infortu-
nij miseremur, quod tamen ut æquiori animo feras tum tua innocentia tibi suadere debet tum etiam nos
hortamur qui ut antehac te semper amauimus et diligimus sic infuturū etiam dilectionem ac fauorem nrum
tibi non defuturū pollicemur. Præterea nris impensius lris te res tuas et Petrū franciscū de bardis tuum hic agen
tem ex animo commendamus Vro istic vexillifero quem cum plurimū in ista vra rep^ca^: authoritate pollere
acceperimus speramus et tibi usui esse posse et in occurrentibus tuis negocijs non defuturum: Iniunximus etiā
dilectis nobis Mag^co^: Dno francisco bryano et Dno Petro vanno, quos oratores nris in Italiam nunc destinaui-
mus, ut sua opera tibi ubicunq opus fuerit vro nomine adsint et faueant, quod ab eis factum iri non dubita-
mus, bono itaq et forti te animo esse iubemus, perinde in secundā ac in aduersā fortunā undiq parato /
Et bene vale / Ex Regia nra Londini Die xxiiij Nouembr M. D. XXVIIJ:

22

Petrus Vannes:

Figura 8: *Carta de Henrique VIII a Giovanni di Lorenzo Cavalcanti, 1528 (ASF).*

Giovanni di Lorenzo Cavalcanti era um homem de grande requinte e gosto muito elaborado: ainda jovem, corresponde-se com Luigi Guicciardini sobre a descoberta do Laocoon em Roma (isso, em 1506); em 1508, em cartas sempre dirigidas àquele Guicciardini, discute a descoberta de tumbas etruscas em Castellina. Foi quem atraiu para Londres o escultor Pietro Torrigiano, de quem conhecemos o busto de Henrique VII, hoje no Victoria and Albert Museum.

Giovanni di Lorenzo Cavalcanti morreu em Londres em 1542

Com Monna Ginevra foi o pai de:

- Filippo, que segue na próxima seção, tronco do ramo brasileiro. .
- Guido Cavalcanti, que acompanhou Caterina de' Medici (1519–1589) à França quando esta se casou com o futuro Henrique II.
- Schiatta Cavalcanti, n. em Florença em 17.9.1527, e que depois da morte do pai em 1542 sucede nos negócios familiares em Londres.
- Giovanni Cavalcanti, que em 1587 e 1588 se corresponde com Giordano Bruno, este residindo em Londres e Giovanni em Roma, segundo o testemunho de Sir Edward Stafford.

la fedeltà e i servigi tuoi verso di noi, la confisca e la perdita del tuo patrimonio che nei giorni trascrissi non per qualche tua colpa come venimmo a sapere ma per altrui inganni e falsità apprendemmo accadesse a te e ti commiseriamo per questa tua disgrazia, tuttavia come la tua innocenza deve esortarti a sopportare con animo sereno così ti incoraggiamo anche noi, che prima d'ora sempre ti amammo e aiutammo e ti promettiamo anche che in futuro non ti mancherà né l'affetto né il nostro favore. Inoltre con le nostre lettere per l'ingiustizia in questa occasione ti raccomandiamo il tuo patrimonio e il tuo parente Pietro Francesco de Bardi e per il vostro animo vessillifero della ingiustizia con autorità ci assumiamo, per giustizia, di avere grandissima influenza nella vostra repubblica, speriamo che possa esserti di giovamento e non venir meno nelle tue difficoltà che si presenteranno: imponemmo anche al Magnifico Signore Francesco Bryano e al Signor Pietro Vanno a noi diletti, che dianzi designammo nostri ambasciatori in Italia affinché ti assistano con la loro opera dovunque sarà per nostro conto e favoriscano ciò che non dubitiamo sarà fatto da loro, pertanto vogliamo che tu sia di animo buono e forte e preparato dappertutto nella favorevole e nella avversa sorte. Buoni auspici Dalla nostra Reggia di Londra, addì 20 novembre 1528

2 *Filippo Cavalcanti no Brasil.*

Dois fatores básicos motivaram migrações de membros dos patriciados locais italianos, de Florença e Gênova, sobretudo, para Portugal: primeiro, a perícia nas artes das navegações, que levaram a Portugal os Pezagni/Peçanhas, depois almirantes de Portugal; os Pallastrellis, tornados em Perestrelos, ou os navegadores Vivaldi e Usodimare. O segundo motivo, os interesses comerciais. É o caso dos Dorias, na Madeira, associados aos Lomellinis no cultivo da cana e venda do açúcar desde 1480; dos Dorias nos Algarves, onde Francesco Doria, genro de Lodisio Centurione, financia a Colombo, entre outros, e seu filho, neto de Centurione, Aleramo Doria, financia as explorações e campanhas militares de D. João III, já em Lisboa. Ou dos Acciaiolis: Simon Acciaioli vai para a Madeira em 1508, muito jovem, para ajudar nos negócios ao tio, lá fixado, Benozzo Amadori — aliás, marido de Petronilha Gonçalves, viúva de um Doria. Comércio, e não política, fez essa gente migrar.

Parece ter sido esse último o caso de Filippo Cavalcanti. Não se conhece qualquer fundamento documental em fonte primária coetânea apoiando a suposição de que migrara fugindo a perseguições políticas em Florença.

XVII. FILIPPO CAVALCANTI é destes quem passa ao Brasil. Nasceu em Florença em 12.6.1525, tendo sido batizado em Santa Croce. Vem para o Brasil depois de 1558, provavelmente em 1560, e aqui no Brasil se casa com Catarina de Albuquerque, n.c. 1545, filha de Jerônimo de Albuquerque "o torto"[16] e da

[16]É a seguinte a genealogia de Jerônimo de Albuquerque:

- *I. Gonçalo Lourenço de Gomide* foi escrivão da puridade de D. João I, e sr. de Vila Verde dos Francos (Torres Vedras). Seria irmão de Vasco Martins de Gomide, prior do Crato, e filhos de Nuno Martins de Gomide. Gonçalo Lourenço esteve com D. João I na tomada de Ceuta, quando foi armado cavaleiro. Cc. Inês Leitoa, filha de Vasco Martins Leitão, sr. de Albufeira. P.d.(e.o.):

- *II. João Gonçalves de Gomide*, sr. de Vila Verde. C.c. D. Leonor de Albuquerque, filha de Gonçalo Vaz de Mello, sr. de Castanheira, Povos e Cheleiros, e de s.m. D. Isabel de Albuquerque, filha de Vasco Martins da Cunha, sr. da Tábua, e de s.m. D. Teresa de Albuquerque. João Gonçalves matou sua mulher e foi degolado em praça pública devido ao crime, tudo se dando antes de 1439; os filhos adotaram o apelido da mãe.

  D. Teresa de Albuquerque, mulher de Vasco Martins da Cunha, era por sua vez filha bastarda de D. Fernando Afonso de Albuquerque; neta igualmente por bastardia de D. João Afonso de Albuquerque "o do ataúde," n. 1320 e † 1367, mandado assassinar por seu primo el–rei D. Pedro I "o cru," — e enfim bisneta de D. Afonso Sanches, primogênito ainda que bastardo, de D. Diniz "o lavrador," e de sua mulher D. Teresa Anes, filha de D. João Afonso Telo, sr. de Alburquerque e Conde de Barcelos.

índia Maria do Arcoverde. Havia solicitado a Cosimo de' Medici uma certidão de nobreza, que recebe no seguinte teor:

> *Cosimus Medices Dei Gratia Florentiae et Senarum Dux II. Universis et singulis ad quorum manus presentes advenerint litere, salutem et omnem prosperitatem etc. Familia Cavalcantum in hac nostra Florentina civitate, pariter et Familia Mannellorum singulari nobilitate ac splendore refulgent, ex quibus multi hactemus prodiere viri de Nobis et nostris progenitoribus, universaque civitate benemeriti illi enim huius Nostre Reipublicae successivis temporibus quoscumque honores ac dignitates adepti sunt, et supremos Magistratus summa cum laude gesserunt, et propria suae agnationis insignia patritiorum florentinorum more gestantes suis campis probatisque coloribus distincta ut hic videre licet, veluti alii splendidissimi in patria optimates vixerunt. Quae inter Johannem Cavalcantem Philippi Cavalcantis patrem precipue conmemoramus, qui in hac civitate de gens Genepram Mannellam iam pridem clarissimam duxit uxorem, et predictum Philippum ex ea legitimo matrimonio suscepit filium, qui nobilissimo Lusitaniae Regno haudquaquam a suis parentibus degenerans honoratissimo sumptu commoratur. Quamobrem familias ipeas earumque gentiles, ut decet, diligimus, et ipsum Philippum propteres significamus prefatis ingenuis parentibus Johanne vz et Genepra legitimis natalibus, et benestissimis familijs ortum merito nobis esse carissimum, et harum literarum nostrarum testimonio, quas plumbei nostri sigilli appensione communiri iussimus, sue nobilitatis fidem facimus. Optamus insuper rogamusque in gratiam nostram quodcunque opportunum ipsi fuerit honoris, et commodi non vulgari benignitate conferrit. Erit enim id nobid gratissimum et quod maioris obsequij loco acceptum feramus. Datum Florentie in nostro Ducali Palatio, die xxiij Augusti 1559. Ducatus vero nostri Florentini xxiij Senensis iij.*

A tradução usual é:

> *Cosme de Medicis, por graça de Deus, Duque segundo de Florença e Siena. A todos e a cada um a cujas mãos chegarem as presentes letras, saúde e prosperidade etc. A família dos Cavalcantis nesta cidade de Florença, como também a familia dos Mannellis resplandecem com singular nobreza e luzimento, das quais até este tempo tem saído varões de Nós, de nossos Progenitores, e da nossa Republica beneméritos porque elles tem alcançado em sucessivos tempos todas as honras e dignidades da nossa cidade, e tem*

P.d. (e.o.):

- *III. João de Albuquerque*, "o Azeite," que c.c. D. Leonor Lopes, filha do desembargador Dr. Lopo Gonçalves, casado com uma possível judaizante. P.d.:
- *IV. Lopo de Albuquerque*, "o Bode," que c.c. Joana de Bulhões, filha de Afonso Lopes de Bulhões, cidadão de Lisboa. P.d.:
- *V. Jerônimo de Albuquerque*, "o Torto," que passa ao Brasil e tem filhos com Maria do Arcoverde.

> *servido os Supremos Magistrados com grande louvor; e trazendo as armas próprias de sua Familia, à maneira dos Patrícios Florentinos distintas em seus campos e cores concedidas, como abaixo se pode ver, viverão como os outros mais luzidos Fidalgos de sua Pátria. Entre os quaes contamos principalmente, a Giovanni Cavalcanti, pai de FiIippo Cavalcanti o qual vivendo nesta cidade em tempos passados casou com a nobilíssima Ginevra Mannelli de quem teve de legítimo matrimônio ao dito Filippo Cavalcanti o qual não degenerando de seus pais, vive com toda a pompa no nobilíssimo Reino de Portugal. Pelo que amamos, como nos é licito, as mesmas famílias e a seus descendentes, e alem disto significamos que o mesmo Filippo Cavalcanti nascido dos ditos pais nobres, a saber: Giovanni e Ginevra, de legitimo matrimônio, e de famílias muito nobres com razão é muito amado de Nós, e com o testemunho das presente letras, que mandamos selar com nosso sêlo pendente de chumbo, certificamos sua nobreza. E alem disto desejamos e pedimos, que por nosso respeito se lhe faça com muita benignidade toda a honra porque nos será isto muito agradável e o teremos em grande obséquio. Dado em Florença no nosso Palácio dos Duques. Agosto de 1559 e do nosso Ducado Florentio 23^0 e de Siena o terceiro.*

Dele conta Scipione Ammirato, na sua *Istoria della Famiglia de' Cavalcanti*:

> *Filippo di Giovanni Cavalcanti, irmão* [de Guido e de Schiatta] *foi grandíssimo homem, que por volta do ano de 1550 partiu de Florença e andou no reino de Portugal, em Lisboa, e de lá passou ao reino do Brasil, distante de Portugal três mil milhas pelo mar, e chegou na cidade de Pernambuco, à vila de Olinda no dito reino, no qual se fazem grandíssimas quantidades de açúcar, e se tornou rico. Se aparentou* [casou–se] *com a senhora D. Catarina, filha do senhor Jerônimo de Albuquerque, nobilíssimo senhor, de família nobre do reino de Portugal e Brasil. Da qual recebeu alguns engenhos de refinar açúcar, e com seu engenho e modo tornou–se riquíssimo, e naquele país, grandíssimo homem, que adquiriu* [boas] *graças com aquele povo, e governou com seu engenho, porque tinha grande cabeça, todo aquele estado com grandíssima satisfação geral daqueles povos, que o estimavam grandissimamente, e teve muitos filhos, Jerônimo, João, Lourenço, Filipe, que viveram naquele reino honradamente, e não tiveram sucessão todos porque naquele reino se usa que o filho maior é o verdadeiro herdeiro, e lhes toma todos os bens do pai como morgado, e é obrigado a apoiar os outros irmãos. Este foi Antonio, que nasce por volta do ano de 1560, e teve descendência.*

(Corrigiram–se os nomes próprios, e nota–se que Ammirato faz referência indireta ao fato de Filippo Cavalcanti ter sido lugar–tenente do donatário de Pernambuco, isto é, ter sido o segundo homem da capitania.)

Pereira da Costa vai na mesma direção que Ammirato:

> *...como faz também o capitão loco–tenente de Jorge de Albuquerque* [donatário da capitania] *que é Felipe Cavalcanti...*

COS: MED. DEI GRA. FLOREN. ET SENAR. DUX II.

141
Joannis de Cavalcantib. privileg: nobilitatis — et familia Mannellia

Universis et singulis ad quor. manus p̄ntes advenerint litere salute
et omnem prosperitatem &c. Familia Cavalcantum in hac nra
Florentina Civitate pariter et familia Mannellor. singulari nobilitate
ac splendore refulgent, ex quibus multi hactenus prodiere viri
de Nobis, et nostris progenitoribus, universaq. Civitate benemeriti
Illi enim huius nre Reipub: successivis temporibus quoscunq.
honores, ac dignitates adepti sunt, et supremos Magistratus
summa cum laude gesserunt, et propria sue agnationis insignia
patritior. Florentinor. more gestantes suis campis probatisq. coloribus
distincta ut hic videre licet, veluti alij splendidissimi in nra optima-
tes vixerunt. Quos inter Johannem Cavalcantem Philippi Cavalcātis
patrem precipue connumeramus, qui in hac Civitate degens Genepram
Mannellam iampridem clarissimam duxit uxorem, et predictum
Philippum ex ea legitimo matrimonio suscepit filium, qui nobiliss.
Lusitanie Regno haudquaq. a suis parentibus degenerans honoratiss.
sumptu commoratur. Quamobrem familias ipsas earumq. Gētiles
ut decet, diligimus, et ipsum Philippum propterea significamus
prefatis ingenuis parentibus Johanne vz et Ginepra legitimis nata-
libus, et honestissimis familijs ortum merito Nobis esse carissimum,
et har. literār. nostrar. testimonio, quas plumbei nostri sigilli appen-
sione communiri iussimus, sue nobilitatis fidem facimus. Optamus
insuper, rogamusq. in gratiam nraz. quodcunq. opportunum ipsi
fuerit honoris, et commodi non vulgari benignitate conferri. Erit
enim id nobis gratissimum, et quod maioris obsequij loco acceptum
feramus. Datum Florentie in nro Ducali Palatio Die XXVI.
Augusti 1559. Ducatus vero nri Florentini XXVI° Senensis III°.

Figura 9: *Certidão de nobreza de Filippo Cavalcanti passada por Cosimo de' Medici, Duque de Florença em 1558. (Archivio di Stato di Firenze.)*

Da documentação coetânea sabe-se que Filipe Cavalcanti foi lugar–tenente — segundo em comando — na capitania de Pernambuco ao menos entre 1588 e 1590, e possivelmente durante um período mais extenso. Segundo Pereira da Costa, Filipe Cavalcanti já residia em Pernambuco em 1566. E era rico: abaixo citamos o que diz, com pequenas correções.

> *Efetivamente, faustoso tratamento tinha Filipe Cavalcanti em Pernambuco. Filippo Sassetti, comerciante e viajante florentino de fins do século XVI, em interessantes cartas relativas ao comércio dos portugueses no oriente, fornece preciosas indicações sobre o seu compatriota Cavalcanti. Sobre o que escreve Sassetti, e pelo que se lê em trabalhos históricos sobre o desenvolvimento de Pernambuco, Filippo Cavalcanti possuía vários engenhos de açúcar, dispunha de extensos territórios e de muitos escravos, montava cavalos de raça ricamente ajaezados, organizava e tomava parte em cavalhadas e torneios públicos, vestia–se com grande distinção e elegância, orçando as suas despesas anuais em perto de oito mil escudos.*
>
> . . .
>
> *Os engenhos de Filippo Cavalcanti, nomeadamente "Santa Rosa," "Santana" e "Utinga," estavam situados numa légua de terra em quadra, que lhe concedera o segundo donatário Duarte Coelho de Albuquerque, situada no Cabo de Santo Agostinho, e pegadas com as terras de João Pais Barreto, correndo ao longo da ribeira do Arassuagipe, tanto da banda da dita ribeira como da outra, cujas terras foram judicialmente demarcadas em 12 de outubro de 1588 (ver abaixo).*
>
> *Filipe Cavalcanti morreu em avançada idade, antes do ano de 1614 em que faleceu sua viúva— na verdade, conforme o documento de concessão de sua sesmaria, em 1600 ou antes; e foi sepultado na capela de S. João da igreja matriz do Salvador de Olinda, hoje catedral, da qual eles eram os seus padroeiros.*

Filippo di Giovanni Cavalcanti casou-se, provavelmente entre 1560 e 1565, com Catarina de Albuquerque, nascida cerca de 1545, filha de Jerônimo de Albuquerque e de Maria do Arcoverde, a índia que a tradição quer filha do cacique Arcoverde.

Alguns documentos sobre Filippo Cavalcanti.

Primeiro, a concessão, em 1571, da sesmaria do Araripe a Filipe Cavalcanti (a concessão original fora feita em 1565):

> *Senhor Juiz Ordinário,*
>
> *Diz o Alferes Martinho João Torres, senhor do Engenho Araripe de Baixo, que para bem de sua justiça e juntar a uma causa de libelo cível que lhe move Dona Maria Coelho de Reboredo lhe é necessário, em pública forma, o teor da Data de Sesmaria das terras do dito Engenho Araripe de Baixo, com citação do Procurador da Suplicada.*

Pede a Vossa Mercê lhe faça mercê que se lhe de o teor da Data de Sesmaria, em publica forma, por qualquer tabelião, citar o Procurador da Suplicada, tomando–se–lhe a própria. E receberá mercê.

Dê–se–lhe estando em termos sem inconveniente. Pinheiro.

Certifico citei ao Doutor Luiz Fernandes Burgos por todo o conteúdo na petição e se dê por entendido. Goiana, dezenove de maio de mil setecentos e cinqüenta e oito anos. O Tabelião André Mendes. Desta duzentos réis.

E não se continha mais em dita petição, despacho e certidão de citação, feita ao Procurador da Suplicada, de que, outrossim, se segue a Data de Sesmaria, de que o seu teor, de verbo ad verbum, é o seguinte.

Diz o Capitão Jorge Cavalcante de Albuquerque que lhe é necessário o traslado do aforamento e confirmação que a Senhora Dona Jerônima fez a Felippe Cavalcante de Albuquerque,[17] *que a ele lhe é necessário o traslado próprio do aforamento e confirmação, portanto: pede a Vossa Mercê lhe mande dar o traslado, em modo que faça fé, por um dos tabeliães, perante vossa mercê. E receberá mercê.*

Dê-se-lhe como pede. Goiana, dezembro, cinco, de mil seiscentos e cinqüenta e quatro. Lobo.

O traslado do que se pede. Álvaro Luiz do Vale, Procurador do Conde do Monsanto, Donatário desta Capitania, que a ele lhe é necessário o traslado do aforamento e confirmação que a Senhora Dona Jerônima fez a Felippe Cavalcante de Albuquerque[18] *do primeiro Engenho, que é hoje de Pedro Fernandes, e do segundo que é hoje de Duarte Ximenes Caminha, que oferece, pelo que: pede a Vossa Mercê lhe mandar dar, em modos que faça fé, tomando–se–lhe o próprio. E receberá mercê.*

Dê-se-lhe como pede.

Sesmaria do Araripe

Saibam o que esta ratificação e consentimento para sempre virem que, sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e setenta e seis anos, aos vinte e três dias do mês de outubro, nesta Cidade de Lisboa, nas casas em que vive a Senhora Dona Jerônima de Albuquerque de Sousa, mulher de Dom Antônio de Lima, que Deus tem esta, ela Senhora Dona Jerônima de Albuquerque de Sousa, aí perante, digo, aí presente, e disse que ela é Capitã das oitenta léguas de terras da Costa do Brasil, que El Rei, que está em glória, fez mercê a seu pai, Pedro Lopes de Sousa, que Deus tem, e por seu falecimento, deu–se, na dita Capitania, a Matheus Afonso de Sousa, irmão dela Senhora Dona Jerônima de Albuquerque de Sousa, que Deus tem, que ela lhe foi ora mostrado um público instrumento de Datas de Terras de Sesmaria, que fez João Gonçalves, que

[17] Engano: Felippe Cavalcanti, só.

[18] Ver nota precedente.

Figura 10: *Casa grande do engenho "Araripe de Baixo," invocação de N.S. do Ó, hoje. (Fabio Arruda de Lima.)*

ora está por Capitão em Itamaracá, de cinco mil braças de terra em quadro, duas mil e quinhentas braças de largo e duas mil e quinhentas braças de cumprido, em que é duas léguas, as quais deram de Sesmaria, conforme as condições de sesmaria; e assim, deu a Ribeira d'Água contida na Carta de Sesmaria, a qual dita fez e deu a Felippe Cavalcante, Fidalgo da Casa de El Rei, Nosso Senhor, estando nas terras da dita sua Capitania para ele Felippe Cavalcante e para seus sucessores; e assim, deu–lhe a Ribeira d'Água, que vai pela Data das ditas cinco mil braças de terras, e que do primeiro Engenho de Açúcar que fizer se lhe pagasse, de toda a sorte de açúcar, a um porcento, e, fazendo outro segundo Engenho, pagasse–lhe a dois porcento; outrossim, de toda a sorte de Açúcar que se fizesse no tal Engenho, digo, no tal segundo Engenho, pagasse–lhe a dois porcento; outrossim, de toda a sorte de Açúcar que se fizesse tal segundo Engenho; e que bem assim, de todas as moendas e serras d'água que se fizerem, não sendo de Açúcar, pagasse–lhe um cruzado de toda a moenda ou serra d'água, de foro, para sempre; segundo que isto e mais cumprimento, digo, e mais cumpridamente se contém na dita Data de Sesmaria, que consta ser feita por Balthazar Gil, Tabelião da dita Vila de Itamaracá, no ano de mil quinhentos e sessenta e cinco anos, aos vinte dias do mês de setembro; e que ela Senhora viu o dito Instrumento; e que havendo respeito à qualidade e nobreza do dito Felippe Cavalcante e seus herdeiros, digo, Cavalcante ao benefício que lhe dizem começa a fazer na dita sua terra e adiante fizer, consente, na dita Terra e Data, aprová–la por boa e que valha para sempre, com tal condição e obrigação que o tal Felippe Cavalcante e nos herdeiros e

sucessores, para, digo, e sucessores, que, para sempre possuam, conforme a Ordenação de Sesmaria e sua Dação que lhe dever; e pague a sua doação, digo, e pague de toda a sorte a qualidade de Açúcar, no primeiro Engenho, a razão de suas arrobas porcento; e que do segundo Engenho, a razão de três arrobas; isto se entenderá pagando o dízimo, primeiro a Deus, e das que ficar lhe pagarão o dito foro do Engenho, primeiro a dois porcento e do segundo a três porcento; e das mais moendas das terras de Açúcar lhe pagará quatrocentos réis, digo, moendas das serras d'águas e moendas, não sendo de Açúcar lhe pagará quatrocentos réis por cada moenda, de foro, para sempre; com estas condições e obrigações lhe outorgará a dita Escritura e há por boa, como se nela contém; e em testemunho de verdade, assim outorgou, aceitou e mandou ser feito este Instrumento e os que cumprirem; que Eu, Tabelião, como pessoa pública, hipotante e aceitante, em nome do dito Felippe Cavalcante, e o dito ausente, de quem aceito para pertencer dito a cumprir, como dito tem testemunhas que presentes estavam Francisco Vaz, morador nesta Cidade, e Francisco Vellois, criado da dita Senhora, e Antônio de Barros, meu criado, e a dita Senhora Dona Jerônima de Albuquerque, assinou por escrever e, Eu, Antônio do Amaral, Tabelião de El Rei, Nosso Senhor, nesta Cidade de Lisboa e seus termos, que este Instrumento escrevi e assinei, assino de meu público sinal, pagou cento e vinte réis com a Nota e da Distribuição.

[Declaração] Posto que em cima diga duas mil e quinhentas braças, hei por bem de serem as cinco mil braças em quadras,[19] *e por disto ser constante, foi–lhe esta e assinei, hoje, o derradeiro de maio de mil quinhentos e setenta e um anos. Dona Jerônima de Albuquerque de Sousa e, Eu, Matheus Fernandes, Tabelião do Público e das Notas, por El Rei, Nosso Senhor, em esta Cidade de Lisboa e seus termos, faço–lhe e certifico com Antônio do Amaral, que este Instrumento atrás escrito fiz e assinei. Eu Tabelião das Notas da dita Cidade, e por verdade me escrevi e me assinei aqui, deste meu sinal público. Hoje, vinte e seis dias do mês de outubro de mil quinhentos e setenta e um anos.*

Pagou sete réis, o qual Instrumento de Confirmação, eu, Paulo Vaz, Tabelião do Público Judicial e Notas, nesta dita Vila e seus termos, pela Senhora Governadora dela, fiz trasladar do próprio, que se tornou a Antônio Cavalcante, filho do dito Felippe Cavalcante, possuidor dos ditos Engenhos, com o próprio consertei com o Tabelião abaixo assinado comigo, por certeza disso, a que me assinei de meu sinal raso, que tal é em virtude, digo, em vinte e quatro de maio de mil e seiscentos anos. Paulo Vaz.

Consertado com o próprio, por mim Paulo Vaz, Tabelião, e comigo Tabelião Diogo Lopes, o qual Instrumento de Confirmação e Ratificação, Eu, Salvador Pereira, Tabelião do Público Judicial e Notas nesta Vila de Nossa Senhora da Conceição [de Itamaracá], no Ofício de João de Araújo, pelo Conde de Monsanto, Senhor desta Capitania, fiz trasladar do próprio, que

[19] Aproximadamente 11 km $\times$ 11 km.

tornei ao Procurador do Donatário, que assinou de como recebeu bem e fielmente, o que me reporto, e consertei com o Tabelião abaixo assinado; e Eu e Ele me assinei de meu sinal raso costumado, em os dois dias do mês de julho do ano de mil seiscentos e vinte e dois. Salvador Pereira, Tabelião o escrevi.[20]

Auto de Demarcação que foi feita a Felipe Cavalcante no ano de 1588.[21]

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e oitenta e oito anos, aos doze dias do mês de outubro do dito ano, fui, Escrivão das Datas e Demarcações desta Capitania, com João Rodrigues, dado por Demarcador, por o Demarcador Aleixo Gonçalves estar doente, ao Engenho de Cristóvão Lins, da Invocação Santa Apolônia,[22] *que está situado na Ribeira de Arassuagipe, limites do Cabo de Santo Agostinho, Termo da Vila de Olinda, Capitania de Pernambuco, de que é Capitão e Governador o Senhor Jorge de Albuquerque Coelho, por El Rei, Nosso Senhor, e sendo no dito Engenho, por Felipe Cavalcante, morador na dita Vila, foi requerido ao dito Demarcador João Rodrigues e a mim Escrivão, demarcássemos–lhe uma légua de terra que lhe fora dada pelo Senhor Governador Duarte Coelho de Albuquerque, que está em glória, para o que mostrou uma Carta de Doação que lhe fizera o dito Senhor, que ao diante vai acostada, com a petição do Senhor Licenciado Martim Leitão, do Desembargo, há de ser do Desembargo de El Rei, Nosso Senhor, e seu Ouvidor–Geral, com alçada em todo este Estado do Brasil, que outrossim, adiante vai acostada, em que os mandasse lhe demarcássemos a dita terra, conforme a dita Carta do dito Felipe Cavalcante, e que sendo caso que lá viessem com alguns embargos, não deixassem a demarcação dita que naquela Carta se contém dar o dito Senhor Governador ao dito Felipe Cavalcante, uma légua de terra em quadro, pegado com terras de João Paes e ao longo da Ribeira de Arassuagipe, tanto de uma banda da dita Ribeira, como da outra, como mais largamente se contém na dita Carta e para cumprimento da dita Carta.*

Demarcação das terras do engenho "Utinga."

Fomos ao marco do feixo branco que está pegado com a cachoeira, o qual está no cabo da demarcação de Cristóvão Lins que nos foi mostrado pelo dito Cristóvão Lins e João Paes, assim estava metido outro marco de pedra guiado ao rumo do sueste, com suas testemunhas; e logo aí, metemos outro marco de pedra guiado ao dito rumo por onde fomos com a demarcação do dito Felipe Cavalcante, acostando–se a terra de Cristóvão de Lins e João Paes, a banda do oeste, norte e sueste, pelo qual rumo fomos correndo com

[20] Fonte: processo do Tribunal da Relação — engenho "Araripe" — Acervo do IAHGP. Transcrito por Fabio Arruda de Lima.

[21] Salvador Coelho de Albuquerque, *Notas Históricas e Curiosas*, I, p. 248.

[22] Engenho "Pirapama," sob a invocação de Santa Apolônia; indício de que seria de um natural da Polônia?

Figura 11: *Ruínas da casa grande do engenho "Utinga de Cima," invocação de S. Francisco. (Fabio Arruda de Lima.)*

mil braças até darmos com o marco que estava na dita demarcação, guiando dito rumo do sueste, com duas testemunhas de pedras, o qual marco foi metido pelo demarcador, fazendo a própria demarcação pelo dito rumo fomos achando outros muitos marcos guiado ao dito rumo, onde deixamos a demarcação por falta do dia.

Aos treze dias do dito mês e ano atrás escrito, foi o dito demarcador com o dito João Paes ao tezo de um oiteiro pequeno aonde estavam umas árvores grandes, sendo nós lá, pelo dito Joao Paes nos foi dito que aquelas ditas árvores chegara a sua demarcação e que delas atravessara; e indo ou sendo o demarcador pelo rumo do nordeste até dar com a demarcação que fizemos o dia d'antes, o que o dito demarcador começou a fazer do pé de uma árvore, a qual tinha uma cruz que parecia ser feita havia muito tempo; ao pé dela pôs o demarcador um marco de pedra guiado; dito rumo do nordeste por onde foi com mil e setecentos braças até dar junto do marco aonde viemos o dia antes, afastado dele três braças, pouco mais ou menos, pelo qual rumo meteu o demarcador os marcos seguintes; as duzentos e cinqüenta braças além de uma ribeira no tezo de um oiteiro meteu o demarcador um marco de pedra, com suas testemunhas, guiado ao dito rumo e as setecentas e trinta braças atravessamos uma roça que foi de Jordão Afonso; no cabo delas, no caminho que vem para a casa da mulher que foi de Francisco de Caldas, meteu o demarcador outro marco guiado ao dito rumo; e daí se foi o dito demarcador com trezentas e trinta braças atravessando uma várzea, ficando nela dentro nesta demarcação uma milharada, que disseram ser de Gomes Martins, até dar no dito marco onde começou este rumo.

Aos quinze dias do dito mês atrás escrito, tornou o dito demarcador, comigo Escrivão, as árvores grandes aonde meteu o marco donde atravessou o rumo sueste; e dele foi correndo pelo dito rumo do sueste até as quinhentas braças, meteu o demarcador um marco de pedra com suas testemunhas de pedra ao longo de uma ribeira ao pé de uma cruz, obra de três de braças deste marco, pouco mais ou menos; e daí se foi pelo dito rumo com mil duzentas e dez braças, pouco mais ou menos; e daí se foi pelo dito rumo com mil, duzentos e dez braças; ao passar por um regato da banda do sueste, achamos uma pedra no dito rumo, com outra da outra banda, que nos pareceu marco; e ali lhe pusemos outro, da outra banda, o qual fica por marco; e daí se foi o demarcador pelo dito rumo com mil e quatrocentas braças, aonde se acabou este rumo, porquanto atrás tínhamos medido mil braças; e desta maneira, fica este rumo com duas mil e quatrocentas braças; e no cabo deste rumo, meteu o demarcador um marco de pedra guiado ao rumo sudoeste, pelo qual se foi com cem braças; e no cabo delas, deixamos a demarcação por falta do dia.

Aos dezesseis dias do dito mês e ano atrás escrito, tornamos aonde acabamos as cem braças; e daí se foi o demarcador pelo rumo sudoeste as quinhentas braças; foi dar o demarcador com um Rio de nome Tabatinga–Meirim, que vai junto de um caminho de carro que, dizer vir da casa de

Pedro Dias [da Fonseca — senhor do engenho "Tabatinga" em Ipojuca] e ir para a Tapera de Sebastião Coelho, o Velho [Boas Noites — genro de Branca Dias e senhor do engenho "Guerra" de Ipojuca]; e antes de passar da banda do Rio, meteu o demarcador um marco de pedra, com suas testemunhas, da banda do dito caminho e do próprio Rio; e da outra banda, obra de duas braças da banda sudoeste, meteu outro marco de pedra, o qual fica sem testemunhas; e daí se foi pelo dito rumo as oitocentas braças, deixou a demarcação por falta do dia.

[continuação]

Aos dezessete dias do mês atrás escrito, tornamos aonde deixamos a demarcação; e daí se foi pelo dito rumo ao sudoeste, pelo qual rumo se foi com trezentas e quarenta braças; e no cabo delas, demos com um Rio por nome Tabatinga, que é o Rio com que moi Pedro Dias da Fonseca; e da banda do sudoeste do dito Rio, ao longo de um caminho que vai para casa de Pedro Dias, que é de tirar madeiras, ficam dois marcos, convém a saber do dito caminho e o outro ao pé de uma árvore da outra banda do dito caminho, ao mesmo rumo guiado, o qual fica sem testemunha; e daí se foi o demarcador pelo dito rumo com cento e quarenta braças, onde se acabou este rumo; e no cabo deles, meteu o demarcador dois marcos de pedra, com duas testemunhas, todas brancas, guiadas ao dito rumo, ficando da banda esquerda, obra de duas braças, um penedo, pouco mais ou menos, e fica uma cruz em árvore; e daí se foi o demarcador pelo dito rumo. Às seiscentas braças, pôs o dito demarcador em uma árvore; e daí se foi o demarcador pelo dito rumo. Às setecentas braças, demos com um Rio por nome Utinga, antes de passarmos da banda de sudoeste; do dito Rio, pusemos uma cruz em uma árvore; e dai se foi o demarcador pelo dito rumo, e as mil e quarenta braças em um oiteiro alto, redondo, com duas árvores, pusemos duas cruzes; e daí se foi pelo dito rumo as mil e cem braças, demos com outro oiteiro grande e alto, no cabo dele meteu o demarcador um marco de pedra, com suas testemunhas, guiado ao noroeste e outro guiado ao rumo do nordeste; e estes marcos, ao marco que metemos quando começamos este rumo noroeste, duas mil e quatrocentas braças; e desta maneira, Felipe Cavalcante fica demarcado por três rumos, cada rumo de duas mil e quatrocentas braças, que são: nordeste–sudoeste e noroeste–sueste; que são os rumos que se requerem no reguengo o Senhor Governador; e o próprio João Paes declara que não demarcamos o dito Felipe Cavalcante ao longo da Ribeira Arassuagipe, tanto de uma banda, como da outra, por não haver terra, porquanto as terras da banda do norte do dito Rio são de Cristóvão Lins, as quais têm demarcadas; e disse serem Cartas mais velhas que as do dito Felipe Cavalcante; e por a Carta do dito Felipe Cavalcante dizer que se demarcaria e correria com o dito João Paes e terras suas e por ele nos foi mostrado, outrossim, sua demarcação; e sendo no cabo desta demarcação, pelo criado de João Paes, foi mostrado um protesto, o qual traslado é o seguinte.

Figura 12: *Ruínas da capela do engenho "Utinga de Cima." (Fabio Arruda de Lima.)*

Protesto.

Senhores, Em protesto da demarcação que fizer o Senhor Felipe Cavalcante, de correr mais acima e enxertada a terra que me faltar, conforme as minhas Cartas e outras que tenho de Cosme Paes, porquanto ter com Cristóvão Lins dúvida na primeira légua, hoje, 15 de outubro de [mil quinhentos e] oitenta e quatro. João Paes.[23]

O qual traslado, digo, protesto fica em meu poder; e logo, o dito Felipe Cavalcante disse que ele aceitava esta demarcação, com tanto que, achando–se o dito João Paes ter mais terra, de correr com a sua demarcação mais abaixo, ao longo das ditas suas terras, onde com direito lhe pertencessem, porquanto a sua Carta assim dizia; e desta maneira, aceitava esta demarcação, para o qual foi requerido o dito João Paes, em sua pessoa, o qual disse que ele se dava por entendido e sua mulher; e se assinou o dito Felipe Cavalcante com o dito demarcador, o qual Auto de Demarcação, Eu, Manoel Alves trasladei, bem e fielmente, sem coisa que dúvida faça, e assinei do meu sinal que tal é e consertei, com o próprio, com o Tabelião abaixo; e declaro que trasladei o próprio que fica em meu poder, assinado pelo dito demarcador e Felipe Cavalcante, hoje, vinte e dois do mês de outubro de mil quinhentos e oitenta e quatro anos. Manoel Alves. Escrivão das Datas e Demarcações desta Capitania pelo Senhor Governador o escrevi. Pagou nada. Manoel Alves. Comigo e o Tabelião Manoel Alves. Cosmo Colaço.

Ao rumo de sudoeste 1280(1a) — ou 1380(2a) — ou 1880 (3a) braças.

Filippo Cavalcanti deve ter falecido pouco antes de 1590. Pais de:

- Diogo Cavalcanti, † criança.
- Antonio Cavalcanti de Albuquerque, que c.c. Isabel de Goes, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes, c.g. — *Cavalcanti de Lacerda*, ramo varonil que persistiu até o século XX; ver § 5.

  Do casal foi filha D. Isabel Cavalcanti, casada com Francisco Bezerra, filho de Antonio Bezerra e de s.m. Isabel Lopes. Tiveram como filha a D. Isabel de Goes, que c.c. o tio Antonio Bezerra. Desse casamento descendem os *Bezerras Cavalcantis.*

  Desde ramo descende tambem o Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti. Ver em seguida, "Linha do Cardeal Arcoverde."
- Lourenço, s.g.
- Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque, c.g. ilegítima em Portugal.
- Filipe Cavalcanti, † jovem.
- Genebra Cavalcanti, 2a. mulher de seu tio afim D. Filipe de Moura.

[23] João Paes Barreto.

- Joana Cavalcanti, c.c. o Dr. Diogo Rangel de Macedo antes de 1599.
- Margarida de Albuquerque, casada duas vezes: primeiro com João Gomes de Mello, o moço, e depois com Cosme da Silveira, c.g. de ambos os casamentos — o primeiro entra nos *Achiolis* e *Acciolis*, pois do casamento Gomes de Mello nasceu D. Anna Cavalcanti, que em 1618 casou–se com Gaspar Achioli de Vasconcellos, madeirense, † 1668, formando o casal ancestral dos Acciolis no Brasil.

  Do primeiro leito, p.d.:

  – D. Brites de Mello, de quem descendia o Marquês de Pombal. Pois D. Brites c.c. D. PAULO DE MOURA, tendo sido pais de D. MARIA DE MELLO, casada com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide mor de Mourão. P.d. D. MAIOR LUISA DE MENDONÇA, c.c. João de Almada e Mello, sr. de Souto d'El Rei. P.d. D. THERESA LUISA DE MENDONÇA E MELLO, c.c. Manuel de Carvalho e Athayde. Pais do Marquês de Pombal, SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO.
  – D. Ana Cavalcanti, ancestral dos *Acciolis*. Ver na seção seguinte.
- Beatriz de Albuquerque, c.c. Cristóvão de Holanda de Vasconcellos.

  Segue abaixo, "Primeiro ramo Holanda Cavalcanti."

  Trata–se do ramo Holanda Cavalcanti ainda com a varonia de Holanda, hoje em dia.
- Filipa de Albuquerque, c.c. Antonio de Holanda de Vasconcellos, irmão do precedente. Sua descendência vai adiante, "Segundo ramo dos Holandas: Pires de Carvalho e Albuquerque."
- Catarina, no recolhimento da Conceição, Pernambuco.
- João, c.c. Brites de Sá.[24]

[24]Segundo Pereira da Costa.

3 *Acciaiolis, Achiolis, Acciolis e Acciolys*

Família de origens modestas mas com gente talentosa; fundaram no século XIII um grande banco, já dos maiores da Europa no século XIV.

XIX. D. ANA CAVALCANTI, na página precedente, filha de João Gomes de Mello e de s.m. Margarida de Albuquerque, c.c. Gaspar Achioli de Vasconcellos (1578–1668), madeirense, filho de Zenóbio Achioli, madeirense, † 1598, e de s.m. D. Maria de Vasconcellos.[25]

---

[25]Os Achiolis ou Acciolis são, na verdade, os *Acciaiolis* florentinos, que se casam diversas vezes com os Cavalcantis — em Florença e, agora, no Brasil. Sua linha até Zenóbio Achioli é:

I. Gugliarello Acciaioli venne a Firenze da Brescia l'anno MCLX. Gugliarello Acciaioli é citado, segundo Pompeo Litta, numa escritura de 1237, na qual se vendem bens da família Giandonati, e se falam dos confins dos bens de Riccomanno, filho de Gugliarello. A tradição mais antiga afirma haver Gugliarello Acciaioli chegado a Florença em 1160 ou 1161, vindo de Brescia, de onde teria fugido devido às perseguições de Frederico Barbarroxa (que então invadia o norte da Itália), por ser Gugliarello de partido guelfo. Era com certeza mercador, e ao que parece já banqueiro abastado, e membro da *Arte del Cambio*, da corporação dos banqueiros e cambistas em Florença. Era também *popolano*, ou seja, de origens plebéias, nunca nobres. Dito claramente: *uomo di bassa condizione*, homem de baixa extração social. Mas pelos muitos bens que possuía, é possível que fosse filho de burgueses, já; modestos seriam, se tanto, seus avós. Teria casado com uma senhora da família dos banqueiros Riccomani. P.d.:

II. Riccomanno Acciaioli, que é citado numa escritura de venda de terras que os Giandonati fizeram em 1237. Talvez sua mulher pertencesse à família dos Guidalotti ou a uma outra, homônima, a dos Guidalotti di Balla, já que um de seus filhos se chama Lotto (Guidalotto) e era comum serem derivados os prenomes dos apelidos nas linhas femininas, àquele tempo, em Florença. P.d.:

III. Acciaiolo Acciaioli foi, muito certamente, o filho primogênito de Riccomanno Acciaioli. Quase nada se sabe dele. Pertencia ao Sesto di Borgo, e ao *popolo* da SS. Trinità. P.d.:

IV. Lotteringo Acciaioli, apelidado TINGO, que está é citado em três documentos, segundo Litta. Num primeiro, anterior a Montaperti, em 1260, aparece como um dos guelfos deputados de S. Pietro di Mercato. No segundo, em 1278, é um dos conselheiros da comuna a negociarem um contrato com alguns religiosos. Finalmente, em 1280, aparece entre os que assinam a paz negociada pelo cardeal Latino. Morreu depois de 1293 e está enterrado na sepultura diante do altar–mor na igreja de' S.S. Apostoli. Casou–se com Bella di Guido *Malabocca* Mancini. (Estes Mancini do *dugento* em Florença eram guelfos, e aparecem nos documentos que datam da primeira metade do século XIII. Participam ativamente do primeiro governo guelfo em Florença, antes da batalha de Montaperti, havendo sido indenizados com um total de 1000 liras pelos prejuízos sofridos durante o regime gibelino pós–1260. Guido Mancini, o *Malabocca*, é prior diversas vezes depois de 1280, e seus parentes Rosso e Lapo di Guidotto Mancini, atestados em cargos públicos em 1278, surgem

pouco depois como titulares de uma casa bancária.) P.d.:

V. Leone Acciaioli, que esteve em 1311/1312, de 15 de dezembro a 14 de fevereiro, entre os priores na *signoria*, e em 1313 aparece numa expedição contra Pistoia. É listado no decreto de banimento, igualmente de 1313, de Henrique VII. Foi o fundador da capela de Leone Acciaioli, em S. M. Novella. Não se sabe quem foi sua mulher. P.d.:

VI. Zanobi Acciaioli, que estava em 1342 entre os *priori* da senhoria de Florença, e foi naquele ano um dos homens públicos que decidiram enviar a Clemente VI uma embaixada, solicitando–lhe que mantivesse Ferrara sob o vicariato da casa d'Este. Casou–se com Lena ou Maddalena di Lando di Giano degli Albizzi. P.d.:

VII. Michele Acciaioli. Este Michele era um dos priores no ano de 1396 quando seu parente Donato Acciaioli, Barão de Cassano e del Castagno nos Abruzzi, riquíssimo comerciante e banqueiro, foi acusado de conspirar (e de fato conspirara) contra o governo de Florença. Evitou Michele que fosse Donato condenado à morte, fazendo decretar seu exílio para fora de Florença. No castelo familiar de Montegufoni, Donato mandara construir, em 1386, uma torre semelhante à do Palazzo Vecchio em Florença, segundo se diz por sentir, quando em Montegufoni, saudades da pátria. Esteve Michele entre os priores ainda em 1402 e em 1409, quando foi *podestà* de San Gemignano, e prometeu ao governo de Florença manter o castelo (*casa di signore*) de Montegufoni, pertencente aos Acciaiolis, sempre em obediência à república. Casou–se com Lisa di Paolo di Cino de' Nobili. P.d.:

VIII. Zanobi Acciaioli. Inimigo acérrimo dos Médicis, ao contrário de seus filhos e demais parentes, esteve em 1433 na *balía* que determinou o exílio de Cosimo de' Medici, *il Vecchio*. Foi prior em 1418 e 1430, e se casou com Lia Lapaccini. P.d.:

IX. Benedetto Acciaioli, que foi prior em 1470. Nomearam–no *podestà* de Civitella em 1488; † 1506. Casou–se em 1475 com Nanna d'Ormannozzo Deti, tendo sido messer Ormannozzo Deti um dos priores que condenaram Savonarola em maio de 1498. P.d.:

X. Zanobi Acciaioli, que nasceu em 26.9.1476. Casou–se com Ginevra Amadori, irmã de Benozzo Amadori, comerciante já estabelecido na Madeira em fins do século XV, onde negociava o vinho de Malvasia; † Benozzo em 1512 na prisão, preso por dívidas. Ginevra e Benozzo Amadori eram filhos de Niccolò Amadori e de Maria "Lisandre," netos de Antonio Amadori, bisnetos de Benozzo Amadori, que se atesta em 1314, jovem, e trinetos de Andrea Amadori. P.d.:

XI. Simão Achioli, que foi o ancestral dos Acciaiolis, Achiolis e Acciolis (e mais variantes, como Accioly, Acioli, Aciole), em Portugal e no Brasil. Simone Acciaioli passou em 1508 ou pouco antes, à ilha da Madeira, provavelmente devido ao desejo de expandir os interesses comerciais e financeiros de seu ramo da família, então em decadência, e para tanto se associando ao tio materno Benozzo Amadori. Estabeleceu–se Simone Acciaioli no Funchal, na rua que levou seu nome, "rua de Simão Achioli," onde teve casas. Instituiu um morgadio com uma capela dedicada à Natividade de Nossa Senhora. Foi também fundador do capítulo velho do Convento de São Francisco no Funchal, e de Nossa Senhora da Piedade, onde foi enterrado. E lá jaz numa campa defronte do altar, junto com sua mulher. Fora casado — depois de 1530, provavelmente — com Maria Pimentel, filha de Pedro Rodrigues Pimentel, fidalgo nos livros d'El Rei de Portugal, dos Pimentéis de Torres Novas, e de sua mulher Izabel Ferreira Drummond. P.d.:

XII. Zenóbio Achioli. Viveu na Madeira e sucedeu no morgadio após o falecimento de seu irmão. Foi cavaleiro do hábito de Cristo e fidalgo cavaleiro da casa real; faleceu em 20.5.1598, e está enterrado junto de seus pais e irmão, com sua mulher. Tem por epitáfio:

> *Sepultura de Zenóbio Achioli e sua mulher Maria de Vasconcellos, e seus herdeiros, cuja é esta capela.*

Casou–se em 19.5.1562 com D. Maria de Vasconcellos, filha de Duarte Mendes de Vasconcellos, † 1554, e de sua mulher Joana Rodrigues Mondragão; neta paterna de Joane Mendes de Vasconcellos

Em decorrência deste casamento todos os *Acciolis* ou *Acciolys* no Brasil têm sangue Cavalcanti. P.d.:

- Zenóbio Achioli de Vasconcellos, ancestral dos *Mouras Acciolis*, alcaides–mores de Olinda, fidalgo da casa real. N. em Pernambuco em 30.4.1619, e † 1697. Lutou com bravura nas guerras contra os holandeses, tendo estado com seu irmão João Baptista nas duas batalhas dos Guararapes. Esteve também na capitulação dos belgas, na campina da Taborda, em 27.1.1654. Foi comendador das ordens de S. Miguel da Ribeira e de Cristo, e alcaide–mor hereditário de Olinda. Coronel das ordenanças até 1681, torna–se mestre de campo do terço da praça de Pernambuco àquele ano, e neste posto conservou–se até a morte, em 1697.

  Em Olinda casou–se, em 1654 ou depois, com sua prima D. Maria Pereira de Moura, filha de Cosme Dias de Affonseca e de D. Maria de Moura, filha de D. Filipe de Moura Rolim e de s.m. D. Genebra Cavalcanti. C.g.: *alcaides–mores de Olinda, Nogueiras Acciolys* (Ceará).

- João Baptista Achioli. Nasceu em Pernambuco, na freguesia de Santo Antonio do Cabo, em . . . .4.1623, e consta haver falecido em 1677. Sentou praça para combater os holandeses em 1647, tendo lutado até a vitória de 1654. Vindo ele certa vez, durante a guerra, da ilha da Madeira, três fragatas holandesas renderam o navio que o trazia, e foi João Baptista feito prisioneiro e levado à praça do Recife, onde o puseram no calabouço. Fugiu pelo mar, nadando meia légua até o Buraco de São Tiago. Lutou sob as ordens de Henrique Dias e esteve nas duas batalhas de Guararapes.

  Na campanha contra os holandeses, passou de praça a capitão de infantaria, e depois, em tempo de paz, a capitão de cavalaria da freguesia do Cabo, por patente de 22.3.1667. Feito sargento–mor da comarca de Pernambuco, faleceu nesta posição. Foi vereador de Olinda em 1652, e juiz ordinário em 1655, 1662 e 1667, e enfim fidalgo cavaleiro da casa real, em 23.3.1669. Casou–se pouco antes de 1654, com sua parenta Maria de Mello, viúva (fora na verdade, pensamos, *common–law wife*) de Caspar van't Nieeuwhof van der Leij, ou Caspar von Neuenhof von der Leyen, já que era alemão, o *Gaspar Wanderley*, e filha de Manuel Gomes de Mello e de sua mulher Adriana de Almeida Lins.

  A imensa maioria dos que levam o nome Accioli, hoje, no Brasil, descende deste João Baptista Achioli e de sua mulher D. Maria de Mello.

  Deste João Baptista Achioli descendem *Acciolys Lins*, *Acciolys Wanderleys*, *Acciolis de Vasconcellos*, estes o ramo alagoano.

  Pais de, entre outros, *D. Maria Achioli*. Nasceu depois de 1655, já que seu irmão primogênito nascera em março de 1655. Em 23.2.1668 o cabido da Bahia concedeu–lhe dispensa apostólica para se casar com seu parente José de Barros Pimentel, filho de Rodrigo de Barros Pimentel, o velho, e

---

e de sua mulher Maria Lourenço de Miranda, e bisneta de Martim Mendes de Vasconcellos e de Helena Gonçalves da Câmara, filha de João Gonçalves Zarco, descobridor da Madeira.

de sua mulher D. Jerônima de Almeida Lins; neto paterno de Antonio de Barros Pimentel, n.c. 1554, que teria desembarcado "de calções de veludo e chapins," foragido da justiça, em Pernambuco, onde se casou com Maria de Holanda, filha de Arnal de Holanda; neto materno de Balthazar de Almeida Botelho e de sua mulher Brites Lins, filha esta de Christoph Linz von Dorndorf, nascido em Dorndorf por volta de 1529, e de Adriana de Holanda. Viúva, D. Maria Achioly estava viva em 1713 em Porto Calvo.

Entre outros, pais do *Cel. Francisco de Barros Pimentel Achioli*, n. 1689. Senhor do engenho "Novo" das Alagoas, ou engenho "de N. S. do Rosário," que teve do sogro, e que foi de Porto Calvo para a região das lagoas c. 1710. Foi também coronel das ordenanças da Vila das Alagoas antes de 1724, onde seus descendentes permaneceram, quase todos, até o século XIX. Casou–se o Coronel Francisco de Barros Pimentel com D. Antonia de Caldas de Moura, ou Antonia Maria de Moura, † 1724 ou pouco antes, filha do sargento–mor, depois coronel das ordenanças, Manuel de Chaves Caldas, n. 1653 (confirmado este Manuel no posto de sargento–mor da Vila das Alagoas através de carta de 3.11.1696) e de sua mulher, D. Antonia de Moura, primeira deste nome.

Pais do filho primogênito, *Ignacio Achioli de Vasconcellos, Ignacio Achioli o velho*, primeiro do nome, n.c. 1712 em Santa Maria madalena, e † 1788 ou antes no mesmo local. C. (1) c. D. Ursula da Silva, s.g. C. (2) c. D. Ana Maria da Silveira, filha do cap. Antonio de Toledo Machado, c.g.

Entre outros foi seu filho *Ignacio Achioli de Vasconcellos, Ignacio Achioli Junior*, segundo do nome, que lutou como rebelde no movimento de 1817, e se casou (em segundas núpcias) com sua parenta distante D. Rosa Luzia do Bonfim (pág. 76.) Em primeiras núpcias, Ignacio Achioli, junior, fora casado com D. Josefa Vieira Cavalcanti, † antes de 1800, c.g. E em terceiras núpcias, com D. Margarida Correia Maciel, tambem c.g.

Outro filho de Ignacio Achioli I, o velho, foi o cap. *José de Barros Pimentel*, ainda vivo em 1800, casado com D. Antonia de Casado Lima. Pai de mais outro *Ignacio Accioli de Vasconcellos*, n. 1787, jurista, doutor em cânones (Coimbra), constituinte que representou Alagoas em 1823, depois desembargador e presidente do Espírito Santo, c.g. José de Barros Pimentel foi ainda avô do historiador *Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva* (1808–1865), autor das *Memórias Históricas da Provincia da Bahia.*

Filho segundo de Francisco de Barros Pimentel Achioli foi *José de Barros Pimentel*, que se radicou em Sergipe, onde casou com D. Cecília Maria Eufrásia de Almeida. Tiveram diversos filhos, como o *Marechal José Ignácio Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão*, que em 1804 trouxe para o Brasil a vacina antivariólica, em 1806 hospedou em Salvador a Jerônimo Bonaparte, e em 1807 cedeu navios de sua frota particular para o traslado da corte portuguesa, que escapava de Napoleão. Ou *José de Barros Pimentel*, cuja descendência persiste hoje ainda, com tal sobrenome.

Irmão de Francisco de Barros Pimentel Achioli, foi *João Baptista Accioly*, sr. do engenho "Capiana." C.c. D. Maria de Barros, filha de Manuel Gomes Wanderley. Sua filha foi *D. Inácia Vitória de Barros Wanderley*. Destes descendem os *Acciolys Lins.*

A ancestral dos Acciolys Lins é *D. Inácia Vitória de Barros Wanderley*, aquela que levou como dote ao marido o engenho "Capiana," de seu pai. Casou com Sebastião Lins, filho de Cristóvão Lins, dito o gentil–homem, e de sua mulher Adriana Wanderley.

Entre outros, pais de *D. Adriana de Almeida*, que se casou duas vezes. Primeiro, com Antonio da Silva e Mello, sr. do engenho "do Anjo" em Serinhaem, mestre de campo do terço da mesma vila. C.g. Em seguida casou–se, em 18.3.1757, com Antonio Luiz da Cunha, n. 23.3.1722, n. Camaragibe, filho do cap. Sebastião Correia de Lyra e de s.m. Catarina da Cunha.

Uma linha de Acciolys Lins, vastamente ramificada, procede da filha do segundo casal supra, *D. Ana Francisca Accioly Lins*, bat. em Serinhaem em 15.9.1761. Casou–se esta em 13.8.1778 com Antonio Franco da Silveira, n. de Serinhaem, bat. em 15.2.1751 e † no Recife a 22.1.1816.

Pais de *Sebastião Antonio Accioly Lins*, tenente de ordenanças, casado com D. Joana Francisca de Albuquerque Lins; e estes pais, enfim, e.o., de *Sebastião Antonio Accioly Lins*, bat. na capela do engenho "Palma" em Serinhaem em 2.3.1829, bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife, e feito *Barão de Goicana* em 18.1.1882.

Outra linha de Acciolys Lins provem de *D. Maria de Barros Wanderley*, outra filha de *D. Ignácia Vitória de Barros Wanderley* e de *Sebastião Lins*. Esta D. Maria casou–se em 1757 com seu primo *Sebastião Lins Wanderley*. Sua filha homônima *D. Maria de Barros Wanderley* c.c. outro Antonio Franco da Silveira.

Pais de, entre outros, *Sebastião da Cunha Accioly Lins*, casado com *D. Maria José do Nascimento*, encapelada no vínculo do engenho "Catu," em Serinhaem (PE). C.g.

- Miguel Achioli, falecido aos dez anos;
- Gaspar Achioli de Vasconcellos, nascido no Brasil em . . . .4.1631 e casado com sua parenta Mariana Cavalcanti, s. g.;
- Francisco Cavalcanti, nascido em . . . .10.1635 e casado no Brasil, também s. g.;
- D. Margarida, D. Maria, D. Maria Madalena, que morreram moças; e

- D. Izabel de Vasconcellos, que nasceu em Setembro de 1633 e faleceu em 17.4.1719; sepultada no Carmo, em Pernambuco. Casou–se em 6.1.1662 com Felipe Gentil de Limoges, francês, falecido em 27.6.1683, e sepultado na Sé, em Pernambuco, s. g. Em 23.10.1674 instituíram, Izabel e Felipe, um morgadio na ilha da Madeira, a ser herdado por seu sobrinho Zenóbio Achioli de Vasconcellos, o que ocorreu.

4 *O ramo napolitano*

Deste ramo descendem os Médicis grãos–duques da Toscana.

VI. MESSER PAZZO CAVALCANTI, filho de Cavalcante de' Cavalcanti, V, é o autor em Florença do ramo napolitano, segundo Ammirato. Messer Pazzo Cavalcanti foi o pai de:

VII. MESSER UBERTO CAVALCANTI, feito cavaleiro pelo rei de Nápoles em 1269; podestà de Poggibondi.[26] Pai de:

- Giacchinotto Cavalcanti, atestado em 1317. P.d.:
  - Messer Amerigo Cavalcanti. Camareiro da rainha Giovanna I, 1346. † depois de 1358, quando foi embaixador enviado ao imperador germânico.
  - Messer Mainardo Cavalcanti. Marechal do reino da Sicilia (Nápoles e Sicilia), casou–se com Andreina di Jacopo Acciaioli em 1371. (Ver pág. 46.) Seu filho Carlo casou–se com Nanna di Vieri de' Medici.

    A linha deste Mainardo extingue–se em Florença no século XVII.
- Messer Giovanni, que segue.

VIII. MESSER GIOVANNI CAVALCANTI, dito Giannozzo Cavalcanti, passou a Nápoles depois de 1317, e naquele reino foi cavaleiro em 1337. Tronco do ramo napolitano. Pai de:

- Messer Amerigo, que segue.
- Messer Uberto Cavalcanti, cavaleiro em 1351, podestà de Perugia em 1358. C.c. Bindella di Cecce de' Gherardini. C.g. extinta no século XV em Nápoles.

[26] Neste ramo utilizamos a genealogia detalhada e corrigida de Silvio Umberto Cavalcanti, http://xoomer.virgilio.it/cavalcanti/.

- Filippo Cavalcanti, † 1364, ancestral dos Barões de Sarzano e dos Duques de Buonvicino.

IX. Messer Amerigo Cavalcanti foi um dos mais próximos colaboradores florentinos de Niccolò Acciaioli, grão–senescal de Nápoles. Nasceu em 1333. Foi vice–rei de Cosenza em 1352 e camareiro do rei Roberto. Em 1356 casou com Francesca di Jacopo Acciaioli, prima do grão–senescal e irmã de Andreina, mulher de Messer Mainardo, acima.[27]

[27]Esta linha dos Acciaiolis na qual se casam estes Cavalcantis de Nápoles é a chamada "linha feudal," porque a ela pertenceram, entre outros titulares, os Duques de Atenas daquela família.

A linha feudal dos Acciaiolis principia em *Guidalotto Acciaioli*, filho de Acciaiolo Acciaioli, neto de Riccomanno e bisneto de Gugliarello, tronco da família. Guidalotto aparece num conflito contra Arezzo em 1290. Casou–se com Ghisella [Alamanni], sobrenome que inferimos do prenome de seu filho Alamanno? ou Tommaso?, apelidado Mannino.

Segundo Andrea Dominici–Battelli, em comunicação pessoal, o nome de Mannino seria Tommaso (Masino > Mannino). Foi neto (por bastardia) de um seu outro filho Niccolò o grande *Nicola Acciaioli*, filho de *messer Acciaiolo Acciaioli*, banqueiro do rei de Nápoles, e de sua mulher Guglielmina de' Pazzi. Nasceu Nicola Acciaioli no castelo familiar de Montegufoni em 12.9.1312, e faleceu em Nápoles em 8.11.1366. Litta, com outros historiadores, afirma haver sido Nicola Acciaioli o maior estadista de seu tempo: foi Grão–Senescal do reino de Nápoles, Vice–Rei da Apúlia, Conde de Melfi e Malta, Conde da Campanha, em Roma, Senador de Roma, etc. etc. Recebeu de Inocêncio VI a Rosa de Ouro, havendo sido a primeira personalidade sem vínculo a casas reais assim homenageada. (No século XIX, Izabel a Redentora, sua longínqua parenta, recebeu a mesma homenagem, devido à libertação dos escravos no Brasil.) Sua linha está extinta na varonia, mas persiste até hoje na nobreza de Nápoles.

De sua irmã *Lapa Acciaioli* descendia o tsar Ivan IV o Terrível: *Lapa Acciaioli*, chamada *Lupisca* por Bocaccio, "a loba," casada com Manente Buondelmonte, foi mãe de *Maddalena Buondelmonte*, casada com Leonardo I Tocco. Este teve a *Guglielmo Tocco*, pai de *Carlo II Tocco*, Conde de Zante e Duque de Leucate, que teve a *Leonardo II Tocco*, Conde de Zante. Este foi o pai de *Creusa Tocco*, que se casou com Centurione Zaccaria, † 1432, Príncipe da Acaia. Sua filha *Caterina Zaccaria*, † 1462, casou com Tommaso Paleólogo, irmão de Constantino XI, último imperador de Bizâncio. Pais de *Sofia (Zoé) Paleologina*, † 1503, casada com Ivan III, grão–príncipe de Moscou, pais de Vassili III, † 1533, e avós de Ivan o Terrível.

De Mannino, filho de Guidalotto Acciaioli, descendem os Duques de Atenas da família Acciaioli: *Mannino Acciaioli* foi o pai de Donato Acciaioli, † 1335, que de sua mulher Taggia di Vanni Biliotti teve a *Jacopo Acciaioli*, † 1356. Casou–se com Bartolommea di Bindaccio Ricasoli, e teve por filhos entre outros a *Donato*, o Duque *Neri Acciaioli* de Atenas, e o Cardeal *Angiolo Acciaioli*. E Francesca e Andreina Acciaioli, mencionadas acima, e casadas nos Cavalcantis de Nápoles (pág. 45).

Em 1381 *Neri Acciaioli*, que havia sido adotado por seu parente o senescal Nicola, e que vivia no Peloponeso, assenhora–se de Corinto, e depois de Atenas, assumindo o título de duque de Atenas. Testou e morreu em 1398. Os Acciaiolis reinam sobre o ducado de Atenas até 1463, quando o último dos duques, Franco ou Francesco Acciaioli, é estrangulado (ou morto a golpes de cimitarra) pelos janízaros de Maomé II durante um banquete.

(A linha dos Duques de Atenas passa a um filho bastardo de Donato Acciaioli, filho de Jacopo e de Bartolommea Ricasoli, de nome *Francesco Acciaioli*. Este casa–se com Margherita Bardi Malpighi, e são pais de dois outros Duques de Atenas, *Neri II*, † 1453, e *Antonio II*, cujo filho *Francesco Acciaioli* é o último duque—fora inclusive catamito de Maomé II. Uma filha do bastardo Francesco e de Margherita Bardi Malpighi, *Lucia Acciaioli*, foi casada com Angiolo Amadori.

Irmão de Neri Acciaioli, primeiro Duque de Atenas, foi *Angiolo Acciaioli*, nascido em 1349, arcebispo de Florença, e Cardeal de S. Lorenzo in Damaso, regente do reino de Nápoles e tutor do rei Ladislau. O túmulo do cardeal na Certosa possui uma pedra tombal esculpida por Donatello; morreu em 1409, durante o concílio em Pisa, depois de quase haver alcançado o papado no conclave em que foi eleito Bonifácio IX. Mais *condottiero* que religioso, pode ter sido seu filho ilegítimo o humanista Jacopo d'Angelo da Scarperia, que escreveu sobre um grande cometa visto no início do século XV. Sobrinha–neta do cardeal foi *Laudomia Acciaioli*, mulher de Pierfrancesco de' Medici,

Pais de:

- Lena Cavalcanti, que c.c. o Conde Roberto, dos Condes Guidi de Battifoli e Poppi; em 1371.
- Giovanni, que segue.
- Giannozzo, † 1341.
- Costanza, que c. c. Jacopo di Francesco Rinuccini.
- Bartolommea, † antes de 1384. Em 1375 c.c. Jacopo degli Alberti.

X. GIOVANNI CAVALCANTI casou, em 1388, com Costanza di Niccolò, Marquês Malaspina. Foram pais de:

- Amerigo Cavalcanti (1393 — † antes de 1467; podestà de Montemaione e prior na senhoria em março de 1450.
- Giannozzo Cavalcanti, n. 1399 e casado com Nana… em 1448. Pais de Caterina, casada com o Conde Gherardo della Gherardesca em 1477.
- Niccolò, que segue.
- Bartolommea, que se casa duas vezes. Primeiro, c. 1410, com Girolamo di Lorenzo Trenta (de Lucca). Depois, com Arrigo di Lazzaro Guinigi, também de Lucca.

---

bisavó do grão–duque Cosimo I de' Medici, e ancestral de todos os Bourbons que descendem de Marie de Médicis e de Henrique IV de França. Laudomia Acciaioli in Medici e seu filho Lorenzo foram protetores de Botticelli, e para este Lorenzo di Pierfrancesco de' Medici, Botticelli pintou a *Celebração da Primavera*; Laudomia era filha de Agnolo Acciaioli, exilado com Cosimo de' Medici em 1431, e depois tornado em inimigo dos Médicis. Agnolo Acciaioli era filho de Jacopo Acciaioli e de Costanza di Beltrame di Cassone de' Bardi, e neto de Donato Acciaioli, Barão de Cassano, e de Onesta Strozzi. Agnolo Acciaioli voltou–se contra os Médicis porque Piero il Gottoso deu razão a Alessandra de' Bardi, mulher de Raffaelo di Agnolo Acciaioli, na separação do casal. Raffaelo era homossexual, e maltratava a mulher que, tendo–lhe dado dois filhos, decidiu terminar o casamento levando consigo o riquíssimo dote.

Finalmente, primo de Laudomia in Medici foi o grande *Donato di Neri Acciaioli*, nascido em 15.3.1428 em Florença, e falecido em Milão, onde chefiava uma embaixada florentina a mando de seu amigo e parente o Magnífico Lorenzo de' Medici, em 28.8.1478. Era filho de Neri Acciaioli e de Elena, filha do grande Palla Strozzi, e neto de Donato, irmão do cardeal Angiolo, e de sua segunda mulher Tecca di Gaggio de' Giacomini di Poggio Tebalducci. Humanista, traduziu as *Vidas* de Plutarco, às quais acrescentou uma biografia de Carlos Magno. Comentou também a *Física* de Aristóteles. Morreu pobre, e seus filhos foram entregues à tutela do Magnífico Lorenzo de' Medici, e educados às custas da república.

A um deles, *Roberto Acciaioli*, amigo e protetor de Maquiavel, mas personagem sem caráter, † em 1547 octogenário, concedeu Luiz XII de França, junto a quem serviu como embaixador, um acrescentamento às suas armas, a flor–de–lis de ouro com uma coroa à antiga à volta da pétala central, tudo sobre a espádua do leão. Este acrescentamento frequentemente aparece nas armas dos Acciaiolis e Acciolis de Portugal e do Brasil, colaterais do ramo do embaixador Roberto.

- Ginevra Cavalcanti. Em 1416 casa–se com Lorenzo de' Medici, il Vecchio. Têm um só filho, Pierfrancesco de' Medici, que se casa com Laudomia di Agnolo Acciaioli. Deles foi bisneto Cosimo I de' Medici, grão–duque da Toscana.
- Margherita, que c.c. Marcello Strozzi.

XI. NICCOLÒ CAVALCANTI n. 1409 e casou com Costanza di Bartolommeo di Averardo de' Peruzzi.

Foram os pais do grande humanista Giovanni Cavalcanti (1444 – 1497), amigo de Marsilio Ficino; prior em maio de 1488, emissário de Florença a Carlos VIII rei da França, que ameaçava a república. C.g.

Figura 13: *Armas dos Cavalcantis no Brasil (desenho de Sergio Buratto). A descrição dessas armas é: de prata, mantelado de vermelho e semeado de quadrifólios do campo, com uma asna de azul, brocante sobre o traço do mantelado e carregada de duas flores de liz de ouro e entre estes um leonel do mesmo, no ápice da asna. Elmo de prata, aberto e guarnecido de ouro; posto de três quartos; paquife de vermelho e negro, e por timbre um hipógrifo de negro alçando voo de chamas de vermelho e ouro. (Claramente derivam estas armas daquelas concedidas pelo rei Henrique VIII a Giovanni Cavalcanti, nas quais o campo de prata semeado de cruzetas recruzetadas é substituído pelo campo vermelho semeado de quadrifólios de prata, num óbvio efeito de figura–fundo.)*

5 *Ramo varonil: Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda*

Trata–se do único ramo mantendo a varonia desta família, no Brasil.

XVIII. ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE foi o primogênito dentre os filhos de Filippo Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, e teve a pedido da mãe o foro de fidalgo cavaleiro.

Casou com Isabel de Goes, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes, cujas origens discutimos no § 7. P.d.:

- Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque, fidalgo cavaleiro da casa real e cav. da ordem de Cristo, habilitado em 1634. Sem mais notícias.
- Manuel Cavalcanti, jesuíta.
- Paulo Cavalcanti de Albuquerque, idem.
- Felipe, que segue.
- D. Brites de Albuquerque, mulher de Francisco Coelho de Carvalho, primogênito de Feliciano Coelho de Carvalho, governador da Paraíba, c.g.
- D. Isabel Cavalcanti de Albuquerque, casada duas vezes. Primeiro, com Manuel Gonçalves de Siqueira, cavaleiro da ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício, e a segunda com Francisco Bezerra, c.g. dos dois casamentos. Ancestral do *Bezerras Cavalcantis*; segue no § 6.
- D. Maria, D. Ursula e D. Paula, clarissas em Lisboa.
- D. Joana, s.m.n.

XIX. FELIPE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE foi fidalgo cavaleiro da casa real e cavaleiro da ordem de Cristo. Casou depois de 1657 com D. Maria de Lacerda, filha herdeira de Antonio Ribeiro de Lacerda, † nas guerras holandesas, e de s.m. D. Isabel de Moura; n.p. de outro Antonio Ribeiro de Lacerda, provedor da real fazenda em Pernambuco, e de D. Maria Pereira Coutinho; n.m. de D. Filipe de Moura e de D. Genebra de Albuquerque, destes. P.d.:

- Antonio Cavalcanti de Albuquerque, casado com D. Joana de Figueiroa, s.g.
- D. Isabel de Moura, casada com Leão Falcão de Mello, filho de Pedro Marinho Falcão e de s.m. D. Brites de Mello, S.g.
- D. Joana de Lacerda, casada com Vasco Marinho Falcão, filho de Leandro Marinho Falcão, tio de Leão Falcão supra. S.g.
- D. Felipa de Moura, casada com Pedro Marinho Falcão, irmão de Leão Falcão, s.g.
- D. Mariana de Lacerda, casada com Francisco de Barros Falcão, com sucessão. São os ancestrais do BARÃO DE PIRAPAMA. Francisco era senhor dos engenhos "Mussambu" e "Pedreira," de Goyanna; fidalgo da casa real e cavaleiro da ordem de Cristo. P.d.:
  - Luiz de Barros Falcão, capitão de cavalos, s.g.
  - Antonio Ribeiro de Lacerda. Sr. do engenho "Santanna" em Jaboatão. C.c. D. Leonor dos Reis, filha do sargento mor Nicolau Coelho dos Reis, reinol. P.d.:
    - Francisco de Barros Falcão, sargento mor em Jaboatão, solteiro s.g.
    - Nicolau Coelho de Lacerda. C.c. sua prima D. Maria Francisca da Conceição Vieira de Lacerda, sua prima, e foram os pais de BENTO SEBASTIÃO CAVALCANTI DE LACERDA, casado com a parenta D. Francisca Bernarda de Albuquerque Maranhão. Pais de MANOEL IGNACIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE E LACERDA (1796 – 1882), BARÃO DE PIRAPAMA. Foi desembargador, senador por Pernambuco, presidente do Senado Imperial de 1856 a 1861.[28]
    - Felipe Cavalcanti Florentino. C.c. D. Mariana de Lacerda, filha de Jorge Cavalcanti de Albuquerque e de s.m. D. Adriana, c.g.
    - D. Maria de Lacerda, c.c. Jerônimo Velloso Machado, c.g.
    - D. Josefa de Lacerda, c.c. Francisco do Rego Barros, c.g.
  - Felipe Cavalcanti de Albuquerque.
  - Leão Falcão d'Eça.
  - José de Barros Pimentel.
  - D. Maria de Lacerda, 1a. mulher do sargento–mor Francisco Siqueira de Vasconcellos, s.g.
  - D. Joana de Lacerda Cavalcanti, c. (1) c. o cap. mor Affonso de Albuquerque Maranhão, sg. E em seguida, c. (2) c. João Bezerra, tambem s.g.

---

[28]Tivemos aqui a ajuda decisiva de Ana Naschira Lins, Pedro Auler, Regina Cascão, de quem somos devedores gratos e reconhecidos.

Figura 14: *O Barão de Pirapama (Cortesia de Luciano Cavalcanti de Albuquerque.)*

  - D. Adriana de Barros Pimentel, que c.c. Jorge Cavalcanti de Abuquerque, filho de homônimo, c.g.

- D. Ursula Cavalcanti, mulher de D. Francisco de Sousa, governador da capitania de Pernambuco de 1721 a 1722, filho natural de D. João de Sousa, comendador de S. Euricio na ordem de Cristo, c.g.

- Jerônimo, que segue.

XX. JERÔNIMO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE E LACERDA foi fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo e capitão–mor de Itamaracá. C.c D. Catarina de Vasconcellos, filha de Francisco Camello Valcaçar e de s.m. D. Catarina de Vasconcellos. P.d.:

- D. Ana Cavalcanti, que casou com o primo direito Filipe Cavalcanti de Albuquerque, filho de Francisco de Barros Falcão e de D. Mariana de Lacerda, c.g.

- D. Maria de Lacerda.

- D. Francisca Cavalcanti, que c.c. Miguel Carneiro da Cunha, irmão de sua cunhada abaixo, s.g.

- Manuel, que segue.

Figura 15: *Almirante Pedro Cavalcanti de Albuquerque, neto do Barão de Pirapama. (Cortesia de Luciano Cavalcanti de Albuquerque.)*

Figura 16: *Eugenia Leopoldina de Werna Magalhães da Fonseca Monteiro de Barros, mulher do almirante Pedro Cavalcanti. (Cortesia de Luciano Cavalcanti de Albuquerque.)*

XXI. Manuel Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda foi fidalgo da casa real, cavaleiro da ordem de Cristo, e alcaidemor da vila de Goiana. C.c. D. Sebastiana de Carvalho, filha do cel. Manuel Carneiro da Cunha e de s.m. D. Sebastiana de Carvalho; n.p. de Manuel Carneiro de Mariz, juiz ordinário de Olinda em 1654, e de s.m. D. Cosma da Cunha. P.d.:

- José Cavalcanti de Lacerda, fidalgo da casa real, casado com D. Caetana de Mello, s.g.
- D. Maria Sebastiana, D. Rosa e D. Cosma, solteiras c. 1770.
- Manuel, que segue.

XXII. Manuel Carneiro Cavalcanti de Lacerda foi fidalgo da casa real. C.c. sua parenta D. Maria Magdalena de Valcazar, filha do sargento mor Jorge Camello Valcazar e de s.m. D. Maria Ferreira. P.d.:

- Manuel Cavalcanti de Lacerda. Segue. E,
- D. Sebastiana de Carvalho.

XXIII. Manuel Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda, n.c. 1740, casou em 1760 com D. Luisa de Albuquerque e Mello, filha de Pedro de Albuquerque Mello e de s.m. D. Maria Correia de Paiva. P.d.:

- Francisco;
- Inácio Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda. C.c. D. Maria da Conceição Cavalcanti de Albuquerque, tia do Cel. Suassuna. P.d.:
  - Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda (1798 – 1848). C.c. sua prima D. Luiza Francisca de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, irmã do Cel. Suassuna. P.d.:
    - D. Maria Ana Francisca de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda.
    - D. Francisca de Paula, c.c. Francisco Rodrigues de Almeida.
    - D. Ana Maria Francisca de Paula, c.c. o primo Luiz Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.
    - Luiz Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda, sr. do engenho "Bu." C. em 1878 c. D. Maria Adelaide de Mattos Lemos, s.g.
  - D. Ana Francisca de Paula, c.c. Gonçalo Francisco Xavier Uchoa. C.g.
- Gonçalo Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda, c.c. D. Adriana de Azevedo. P.d.:
  - Francisco Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda, c.c. a prima direita D. Maria Cavalcanti Uchoa. P.d.:

* D. Adriana; e Gonçalo.

- Luís, Manuel, Pedro Cavalcanti de Lacerda.

- D. Maria Cavalcanti de Albuquerque e Lacerda, c.c. João Lins Cavalcanti de Albuquerque.

A varonia Cavalcanti persistiu nesse ramo até começos do século XX. [29]

[29]Essa parte final da genealogia dos Cavalcantis de Lacerda foi–nos comunicada por Ana Naschira Lins, a quem muito agradecemos.

6 *Bezerra Cavalcanti*

É o ramo mais numeroso desta gente.

Figura 17: *Solar dos Bezerras em Viana, 2011.*

XIX. D. ISABEL DE ALBUQUERQUE, filha de Antonio Cavalcanti de Albuquerque e de Isabel de Goes, e neta de Filippo Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, casou duas vezes: primeiro, com Pedro Gonçalves Cerqueira, e, em seguida, com Francisco Bezerra.

Do primeiro leito:

- Manuel Gonçalves Cerqueira.
- Pedro, que segue.
- Antonio Cavalcanti de Albuquerque, "o da guerra," c.g. ampla. C.c. D. Margarida de Sousa, filha de Antonio de Oliveira, reinol, e de s.m. D. Leonarda de Sousa, natural do Porto; com diversos filhos:

- Antonio Cavalcanti de Albuquerque. C.c. D. Maria Joana . . . , c.g.
- Manuel Cavalcanti de Albuquerque. C.c. D. Ignez Francisca . . . , c.g.
- Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. C.c. D. Mariana Uchoa, filha de Gaspar de Sousa Uchoa, c.g. — *Uchoas Cavalcantis.*
- João Cavalcanti de Albuquerque. C.c. D. Maria Pessoa, filha de Arnal de Holanda Barreto e de s.m. D. Luzia Pessoa, c.g.
- D. Isabel Cavalcanti de Albuquerque. C.c. o parente Jerônimo Fragoso de Albuquerque, filho de Álvaro Fragoso de Albuquerque, alcaide mor de Serinhaem, e de sua mulher e parenta D. Maria de Albuquerque. Serviu Jerônimo nas guerras holandesas, tendo terminado a guerra no posto de capitão, alcançado em 1666 por patente do governador *Xumbregas.*

  Jerônimo e D. Isabel foram os pais de JERÔNIMO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Este viveu na Paraíba e chegou a coronel de cavalaria. C.c. D. Florencia de Castro Rocha, e teve dois filhos, que destacamos.

  O primeiro foi PAULO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, também coronel de cavalaria na Paraíba, casado com D. Angela Lins de Albuquerque, filha de Antonio Cavalcanti de Albuquerque, "o do Taipu," senhor do engenho "Taipu," e de outra D. Angela Lins de Albuquerque. Por esta neta de Fernão de Carvalho de Sá e de D. Brites Lins de Albuquerque — filha de Arnal de Vasconcellos de Albuquerque e de s.m. D. Joana de Oliveira. E por Arnal neta de Arnal de Holanda de Vasconcellos e de D. Maria Lins, casados em 17.4.1611, filha de Sebald Linz von Dorndorf e de Brites de Albuquerque, cunhada de Filippo Cavalcanti. Paulo e D. Angela foram os pais da filha única *D. Paula Cavalcanti de Albuquerque*, casada com Cristóvão de Holanda Cavalcanti, à pág. 72.

  Foi irmã de Paulo Cavalcanti, D. FRANCISCA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, mulher do engenheiro militar Luiz Xavier Bernardo, e ancestrais dos *Suassunas*. Ver à pág. 92.
- D. Leonarda Cavalcanti. C.c. Cosme Bezerra Monteiro; ancestrais do Cardeal Arcoverde. Ver à pág. 111.

Do segundo leito:

- D. Isabel de Goes.
- D. Ana Cavalcanti.

XX. PEDRO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, fidalgo cavaleiro da casa real, casou com D. Brasia Monteiro, filha de Francisco Bezerra Monteiro e de s.m. Maria Pessoa; n.p. de Domingos Bezerra e de Brásia Monteiro; n.m. de Diogo Martins Pessoa, vianense. (Domingos Bezerra, segundo Gayo, seria filho de Pedro Nunes Bezerra, e neto de Heitor Nunes Bezerra, todos de Viana.) P.d.:

XXI. D. URSULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, casada com Bernardino de Araújo Pereira; o casamento deu–se antes de 1.11.1664. Bernardino de Araújo Pereira foi capitão de cavalos de Ipojuca (patente de 12.3.1666) e vereador em Olinda em 1668. Pais de:

- Amador de Araújo, solteiro.
- Manuel de Araújo Cavalcanti, capitão de cavalos na Várzea, casado com D. Brasia Cavalcanti Bezerra, filha de Cosme Bezerra Monteiro e de s.m. D. Leonarda Cavalcanti. C.g.
- D. Maria, que segue.
- D. Luiza Cavalcanti, mulher de seu parente João de Araújo Luna, filho de Domingos de Luna e de s.m. D. Briolanja de Araújo. S.g.
- D. Brasia Cavalcanti, casada com João Leite da Silva, procurador do conselho em 1654, c.g.

XXII. D. MARIA CAVALCANTI casou com Mateus de Sá, vereador em Olinda em 1676 e juiz ordinário em 1683. Era filho de Domingos de Sá, comerciante rico chegado de Portugal antes de 1630, e de s.m. Isabel Alves da Costa. Pais de:

- Domingos de Sá Cavalcanti, sr. do engenho "Massangana," tenente–coronel das ordenanças. C.c. D. Joana Barreto de Albuquerque, filha ilegítima de Gonçalo Paes Barreto, c.g.
- Francisco de Sá Cavalcanti, sargentomor e capitãomor de Ipojuca. C.c. D. Catarina Camello Pessoa, filha do sargentomor Nuno Camello, c.g.
- João Cavalcanti de Sá, que c.c. D. Nazária Bezerra, filha de Amador de Araújo de Azevedo, c.g.
- D. Ana de Nazareth, que segue.
- D. Ursula, que casou primeiro com Francisco de Mello, e em seguida com Cristóvão Paes Cavalcanti, s.g.
- D. Catarina Maria de Sá Cavalcanti, que c.c. Antonio Carvalho de Andrada, filho do sargentomor Bernardino de Carvalho de Andrada e de s.m. D. Clara Cavalcanti Bezerra, c.g.

XXIII. D. ANNA DE NAZARETH CAVALCANTI c.c. o cap. Manuel de Araújo Bezerra, filho de Amador de Araújo de Azevedo e de s.m. D. Maria Monteiro Bezerra. P.d.:

- Manuel de Araújo Bezerra, clérigo.

Figura 18: *Armas dos Bezerras de Viana. (Fonte: grupo "Origens, Genealogia,. . . ," no Facebook.)*

- D. Cosma de Araújo Cavalcanti, casada com Gonçalo Teixeira Cabral, sr. do engenho "Goicana" — que depois passa aos Acciolys Lins — em Serinhaem. C.g.
- D. Maria, que segue.
- D. Luiza Cavalcanti Bezerra, casada com Manuel Teixeira de Lima, n. de serinhaem, filho do cap. Damião de Casado Lima, c.g. até hoje.

  P.d., e.o., a ANTONIO BEZERRA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, n. 1746, casado com D. Mécia Manoela de Barros Wanderley. Pais de FRANCISCO CASADO DE ALBUQUERQUE, marido que o foi, segundo o testemunho do filho, de D. Rosa Francisca da Câmara.

  Pais, enfim, de FÉLIX CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, autor das *Memórias de um Cavalcanti*, editadas e comentadas por Gilberto Freyre.

XXIV. D. MARIA CAVALCANTI c.c. Tomé Teixeira Ribeiro, irmão de Gonçalo supra, e filhos de Martinho Teixeira Cabral e de s.m. Petronilha de Brito. P.d.:

- Pedro Teixeira Cavalcanti.
- D. Manuela Teixeira Cavalcanti, casada com o cap. Antonio José do Couto, reinol, c.g.
- D. Maria Teixeira Cavalcanti. .
- D. Anna Cavalcanti de Nazareth. C.c. Pedro Alves Feitosa, filho de Francisco Alves Feitosa e de s.m. Catarina Cardosa da Rocha Resende Macrina. P.d.:
  - Francisco Bezerra Cavalcanti. C.c. a parenta D. Gertrudes Bezerra Cavalcanti de Albuquerque. P.d. D. MARIA BEZERRA CAVALCANTI, c.c. José Alves Bezerra. Avós do primeiro JOSÉ RUFINO BEZERRA CAVALCANTI.

    Eis o assento de seu casamento:

    > *Aos vinte de agosto de 1863, de minha licença, em oratório privado, o reverendissímo Frei Augusto da Imaculada Conceição Alves, assistiu por palavras de presentes, o recebimento matrimonial de José Rufino Bezerra Cavalcanti e Dona Maria Januária de Barros Lima, estando confessados, receberam as bençãos nupciais. Foram testemunhas: O Padre Manuel, coadjutor da Glória, Frei Pedro de Nossa Senhora da Luz e o Major Diogo Soares de Albuquerque, casado. E para constar mandei fazer o presente que assinei: Vigário encomendado Sebastião de Andrade.*

    Seu neto homônimo, JOSÉ RUFINO BEZERRA CAVALCANTI, nasceu em Vitória de Santo Antão em 1865, e morreu no Recife em 1922, no exercício do governo de Pernamuco. Usineiro de grande sucesso, foi proprietário de diversos engenhos, e fundou em 1912 a Usina José

Rufino, batizada em homenagem ao avô. Com o nome parlamentar de José Bezerra, foi eleito em 1915 para o senado, mas manobras de Pinheiro Machado impediram–lhe a posse. Sabendo do ocorrido, Wenceslau Braz nomeia–o imediatamente para o ministério da agricultura, cargo que exerceu até 1917.

De dezembro de 1919 a março de 1922 foi presidente de Pernambuco, tendo falecido no cargo. Casou–se com Hercilia Pereira de Araujo, de quem teve 11 filhos.

Figura 19: *José Rufino Bezerra Cavalcanti (1865–1922), presidente de Pernambuco (Fundação Joaquim Nabuco).*

O filho, de nome parlamentar José Bezerra Filho (1890 – 1959), foi deputado estadual e prefeito do Cabo, PE.

- D. Gertrudes Teixeira Cavalcanti.

7 *Primeiro ramo Holanda Cavalcanti*

Aparentavam–se às mais notórias grandes famílias do nordeste: Accioli, Castello Branco, Paes Barreto, Rego Barros, Wanderley.

XVIII. D. BEATRIZ DE ALBUQUERQUE. Casou com Cristóvão de Holanda de Vasconcellos, n. 1561, † 1614, filho primogênito de Arnal de Holanda e de sua mulher Brites Mendes. Destes, o que sabemos em documentos está testemunhado por Cristóvão, no processo perante a inquisição de Luis do Rego Barros:

> *2a testemunha: "Cristóvão de Holanda, cristão–velho,*[30] *meio flamengo, natural desta Capitania, 34 anos, casado com D. Beatriz de Albuquerque," e que "o dito Luís do Rego é casado com Inês de Góis, irmã dele testemunha."*
>
> *"...perguntado se vio elle ao Vigário de São Lourenço Francisco Pinto ir dizer missa ao Engenho delle testemunha, em que tem a metade Luís do Rego, disse, digo, estando presente o ditto Luís do Rego, a benzer– lhe o Engenho, no princípio da safra, no anno de oitenta e nove até noventa e hum ou em outro tempo; disse que, depois do anno de oitenta e nove para cá, viu elle muitas vezes ao Vigário de São Lourenço, Francisco Pinto, ir dizer missa a Capella do seu Engenho de Maciape, em que tem parte o dito Luís do Rego, estando o ditto Luís do Rego presente, mas que não lembra se foi isso também antes do anno de noventa e hum, no tempo em que elle testemunha tinha todo o arrendamento da ditta Fazenda, no qual tempo do ditto seu arredamento ínfimo, que foi do anno de oitenta e oito até o ano de noventa e hum, sempre nos princípios das safras lhe foi o ditto Vigário benzer o Engenho, dizendo missa nelle, sendo presente o ditto Luís do Rego; mas no ditto tempo, não lhe ia o ditto Vigário dizer missa pello decurso do anno a dita Fazenda, porque elle testemunha e elle, digo, em que se achasse presente o ditto Luís do Rego, porquanto elle testemunha e o ditto Luís do Rego estavam, então, diferentes; e disse mais que, haverá quatro ou cinco annos, que elle testemunha viu o ditto Luís do Rego confessar*

[30]Vamos discutir isso em seguida; na verdade era cristão–novo.
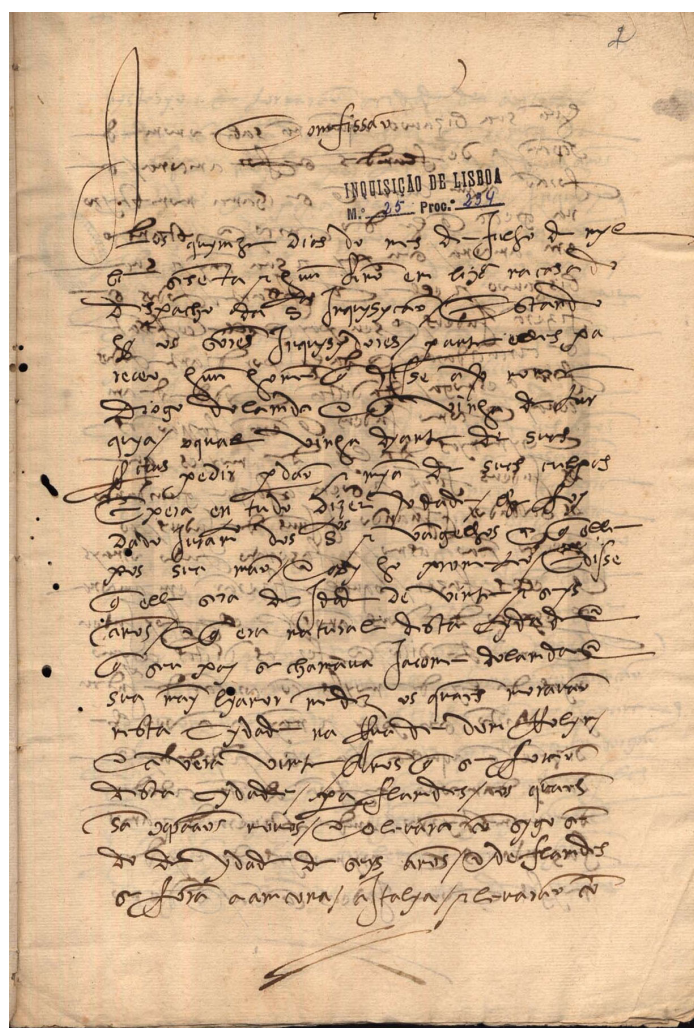
Figura 20: *Primeira página do depoimento de Diogo de Holanda, tio de Sebald Linz, perante a inquisição, em 1561. Qualifica–se como judeu e dá sua filiação em Jácome de Holanda e Leonor Mendes (IANTT).*
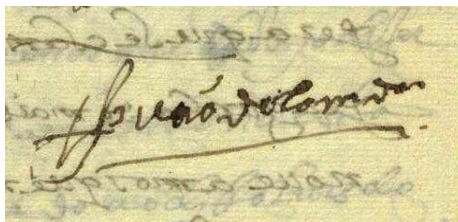
Figura 21: *Assinatura de Cristóvão de Holanda de Vasconcellos, 1595. (IANTT).*

ao ditto Vigário, Francisco Pinto, por um jubileu no ditto Engenho e recebeu, então, delle o Santíssimo Sacramento, mas que muitas vezes ouviu ao ditto Vigário do ditto Luís do Rego, que não cumpria na sua Freguesia a obrigação de se confessar e comungar pella Quaresma; e que o havia de publicar por excomungado se não lhe levava certidão de estar confessado e comungado, mas que elle testemunha não sabe se alguma vez o publicou por excomungado, mas sabe que lhe levara satisfação de como tinha confessado e comungado na Matriz desta Villa. . .

3a testemunha: Inácio Pestana, cristão–velho, natural de Porto de Mós, Arcebispado de Lisboa, 52 anos, casado com Inês Álvares, lavrador e morador em Maciape, freguesia de São Lourenço, na fazenda de Cristovão de Holanda e Luís do Rego — disse que "sua mulher é prima coirmã da sogra de Luís do Rego." [31]

3o depoimento, de Luís do Rego Barros: ". . . e de sua genelogia dixe que eh christão velho natural de Viana filho de Afonso de Barros Rego e de sua molher Maria Nunes Barreta de ydade de quarenta e hum annos casado com Ines de Gois de Vasgoncellos, senhor do Engenho de Maciape; e que seus avós da parte de seu pai forão Francisco do Rego, da gente principal de Viana, e que seu pai de sua mãe, avô delle reo, se chamava João Velho Barreto que foi Veador do Duque de Bragança e de sua avó não sabe, teve muitos tios, irmãos de seu pai, Gaspar do Rego, Ouvidor de Braga, Luis do Rego, em Viana, e outros muitos já defuntos; tem tios, irmãos de sua mai, Pedro Velho Barreto, dos da governança em Viana, e Maria do Rego mulher de João Barbosa d'Almeida, elle reo tem irmãos, João Velho Rego, Antônio de Barros Rego, dos da governança desta terra; tem elle reo filhos meninos, que o mais velho eh de onze annos, chamado Francisco; e perguntado pella doutrina christã persignou–se e benzeou–se e dixe que sabia o padre nosso, avemaria, credo, salve–raynha e mandamentos da lei de Deus."[32]

Há uma lenda confusa e inverificável cercando o ancestral primeiro dos Holandas em Pernambuco, Arnal de Holanda, casado com Brites Mendes a velha, tambem documentada, no processo das netas de Branca Dias, como Brites

[31]Que era Brites Mendes de Vasconcellos.

[32]Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, Proc. 12754 — Processo de Luís do Rego Barros.

Mendes de Vasconcellos. Seria Arnal de Holanda filho de um certo Hendrick van Rhijnburg (Rheinburg, na forma alemã), barão batavo, casado com Margrete Florenz, irmã do papa Adriano VI, Adriaan Florenz–Dedel. Só que, para começar, o barão não se consegue documentar, e o papa Adriano VI, que reinou um ano, de 1522 a 1523, não teve irmãs, só dois irmãos.

Nos documentos quinhentistas em que comparece, Arnal de Holanda nada fala sobre seus pais. Sua mulher era notoriamente judaizante, Brites Mendes "a velha," alem de amiga e comadre de Branca Dias, conforme testemunhos no pedido de ingresso na ordem de Cristo de José Gomes de Mello, que dela descendia. E havia em Portugal, na virada do século XV para o século XVI, uma família de Holandas, muito rica, de comerciantes abastados e muito viajados. Que eram judeus. (Havia outra família de Holandas, bombardeiros e militares, cujo perfil social é bem diverso do destes Holandas.)

Em 15 de julho de 1561, Diogo de Holanda, "o Salomão," se apresenta à inquisição. É dado como filho de dois judeus, Jacob de Holanda e Leonor Mendes (citada nos nobiliários como Cosma, e apelidada *a Dona Rica*).[33] Nascera Diogo de Holanda, o Salomão, em 1535.

Em 5 de setembro de 1561, Francisco Jácome, irmão de Diogo, recebe armas (dever–se–ia dizer, recebe–as surpreendentemente?). Sem que se diga o motivo, nessas armas o primeiro partido reproduz o quartel principal das armas do há muito falecido papa Adriano VI. No texto da carta d'armas não consta sua filiação.

Note–se que *esta carta d'armas, mesmo se implicita e incidentalmente, fez necessariamente a todos dessa família, cristãos velhos em termos legais.* Tal aconteceu do mesmo modo com Castros do Rio, Ximenes de Aragão, Matas, Altes e Espargosas, e outras famílias de origens judengas.

Nesse meio tempo entram em cena parentes afins desses Holandas radicados em Portugal, os Lins ou Linz von Dorndorf, fidalgos alemães, cristãos, banqueiros de Ulm, riquíssimos; e prepostos em Portugal dos Fugger, de Augsburg. Em 1564, Maximiliano II, majestade cesárea, envia carta a D. Sebastião, pedindo–lhe que atenda aos pleitos de seu vassalo Sebald Linz. Sebald Linz é genro de Francisco Jácome, supra, e portanto sobrinho afim do autodeclarado judeu Diogo de Holanda. E o filho de Sebald Linz, neto de Francisco Jácome, chamado Bartolomeu Jácome Linz, casa–se com Joana de Gois e Vasconcelos, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes.

Dois dados são relevantes aqui. Diogo "Salomão", tio de Jácoma Mendes, mulher de Sebald Linz, apresenta–se espontaneamente à inquisição e é dispensado. Sebald Linz é personagem com influência suficiente para obter da majestade cesárea uma carta em seu favor, em que é dado como 'vassalo' do imperador. São com certeza comerciantes ricos e influentes, esses Holandas e Lins. Mais uma coisa: Bartolomeu Jácome Lins vive em Lisboa. Por que vai ao Brasil buscar uma mulher para se casar, se não fora devido a parentesco e às práticas endogâmicas dessa gente?

Pode–se pensar que Arnal de Holanda era também filho de Jacob de Ho-

[33]"Rica" pode ser Rivka, Rebecca.

landa, dito "Jácome" de Holanda. Recemconvertido ao catolicismo e cristão velho por força da nobilitação da família, e enfim casado com Brites Mendes, que, suporíamos, era irmã ou sobrinha de Cosma Mendes, ou Leonor Mendes, a Dona Rica. Vieram para o Brasil para fugir à inquisição, que devia pesteá–los constantemente. Os que ficam em Portugal devem ter negociado — e pago bem — a carta de brasão de 1561, que lhes limpa o sangue e apaga o passado judeu.

Algo mais sobre essa gente, dos Holandas judeus, pode estar no processo de Abraham Cohen, ou Diogo Rodrigues, com 22 anos em 1580, nascido em 1558, filho de João Mendes (na verdade, Izaac Cohen), natural de Anvers na Holanda o Diogo/Abraham, mercador como o pai. Sua mãe, outra Dona Rica.[34]

Seriam nossos Holandas *kohanim* ?[35]

Pais, os do caput, de:

- Bartolomeu de Holanda Cavalcanti. Seu nome vinha–lhe com certeza do tio paterno Bartolomeu Jácome Linz. † em 6.6.1623; era casado com Justa da Costa, filha de Manuel da Costa Calheiros e de s.m. Catarina Rodrigues. C.g.
- Cristóvão de Holanda de Albuquerque, que segue.
- Filipe Cavalcanti de Albuquerque. Passou à Bahia em 1633, onde se fixou. C.c. Antonia Pereira Soeiro, filha de Martim Lopes Soeiro, c.g. ampla. Segue no § 10.
- Luiz Cavalcanti, clérigo presbítero.
- fr. João Cavalcanti, carmelita, ainda vivo em 1666.

XIX. CRISTÓVÃO DE HOLANDA DE ALBUQUERQUE. N. em Olinda e † após 1658. Lutou contra os holandeses e serviu de vereador em Olinda em 1651. C.c.

[34] PT–TT–TSO/IL/028/06662.

[35] Desses Holandas descende um largo ramo mineiro, que nos foi lembrado por Eneida Rangel Celeti. De ANA DE HOLANDA, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes de Vasconcellos, e casada com João Gomes de Mello, foi filha e.o., D. ANA DE VASCONCELLOS, casada com Pedro da Cunha de Andrade. P.d. PEDRO DA CUNHA PEREIRA c.c. D. Catarina Bezerra. P.d D. ANA DA CUNHA PEREIRA c.cò primo Arnal de Holanda Barreto, filho de Arnal de Holanda, c.c. D. Luzia Pessoa e neto de Inês de Goes, † 1612 em Olinda, e de Luiz do Rego Barros. P.d. COSME DO REGO BARROS, que c.c. D. Isabel Acha [não é Achioli] de Albuquerque. P.d. FRANCISCO DE REGO BARROS, que passou a Minas em começos do século XVIII, onde casou com D. Arcângela Furquim Xavier Pedroso

Giancarlo Zeni acrescenta: Francisco do Rego Barros e Arcângela foram pais de COSME DO REGO BARROS, neto, que casou com D. Maria Barbosa Lima; foram pais por seu turno de D. MARIA DO ROSÁRIO (dita Acioli, mas que afinal não era) DE ALBUQUERQUE, casada com o capitão–mor Antonio Bueno Freire, n. S. J. Del Rey mas de origem paulista. Os descendentes povoaram Rezende, RJ, e da filha (de Antonio e Maria do Rosário) D. BIBIANA BARBOSA LIMA, casada em1813 em Rezende c. Rafael Pinto de Souza, foi filha D. LEONOR DE SOUZA BARROS, casada em 1835 em Rezende c. Antonio Pinto Coelho de Barros, n. Portugal, e neta, enfim, HEDUWIGES DE SOUSA BARROS, avó paterna de ROBERTO MARINHO.
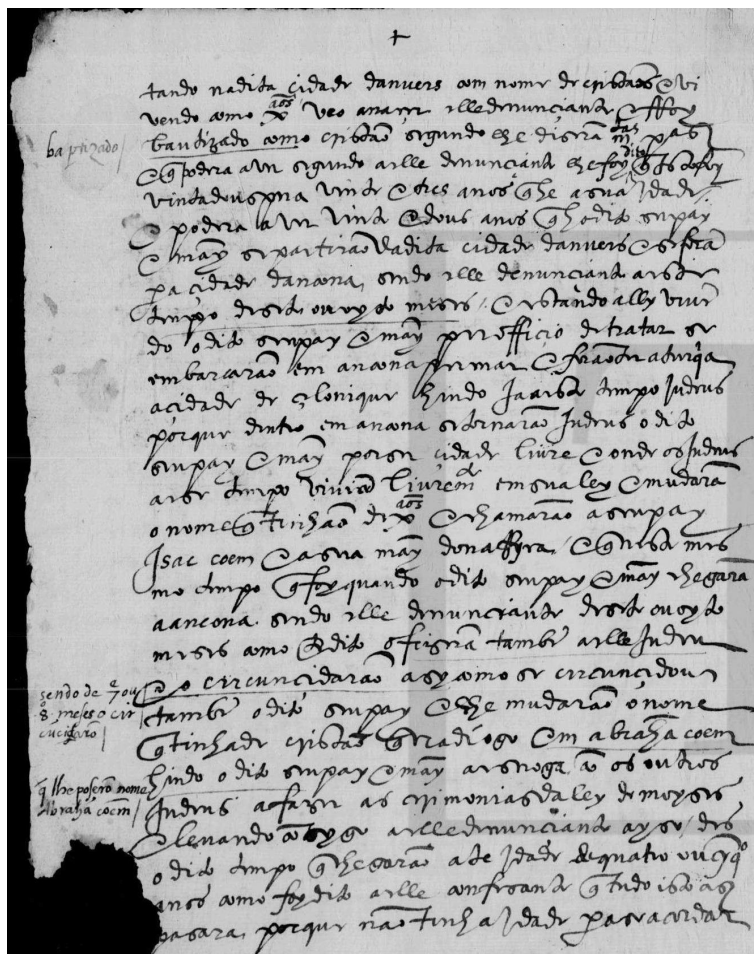
Figura 22: *Processo de Abraham Cohen em 1580, filho de Izaac Cohen e de Dona Rica (IANTT).*

a irmã de sua madrasta, Catarina da Costa, filha de Manuel da Costa Calheiros. Pais de:

- João Cavalcanti de Albuquerque, que segue.
- Filipe Cavalcanti de Albuquerque, a quem a câmara de Olinda fez doação de terras próximas ao Recife, como retribuição aos serviços de seu pai na guerra contra os holandeses. † em Muribara em 28.9.1698.
- fr. Francisco Cavalcanti, franciscano.
- Cristóvão de Holanda de Albuquerque, s.m.n.
- D. Joana Cavalcanti, 2a. mulher de Cristóvão Paes de Mendonça, que faleceu em 1.10.1687, c.g.
- D. Leonarda Cavalcanti, casada com Duarte de Siqueira, capitão de cavalos em Muribeca por patente de 1672. S.g.
- D. Maria Cavalcanti, solteira.

XX. JOÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, "o bom." Assim chamado pelo seu temperamento generoso. Foi vereador em Olinda em 1665; depois, juiz ordinário. Sargento–mor de Muribara, capitão–mor da mesma freguesia em 10.12.1674.

Falecido em 1690, casou duas vezes. Primeiro, com D. Bernarda de Albuquerque, filha de Jorge Teixeira de Albuquerque de de D. ... da Rosa; em seguida, com D. Simoa de Albuquerque, filha de Álvaro Fragoso de Albuquerque, capitão–mor de Serinhaem, e de sua mulher D. Maria de Albuquerque.

Teve do primeiro leito:

- Cristóvão de Holanda Cavalcanti. Sr. do engenho "da Torre" na Várzea do Capiberibe, e depois sr. do "Morenos." Sargento–mor das ordenanças de Olinda e Igaraçu, vereador em Olinda em 1682 e 1696; vivo ainda em 1715.

  C.c. D. Ana de Azevedo, filha de Domingos Gonçalves Freire, c.g. ampla. Damos aqui a primeira geração:

  - Domingos Gonçalves Freire, sr. do engenho "Morenos." C.c. D. Leonor da Cunha Pereira, filha de Diogo de Carvalho de Sá, c.g.
  - Antonio de Hollanda Cavalcanti, clérigo presbítero, † no Ceará.
  - Cristóvão de Hollanda Cavalcanti: casou duas vezes. Primeiro, com D. Mariana de Mello Falcão, filha de Manuel de Mello Falcão, s.g. Em seguida c.c. D. Ana de Mello Pessoa, sobrinha da primeira mulher e filha de Bento Pessoa de Araújo e de D. Ana de Mello, irmã de D. Mariana acima. C.g. do segundo casamento.
  - Sebastião de Hollanda Cavalcanti. Morou no engenho "da Torre."
  - D. Isabel Cavalcanti, c.c. Diogo de Carvalho de Sá. C.g. ampla.

Sebastiam Antonio de Mello Fidalgo
Cavalheiro da Caza Real Sargento Mor
do Regimento de Milicias da Freguezia
do Cabo por S. A. R. que Deos [illegible]

Attesto e faço Certo, que Antonio de Olanda
Cav.te de Albuqr. Coronel do Regim.to da Cavallaria Miliciana
da Freg.a de Serinhem he filho legitimo de Christovão de Olan
da Cav.te de Albuq. Cap.am Mor das Ordenanças de Ipocunhem,
e de sua mulher D. Paula Cav.te de Albuq. e neto pela p.te pater-
na do Coronel João Cavalc.te de Albuqr. Fidalgo Cavalr.o da Caza
Real e de sua m.er D. Izabel Rita Caetana da Sylveira, e pela
materna neto de Paulo Cav.te de Albuqr. Coronel da Cavalaria da
Paraiba e de sua mulher D. Angela Lins Cavalc.ti de Albuqr.;
o qual Coronel Antonio de Olanda Cavalcanti he cazado Com
D. Maria Manoela de Mello, filha legitima de Sebastião An
tonio de Barros e Mello Fidalgo Cavalr.o da Caza R.l, professo
na ordem de Christo, Cor.el da Cavalr.a do Cabo, e de sua mulher
D. Maria Rita de Albuqr. e Mello; e o reconheço por huã das
pessoas da mais ilustre qualidade das familias desta Cap.nia
e q. tem vivido sempre Com destinta honra e inteira por[illegible]
tanto no q. pert. ao serviço de S. Mag.de como nos mais cargos pu
blicos que tem exercido; pelo q. se faz digno de qual q. graça
q. S. A. R. for servido Conferir-lhe. E por ser verd.e tudo re
ferido ca[illegible] [illegible] de palavra de honra e por ser pe
dida esta o mandei passar que vai por mim assinado e selado
Com o selo que uzo nesta Villa do R.o de Fernamb.o 25 de 7br.o
de 1801.

Seb.am Ant.o de M.o e M.lo

[illegible] José Joaquim Nab.o de Araujo Pro
fesso na Ordem de Christo do [illegible] de S. A. R.

Figura 23: *Genealogia de Antonio de Holanda Cavalcanti (Projeto Resgate).*

- D. Bernarda Cavalcanti de Albuquerque, casada com Fernão de Carvalho de Sá e Albuquerque, c.g.
- D. Anna Cavalcanti, que casou duas vezes. Primeiro, com José Tavares Sarmento; o segundo, com o sargento-mor Manuel Ribeiro Pessoa, † 1770. C.g.

Do segundo casamento:

- Antonio Cavalcanti de Albuquerque, sargento–mor de Muribara em 1689. C.c. D. Eugenia Freire, tendo–lhes falecido criança a filha única.
- João Cavalcanti de Albuquerque, que segue.
- Francisco Cavalcanti de Albuquerque, capitão das ordenanças de Muribara de 1699 a 1701. C.c. D. Antonia, filha de Estevão de Sousa Palhano, s.g.
- D. Bernarda de Albuquerque Cavalcanti. Casou duas vezes: primeiro, com Antonio Bezerra, s.g.; da segunda vez, com o sargento–mor Arnau de Holanda Correia, sr. do engenho "Camorim," filho de João Correia Barbosa e de s.m. D. Madalena de Goes, c.g. Vivia D. Bernarda em 1751 no engenho dito "dos Ramos."
- D. Margarida Cavalcanti de Albuquerque, casada com o capitão Francisco de Albuquerque Mello, filho de Fernão Velho d'Araújo e de s.m. D. Luisa de Mello, c.g.
- D. Brites Cavalcanti de Albuquerque — casou com o cap. Teodósio Leitão de Vasconcellos, filho de Baltazar Leitão de Vasconcellos, c.g.
- D. Catarina Cavalcanti de Albuquerque, solteira.
- D. Antonia Cavalcanti de Albuquerque, mulher de Leão Falcão de Eça, filho de Francisco de Barros Falcão, c.g.
- D. Mariana Cavalcanti de Albuquerque, casada duas vezes: primeiro, com o cap. João de Barros Rego, filho de André de Barros Rego e de s.m. D. Adriana de Almeida Wanderley; a segunda, com o cap. Pedro Cavalcanti Bezerra, filho de Cosme Bezerra Cavalcanti e de s.m. D. Leonarda Cavalcanti de Albuquerque, s.g.

XXI. João Cavalcanti de Albuquerque, "o do Apoá," porque sr. do engenho "Apoá," e dos engenhos "Camorim," "Goytá" e "Morenos."

Vereador na câmara de Olinda em 1707 e 1713, ouvidor–geral interino de Pernambuco em 1713, e fidalgo cavaleiro da casa real no mesmo ano.

Casou–se antes de 1708 com D. Isabel da Silveira de Castello Branco, dos Regos Barros Castello Brancos – filha de Manuel Mota da Silveira, n. Colares (Penedo, Portugal) e batizado em 7.4.1633; † 24.6.1703. Capitão de infantaria, passou a Pernambuco, onde c.c. D. Catarina de Barros Rego Cogominho, † testada em 16.2.1724, filha natural do governador Cristóvão de Barros Rego e de

D. Catarina; n.p. de João Coelho de Arouche, cav. de S. Tiago e familiar do Santo Ofício, bat. em Colares em 27.7.1598; lá † em 19.4.1658 com testamento.

C. em primeiras núpcias em 1621 c. D. Isabel Madureira de Castelo Branco, n. Tânger e bat. em 11.5.1603; † em Colares em 6.6.1635, sepultada no mosteiro do Carmo na sua capela de Santa Ana. Era filha de Pedro da Mota Botelho de Madureira, comendador da ordem de Cristo, e de s.m. D. Isabel da Silveira de Castelo Branco, de Tânger, casados lá em 9.5.1602; n.p. de Manuel da Mota, capitão de Tânger, e de Isabel de Madureira; n.m. de Gaspar de Monção, comendador de Cristo, ouvidor do almoxarife de Tânger, e de s.m. Isabel da Silveira de Castelo Branco.[36] A ascendência desses sobe ainda pela pequena nobreza lusa radicada em Tânger.[37] Pais de:

- Manuel Cavalcanti de Albuquerque, sr. do engenho "Taipu," casado com D. Margarida de Albuquerque, viúva de José do Rego Barros, s.g.

- Cristóvão, que segue.

---

[36]Baseado em pesquisa de Tácito Galvão.

[37]Segundo comunicação pessoal de Manuel Abranches de Soveral a FAD em 24.12.2009:

> Caro Francisco António:
>
> Meu 11º avô na varonia João Fernandes de Soveral, fidalgo da Casa de D. Sebastião e cavaleiro da Ordem de Cristo, teve nesta ordem uma comenda em Tânger, onde serviu, e esteve na batalha de Alcácer Quibir, onde foi ferido e ficou cativo, sendo remido à sua custa. Quando regressou, pelos seus serviços e para ajuda do pagamento do resgate, teve mercê a 7.11.1579 da comenda de Padrões da Ordem de Santiago, com 30.000 reais de pensão nas rendas, a 24.1.1580 acrescento de pensão com a comenda de Mogadouro de S. Mamede e a 2.8.1582 recebeu 46.000 reais por outro tanto que lhe ficara por pagar da pensão que tivera em 1580. Já então era velho e casado duas vezes (eu descendo do 1º casamento), a segunda das quais em Tânger com Sebastiana Pessanha, de quem teve vários filhos, entre eles Antónia Correa, que a 8.8.1599 casou em casa de seu pai, em Tânger, com Belchior (Vaz) Mateus da Silveira, capitão de Infantaria da praça de Tanger, cavaleiro da Ordem de Cristo, etc., filho de Belchior Vaz Mateus de Monção, juiz ouvidor, e de sua mulher Maria da Silveira (c.g. que tenho, se estiver interessado).
>
> Ora, esta Maria da Silveira era irmã da sua Isabel da Silveira, já fal. em 1601, c.c. o Cap. Gaspar de Monção. Estes foram pais de: 1) Leonor da Silveira c. a 17.6.1601 em Tânger c. Luiz Gonçalves de Azevedo, morador em Elvas, c.g.; 2) Isabel da Silveira c. a 9.5.1602, ib, c. Pedro Botelho Perdigão; 3) Cap. António da Silveira (de Monção) c. a 27.11.1606, ib, c. Ana Corrêa. Julgo que as anteditas Maria e Isabel da Silveira eram irmãs do juiz ouvidor de Tanger (r. de 1598) Diogo da Silveira, cavaleiro da Ordem de Cristo (r. de 1612), pai do almoxarife de Tanger António da Silveira.
>
> Alão diz que aquele Belchior (Vaz) Mateus da Silveira, a quem chama simplesmente Belchior da Silveira, era filho de Baltazar Vaz de Castello–Branco (nome errado) e de sua mulher Maria da Silveira (nome certo), casados em Tanger; neto paterno de Belchior Mateus de Monção, que serviu na Índia, onde morreu (este é que terá casado com uma Vaz de Castello-Branco); e bisneto de Pedro Mateus de Monção, comendador da Ordem de Cristo, natural de Arouce e morador em Alcácer do Sal.
>
> O Cap. Gaspar de Monção e o juiz ouvidor Belchior Vaz Mateus de Monção, casados com duas irmãs Silveiras, eram certamente parentes, porventura irmãos.
>
> Um abraço e bom Natal,
>
> Manuel

- D. Francisca Cavalcanti de Albuquerque, solteira.
- Arcangelo Cavalcanti de Albuquerque, casado com D. Monica do Rego Pessoa, filha de José do Rego Barros e de s.m. D. Margarida Cavalcanti de Figueiroa. Pais de:
  - João Baptista Cavalcanti de Albuquerque.
  - D. Ana Maria Cavalcanti, mulher de Cosme Alves de Carvalho.
  - D. Margarida Cavalcanti, casada com o cap. Francisco Gouveia de Sousa, c.g.
  - D. Maria do Rego Barros.

XXII. CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI. Tendo vivido no seu engenho "Apoá" na primeira metade do século XVIII, foi capitão–mor de Tracunhaem, e casou–se com a parenta D. Paula Cavalcanti de Albuquerque, da Paraíba, filha de Paulo Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher e parenta D. Angela Cavalcanti de Albuquerque. (Ver pág. 57.) Pais de:

- João Cavalcanti de Albuquerque, clérigo presbítero.
- José Cavalcanti de Albuquerque.
- Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, † menino.
- Manuel Cavalcanti de Albuquerque.
- Francisco Cavalcanti de Albuquerque, de quem descendem os *Cavalcantis do Petribu.* Este engenho, que pertencia a seu pai, passa–lhe às mãos; em 1812 recebe uma sesmaria na Ribeira de Paudalho, região dos engenhos da família.

  Seu filho, o Cel. LOURENÇO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, restaurou o engenho "Petribu," que vinha neste ramo desde João Cavalcanti "do Apoá." Lourenço † em 28.12.1867.

  O engenho "Petribu" foi então partilhado entre dois filhos do Cel. Lourenço, CHRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE e JOSÉ DE HOLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. De José, que † em 8.7.1878, descendem os Cavalcantis do Petribu, nome adotado desde então por esta linha. Hoje são os únicos a manterem a varonia de Holanda, e são um dos ramos brasileiros dos Cavalcantis com menor número de quebras — uma só — na varonia Cavalcanti.
- Antonio, que segue.
- Paulo Cavalcanti de Albuquerque.
- Cristóvão de Holanda Cavalcanti.

XXIII. ANTONIO DE HOLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE,[38], coronel do regimento das ordenanças de Serinhaem em 1801, n.c. 1720, casado com D. Maria Manuela de Mello,[39] filha de Sebastião Antonio de Barros Mello (c. 1710 — antes de 1783),[40] fidalgo cavaleiro da casa real, e de sua mulher D. Maria Rita de Albuquerque Melo, filha do morgado do Cabo, João Paes Barreto, e de D. Manuela Luzia de Melo.

Pais de, entre outros a:

- Antonio, que segue.
- D. Maria Rita de Albuquerque Mello, que c.c. seu primo o Cel. Suassuna. Ver o § 9.

XXIV. ANTONIO DE HOLANDA CAVALCANTI, n.c. 1745, que passou à região das lagoas, foi tambem sr. do engenho "Marreca" em Porto Calvo, e se fixou

[38]A partir daqui baseamo–nos em pesquisa documental de Cássia Albuquerque.

[39]Esta senhora descendia dos Wanderleys:

1. *Ruthger*, Rudiger von Neuenhof; século XIII e primeira metade do século XIV. Pai de:
2. *Engelbert von Neuenhof*, teria se casado com uma senhora von der Leyen, segundo tradições posteriores? C.c. Gudeke. Pais de:
3. *Ruthger von Neuenhof, gennant Ley, oder von der Leyen*. Seria este o casado com a senhora Ley? Sua mulher seria Aleke? Atestado em 1370. Pai de:
4. *Gelys von Neuenhof, gennant Ley*, 1413, 1439, 1447? C.c. Elsgen. . . Pais de:
5. *Alff von Neuenhoff, gennant Ley*, 1434, 1469, 1472. C.c. Bela von Bicken. P.d.:
6. *Hermann von Neuenhof, gennant Ley*, c.c. N. von Ense, gennant Varnhagen. P.d.:
7. *Engelbert von Neuhof, gennant Ley*, 1507, 1554, c.c. Katharina von Möllenbeck. P.d.:
8. *Balthasar, Ritter von Neuenhof, gennant Ley.* Muda–se para a Curlândia, e se fixa em Riga. Casa duas vezes. Do segundo casamento,
9. *Caspar, Ritter von Neuenhof, gennant Ley*, ou von der Ley/Leyen, atestado em Riga em 1619, e até julho de 1634. Casado em Riga, com geração.

   Identificado ao que se atesta no Brasil desde 1633, até c. 1645, e que vive maritalmente com Maria de Mello, filha de Manuel Gomes de Mello e de s.m. D. Adriana de Almeida — ela depois do (plausível) retorno de Gaspar à Curlândia, casa–se com João Baptista Achioli. P.d.:
10. *D. Adriana de Almeida Wanderley* c.c. André de Barros Rego. P.d.:
11. *D. Luzia Pessoa de Mello*, que c.c. o primo João do Rego Barros, professo na Ordem de Cristo. e f.c.c.r., provedor e proprietário da fazenda real em Pernambuco, fo. de Francisco do Rego Barros e de s.m. D. Mônica Josefa de Barros. P.d.:
12. *Francisco do Rego Barros II*, provedor da fazenda etc, fidalgo cavaleiro, c.c. a prima D. Maria Manoela de Mello, fa. de Manuel Gomes de Mello e de s.m. D. Ignez de Goes de Mello, fa. do cap. André de Barros Rego e de D. Adriana Wanderley, acima. P.d.:
13. *Sebastião Antonio de Barros Mello* (1720 — antes de 1783). fidalgo cavaleiro etc. C.c. D. Maria Rita de Albuquerque Mello, fa. de João Paes Barreto, 7o. morgado do Cabo, e de s.m. D. Manoela Luzia de Mello. P.d.:
14. *D. Maria Manoela de Mello II*, que c.c. Antonio de Holanda Cavalcanti de Albuquerque cel. das ordenanças de Serinhaem com provanças feitas em 1801. Atrás.

[40]Corrigindo O. Cavalcanti.

no engenho "Gurganema." † antes de 1817. Casou com D. Maria da Conceição Rabelo, filha de José de Casado Lima, de Serinhaem, sr. do engenho "Lama" na região das lagoas. Pais, que sabemos, de:

- Antonio Casado de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, n.c. 1770, † antes de 1837. C.c. D. Rita Eufrásia Teixeira, que depois de viúva casa–se com Brás João Calheiros Achioli. Faleceu D. Rita Eufrásia antes de 1862. P.d.:
  - José de Holanda Cavalcanti, † 1873, c.c. D. Anna Casado da Cunha Lima, † antes de 1874, filha de Filipe da Cunha Lima e de D. Maria Casado e n.p. de outro Felipe da Cunha Lima e de D. Rosa da Silva de Moraes, filha esta de Francisco da Silva de Moraes, português. P.d.:
    - Francisco de Holanda Cavalcanti, c.c. D. Liberata de Albuquerque. Pais de Josefina e Francisca.
    - D. Anna Casado de Hollanda Cavalcanti, c.c. João José de Miranda Jr., † antes de 1874.
    - José de Holanda Cavalcanti Jr.
  - D. Maria da Conceição Henriqueta de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, † 23.7.1841, c.c. o sargento–mor André Lemos de Ribeiro, s.g.
  - Antonio de Hollanda Cavalcanti, capitão, morador no Pilar, já falecido em 1862.. P.d. dois filhos naturais, Pedro (n. 6.11.1838, com Maria Rita da Conceição) e uma filha, D. Felisbella Leopoldina de Holanda Cavalcanti, n. 1829, filha tambem de Maria Rita da Conceição, e c.c. José Sebastião de Souza, moradores em S. Miguel.[41]

    Com outra mulher, não nominada num depoimento de 25.6.1834, teve Felisdora, n. 1832.
  - D. Francisca de Paula de Hollanda Cavalcanti, que entre 1845 e 7.2.-1848 casa–se com José Cavalcanti Achioli, filho de Francisco de Borges Achioli e neto do primeiro casanento de Ignacio Achioli de Vasconcellos, abaixo.

  Foi neta de Antonio de Holanda Cavalcanti, no caput, D. Rita Leopoldina de Hollanda Cavalcanti, solteira em 1836.

- Sebastião de Holanda Cavalcanti de Albuquerque. N. 1773, seria Sebastião dos Óculos de Arcoverde Pernambuco Cavalcanti de Albuquerque, envolvido no movimento revolucionário de 1817.

- Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

[41] *O Rvdo Sipriano Lopes Arroxelas Galvão de lisensa minha baptizou solenemente Pedro, nascido a seis de novembro do ano próximo passado [1838], filho natural do Capitão Antonio de Olanda Cavalgante e Maria Rita da Conceição, solteiros; foram padrinhos O capitão Bras João Calheiros e D. Rita Eufrasia sua mulher.*

- Cristóvão de Holanda Cavalcanti, n. 1778, † 1856, capitão–mor; c.c. D. Paula de Bezerra Cavalcanti de Albuquerque (1784–1830), filha de outro Cristóvão de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, sr. do engenho "Monjope," e de s.m. D. Ana Maria José de Mello.

  P.d., e.o., a D. LUISA ISABEL DE HOLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, n. 1810 e † 1851, c.c. José Luiz Paes de Mello Barreto, do engenho "Mambucabas," de quem foi 2a. mulher. Trisavós de Chico Buarque de Holanda.[42]

- D. Maria Benedita de Mello, mulher de José de Barros Achioli, † antes de 1813.

Figura 24: *Acordo assinado pelos cunhados Ignacio Achioli (assina "Axioly") e Antonio de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, 1813 (Col. Bonifácio Silveira, IHGAL).*

- D. Rosa Luzia do Bonfim, ver em seguida, pág. 76.

[42] Colaboração de Ana Naschira Lins.

8 *Accioli de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque*

Um ramo que une Holandas Cavalcantis e Acciolis de Vasconcellos.

XXV. D. ROSA LUZIA DO BONFIM, citada na pág. anterior, foi a 2a. mulher de Ignacio Achioli de Vasconcellos II (pág. 42), ela n.c. 1780, † 1807, filho do cap. Ignacio Achioli o velho, primeiro do nome, e de sua segunda mulher D. Ana Maria da Silveira. Ignacio Achioli, II, n.c. 1760 e † 1824, acha–se citado como partícipe do movimento de 1817 em Alagoas, ao lado do cunhado Sebastião de Holanda Cavalcanti, atrás. P.d.:

- D. Anna Joaquina de Albuquerque, n.c. 1805.[43] Casada com Lucas José Fernandes, em 20.5.1821:

  > *20 de maio de 1821.*
  > *Capella do Amparo.*
  > *Em presença do Pe. Joze Ignacio do Rego Se receberam em matrimonio na formado Concilio Tridentino corridos os banhos Freguezia de Santa Luzia do Norte. Contrahentes: Lucas Joze Fernandes e Anna Joaquina de Albuquerque.*
  > *Elle natoral da Bahia donde veio sem impedimentos morador na Villa de Maceio filho de Paulo Joze Fernandes e de sua molher Mariana Ferreira. Ella natoral desta Freguezia filha de Ignacio Axiole de Vasconcellos e de sua molher Roza Luzia. Testemunhas: o Coronel Francisco de Cerqueira e Silva e o Capitão Joze Valente cazados e moradores nesta Villa.*
  > *O Vigario Antonio Gomes Coelho.*

  C. 2o. c. Manoel Vieira de Araujo Peixoto, tte. cel. da Guarda Nacional da freguesia de Atalaia, proprietário do engenho "Mosquito" na mesma freguesia, † antes de 1851. P.d.:

[43] Teria enviuvado antes de 1830, sendo seu segundo marido Manuel Vieira de Araújo, e tendo como filho, entre outros, a Floriano Peixoto. Alayr Accioli Antunes, que conviveu bom tempo com o avô materno, abaixo, Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos, dizia ser este primo–irmão do presidente. Note–se que o engenho "Mosquito," dos pais de Floriano, passa em 1874 ou antes a Francisco de Borges Accioli III, que é então sobrinho de ambos. E enfim José de Barros Accioli de Vasconcellos, que é sobrinho desta Anna Joaquina, filho de José de Barros Accioli Pimentel, aparece listado entre os parentes de Floriano na missa de ano daquele.

Figura 25: *Armas dos Acciolis de Vasconcellos: de Acciaioli, partido de Vasconcellos. Timbre dos Acciaiolis.*

1. D. Maria do Carmo Vieira Peixoto, nascida no ano de 1833 e † a 20.09.1919 aos oitenta e seis anos e sepultada no cemitério público de Murici; c.c. seu primo o major Antonio Gualter Vieira Peixoto. † a 13.05.1922 aos oitenta e nove anos, sepultado no cemitério público da cidade de Murici catacumba 34; sr. dos engenhos "Taboca"l e "Cobra," c.g.

2. D. Catarina Vieira Peixoto, que c.c. seu primo Leonídio Vieira Peixoto, ele † no ano de 1919 aos 72 anos em sua propriedade "Boa Esperança," s.g.

3. Alexandre Vieira Peixoto. Major, coletor de impostos, comerciante de secos e molhados, Intendente de Atalaia no período de 1897 a 1899, c.c. D. Felismina Vaz de Albuquerque, c.g.

4. Francisco Vieira de Albuquerque Peixoto c.c. D. Joana Tenório de Albuquerque Mello, c.g.

5. Floriano Vieira de Araujo Peixoto, FLORIANO PEIXOTO, segundo presidente da república, n. em 30.04.1839 no engenho "Riacho Grande," freguesia N. S. do Ó e S. Antonio do Meirim, Ipióca, batizado por seus tios o major José Vieira de Araújo Peixoto e D. Anna Vieira de Araujo a 10.05.1839 na capela de N.S. da Conceição do engenho "Cachoeira do Meirim" da mesma freguesia. † a 29.07.1895 na fazenda "Paraíso" do Dr. Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, na localidade de Divisa, município de Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro. Casou no ano de 1872 na fazenda "Itamaracá" em Murici, com sua prima irmã Josina Vieira Peixoto, c.g.

   Cursa o primário em Maceió e a Escola Militar no Rio de Janeiro, para onde é mandado aos 16 anos. Revela distinção e bravura no Exército, especialmente na Guerra do Paraguai, da qual participa até o desfecho, em Cerro Corá, trazendo como lembrança a manta do cavalo de Solano López.

   É ajudante–general–de–campo, segundo posto abaixo do ministro do Exército, então o visconde de Ouro Preto, quando eclode o movimento republicano em 1889. Recusa–se a fazer parte da conspiração, mas também não se dispõe a combater as tropas republicanas rebeladas.

   Com a proclamação da República, ocupa o Ministério da Guerra, em 1890, e é eleito vice–presidente de Deodoro da Fonseca no ano seguinte. Com a renúncia de Deodoro, assume a Presidência e governa com mão de ferro até o final do mandato, em 1894.

   Vence um período conturbado por movimentos rebeldes, entre eles a Revolta da Armada e a Revolução Federalista, que têm como objetivo destituí–lo do poder. Retira-se da vida pública assim que deixa o cargo de presidente. Morre em Divisa, hoje distrito de Floriano, no município de Barra Mansa, Rio de Janeiro, pouco tempo depois.

Figura 26: *Retrato de Floriano Peixoto em 1881.*

6. Jose Vieira de Albuquerque Peixoto, cel. † em Murici em 30.07.1917 com idade de oitenta anos, casado com Anna Joaquina Vieira, c.g.
7. Ildefonso Vieira Peixoto, c. 1a vez c. Francisca, c.g. C. 2a vez c. . . .
8. João Vieira de Araujo Peixoto, natural e batizado na Matriz de Atalaia, tenente, c no Rio de Janeiro a 19.10.1872 1a vez com Amélia Rosa da Fonseca, natural e batizada na freguezia de S. José na cidade do Recife, filha natural de Maria José da Anunciação. Testemunhas: Severiano Martins da Fonseca e João Severiano da Fonseca, sem notícias de sucessão. C. 2a vez c. . . .
9. D. Cecília Vieira de Albuquerque Peixoto, c.c. o capitão Nicolau Alves de Mendonça Silva, c.g.
10. Luiz Vieira de Albuquerque, n. 1848 em Atalaia, no engenho Mosquito, funcionário público — Administrador de Muricy — † 30.06.-1922, sepultado no cemitério público de Muricy aos 74 anos de idade. Casado a 1a vez com a sobrinha D. Olindina Alves de Mendonça Silva, sem notícias de sucessão. Casado a 2a vez com D. Guilhermina de Araujo, natural do Penedo. c.g.: bisavós de Cássia Albuquerque.

D. Anna Joaquina casou pela 3a vez em 1851 com Luis Inacio da Rocha Jucá, e foram os pais de: Luis da Rocha Jucá, bat. 17.9.1852 em Nossa Senhora da Conceição, Marechal Deodoro, Alagoas.

- D. Josefa Maria Cavalcanti. N. 14.4.1807? C. em janeiro de 1826, na matriz de Maceió, em ato celebrado pelo pe. Joaquim José Domingues, vigário daquela vila, com o viúvo cap. Gonçalo Pereira de Araújo, c.g. Testemunhas: Antonio Cavalcanti de Albuquerque, casado, e Joaquim Pereira de Araújo, viúvo. C.g.

- D. Maria Accioli[44] c.c. Francisco Frederico da Rocha Vieira (ou Rocha Cavalcanti, 1803–1862), senhores do engenho Terra Nova em Pilar; pais de Epaminondas da Rocha Vieira, Barão de S. Miguel dos Campos — título português, concedido por D. Luis I de Portugal em 18.12.1870.[45]

- José de Barros Accioli Pimentel, nome como está em seu pedido de matrícula no curso médico do Rio, em 1843, ou José de Barros Accioli, como se assinava às vezes, e como está no ato de inscrição de seu filho Francisco na antiga Escola Central; e também ainda José de Barros Accioli de Vasconcellos, no assento de seu casamento e nas biografias de seus filhos Francisco e Inácio, nasceu numa localidade próxima à Vila das Alagoas, em 1806 ou pouco antes, em Mangabeira, hoje em Pilar. Em 1839

[44]Seria esta senhora a Maria Joaquina Nazaré Accioli, n. Atalaia, casada com o patriota cap. Antonio Leão Rebelo Leite de Sampaio (1782–1817), preso e esquartejado na Barra do Jequiá.

[45]Como tantos aqui, eram primos. Francisco Frederico era filho de D. Ana Lins e de seu segundo marido, o cap. Manuel Vieira Dantas; o casamento deu–se em 1800. D. Ana Lins era n. 1764, filha de Carlos José de Paiva Lins, neto este de João Lins de Vasconcellos e de s.m. D. Inês de Barros Pimentel. Era irmão, Francisco Frederico, de Manuel Duarte Ferreira Ferro, depois Barão de Jequiá.

matriculou–se no curso médico da Bahia, de onde procurou se transferir, após haver completado os quatro primeiros anos, para o curso do Rio em 2.3.1843, peticionando ao diretor deste curso porque havia chegado à corte "com atraso devido à longa viagem entre a Bahia e a corte." Sua tese de doutorado teve o título "Proposições sobre a organização, considerada como único fundamento sólido de toda a educação médica," e foi defendida no Rio em 16 de dezembro de 1844 na presença de Pedro II. Voltando a Maceió, trabalhou algum tempo (até 1849) como extra–numerário no hospital militar local, não conseguindo no entanto ser contratado como médico efetivo.

Clinicou, no entanto, exercendo a medicina, em Maceió e na Vila das A-lagoas, sendo conhecido como médico voltado para as populações mais carentes; é considerado inclusive um dos pais da medicina em Alagoas. Em 7.9.1851 aparece como redator do jornal *O Tempo* — depois sucedido, em 1860, pelo *Jornal de Maceió* — órgão do Partido Liberal, ou *luzia*, em oposição ao Partido Conservador, ou *saquarema*. (*O Tempo* era um jornal agressivamente *luzia*.)[46] Em 1878 é convocado pelo governo da província para ajudar no combate à varíola que grassava em Alagoas, mas logo precisa deixar aquele encargo, devido a problemas de saúde. Faleceu de uma 'congestão cerebral'[47] num sábado, 19.4.1879, em Maceió. Casou–se em 15.2.1836 na Vila das Alagoas com D. Ana Carlota de Albuquerque Mello, filha natural de Rita Maria da Encarnação e do pe. Afonso de Albuquerque Mello (1802–1874), político alagoano de notoriedade, considerado o primeiro jornalista alagoano, revolucionário, deputado provincial e geral; e era bisneta de Afonso de Albuquerque Mello, sr. do engenho "Águas Claras."

Entre seus filhos está o coronel Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos, cuja biografia destacamos, porque foi quem organizou a imigração italiana para o Brasil, em fins do século XIX.

FRANCISCO DE BARROS E ACCIOLI DE VASCONCELLOS CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE nasceu na Vila das Alagoas em 28.9.1846, e faleceu no Rio de Janeiro em 25.9.1907, com 61 anos incompletos. Enviado pela família para o Rio de Janeiro em 1864, habilitou–se em inícios de 1864 nos exames de admissão à Escola Central. Abandonou o curso em inícios do ano seguinte, alistando–se como praça nos Voluntários da Pátria. Participou de toda a campanha da guerra, tendo dado baixa apenas após a batalha de Cerro Corá, em 1870. Com a patente de major conquistada no serviço ativo, reformou–se "com as honras de" tenente–coronel do exército, sendo tratado habitualmente como *Coronel Accioli*.

[46] Pesquisa de Cássia Albuquerque, na *Revista do IHGAL*.

[47] Provavelmente um acidente vascular cerebral, infelizmente comum entre seus descendentes.

Figura 27: *Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque e D. Maria do Carmo do Valle, 1889.*

Sentou praça como voluntário da pátria em 12.4.1865; foi nomeado alferes logo em seguida (sem dúvida pelo prestígio da família), a 15.4.1865, ainda no Rio. Embarcou para Santa Catarina em 13.6.1865, quando teve nova promoção, desta vez a tenente do 22º corpo dos voluntários. Passando por Montevideu em 1.6.1865, chegou na frente da guerra em 5.8.-1865. Comandando uma companhia, esteve na batalha de 24.5.1866. Também participou das batalhas de Humaitá, Tuiuti, Curupaiti e Chaco, em 1868. Foi ferido em 6.12.1868 em Itororó. Foi promovido a capitão em 1.9.1869, e a major em 28.2.1870, tudo no campo de batalha. Terminada a guerra, e retornando ao estado civil, reformou–se, como dissemos, como tenente–coronel honorário do exército.

Fez então carreira no serviço público civil. Foi secretário do Arsenal de Guerra da Corte, chefe de seção da Secretaria de Agricultura, e finalmente, inspetor–geral de Terras e Colonização, cargo no qual se aposentou. Foi quem coordenou a imigração italiana para o Brasil, e em sua homenagem fundaram–se diversos povoados com o nome "Accioli" ou "Accioli de Vasconcellos," em vários estados. O mais importante deles é a Vila de Accioli, originalmente a Colonia Accioli de Vasconcellos, no município de Ibiraçu, no Espírito Santo, fundada assim como a Colonia Antonio Prado em 1887, mas somente ocupada pelos imigrantes italianos em 1889; cite–se também a Colônia Tenente Coronel Accioli, próxima a Curitiba, e fundada pelo Barão de Serro Azul em 1891. Publicou o *Guia do Imigrante para o Império do Brasil* (Tipografia Nacional, Rio, 1884), e estudos sobre a telegrafia no Brasil. Foram estes apresentados em Paris, no Congresso Internacional de Eletricidade, o que valeu ao Coronel Accioli a Legião de Honra, condecoração que era, ainda àquela época, escrupulosamente concedida.

Foi oficial da ordem da Rosa e cavaleiro da ordem do Cruzeiro, além de ter tido a medalha da campanha do Paraguai. Conta–se entre seus descendentes que ao fim do Império o Visconde de Rio Branco, seu amigo pessoal, falecido em 1880, teria proposto ao governo imperial que fosse concedido ao Coronel Accioli o título de Barão de Accioli, o que se faria, enfim, no último gabinete Ouro Preto, mas se teria frustrado com o golpe militar de Deodoro. Este título, cuja promessa de concessão, ou concessão talvez truncada em algum momento do processo se conserva na memória da família, é confirmado na menção que faz Alberto Rangel a Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos como "Barão de Accioli," no catálogo dos documentos da casa imperial no castelo d'Eu.

Fundador e primeiro presidente do "Círculo Alagoano" do Rio de Janeiro, possuía uma grande casa na que é hoje a rua Pinheiro Machado, antigamente rua Guanabara, em frente ao Palácio Guanabara, cujos tetos foram pintados por pintores especialmente contratados na França. Casou–se em 8.2.1872 no Rio com D. Maria do Carmo do Valle, n. no Rio c. 1855 e † 1925, filha de João Maria do Valle, cavaleiro da ordem de Cristo (20.9.1851), cavaleiro da ordem de N. S. da Conceição de Vila

Viçosa (22.4.1852), e fidalgo cavaleiro da casa de D. Pedro V em Portugal, com carta de brasão de armas passada em 5.3.1860. C.g.

Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos teve quatro filhas e um varão, filho caçula. Sua sucessão vem das três filhas mais velhas, Quintilla, ou "Mãe Nenenzinha," Lucilla, ou "Tia Boa," e Inesilla, ou "Pequenita."

Em algum detalhe:

– D. Quintilla do Valle e Accioli de Vasconcellos. N. 9.3.1873 no Rio e † 14.4.1943 na mesma cidade, de apelido "Mãe Nenenzinha." Casou–se, como se disse, em 8.2.1890 (Glória, **7**, 112v) com o engenheiro Humberto Saraiva Antunes, "Tio Humberto," n. em Montevidéu em 31.5.1864, e † no Rio em 16.6.1941.

  Tiveram sete filhos, os seis primeiros com sucessão:

  ∗ Almir Accioli Antunes. N. no Rio em 1890, † no Rio em 1961. Médico, c.c. Maria Gusmão, c.g.
  ∗ Alayr Accioli Antunes. N. no Rio em 1892, † no Rio em 1972. Médico, foi secretário de educação de antiga prefeitura do distrito federal, grande benemérito e presidente perpétuo do conselho deliberativo do Fluminense F.C. C.c. Sylvia Galdino do Valle, c.g.
  ∗ Berenice Accioli Antunes, † 1963. C.c. o maestro Sylvio Piergili, † 1962, regente titular do coro do Teatro Municipal do Rio. C.g.
  ∗ Zaïde Accioli Antunes. † 1975, c. em 1928 c. Luiz Pinto de Miranda Montenegro (1889–1977), bancário, c.g.
  ∗ Carmen Accioli Antunes. C.c. o irmão de seu cunhado, José Carlos Pinto de Miranda Montenegro, engenheiro–civil, † 1963. C.g.
  ∗ Myriam Accioli Antunes, † 1992. C.c. Manuel Gusmão Filho, irmão de sua cunhada Maria, c.g.
  ∗ Quintilla Accioli Antunes, solteira, † 1970, s,g.

– D. Lucilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, apelidada "Sinhazinha" ou "Tia Boa," casou–se com Eduardo Rabello, filho, professor catedrático de clínica dermatológica na Faculdade Nacional de Medicina, e chefe do correspondente serviço na Santa Casa da Misericórdia no Rio. Nasceu Lucilla no Rio em 16.9.1876, e † na casa da Urca onde residia há muito, em 4.2.1953. Eduardo Rabello, filho, nasceu em Barra Mansa em 22.9.1876. Doutorou–se em 1902 pela mesma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a tese "Hematologia na ancilostomose." Foi catedrático de dermatologia e de sifilografia da mesma faculdade, cavaleiro da *Légion d'Honneur* e um dos fundadores e primeiro diretores da Fundação Gaffrée–Guinle,

no Rio. Morreu em sua casa, à av. João Luiz Alves, 196, na Urca, em 8.8.1940.

Tiveram os filhos:

∗ Francisco Eduardo Accioli Rabello, *Francisquinho* ou *Quinquim.* N. no Rio em 1905, no Rio † em 1987. Médico, professor catedrático da Faculdade Nacional de Medicina, titular de dermatologia e sifilografia, tendo sucedido ao pai. C.c. Eunice Paes Barreto, s.g.

∗ Mauricio Eduardo Accioli Rabello (1907–1978). Magistrado, desembargador. C.c. Jocelyna Guimarães, *Celina*, c.g.

∗ Maria do Carmo Accioli Rabello, *Carminha*, gêmea com o anterior. C.c. Armando Martins de Freitas (1904–1986), c.g.

∗ Gilda Accioli Rabello (1908 – 2002), c.c. Lauro de Sá e Silva, médico (1904 –1973), filho de Sinval de Sá e Silva, c.g.

– D. Inesilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, casada com Raul Moitinho da Costa Doria. Nasceu no Rio em 5.2.1882 (Engenho Velho, **11**, 55) e faleceu na mesma cidade em 28.10.1946. Casou–se em 27.5.1899, na casa de seus pais à rua Guanabara, no Rio (Gloria, **9**, 78v), com Raul Moitinho da Costa Doria, comerciante, capitão da guarda nacional, natural de Estância, Sergipe, onde nasceu em 18.10.1871. † no Rio em 3.9.1948.

Pais de cinco filhos:

∗ Antonio Adolpho Accioli Doria, n. no Rio em 1901, e † tambem no Rio em 1971, dos problemas cardíacos frequentes na família. Capitão de mar e guerra da reserva remunerada, foi diretor da antiga SNAAPP em Belém do Pará, até os inícios da década de 60, quando enfim se radicou no Rio. *Tatá*, *Tititatá*, muito querido por toda a família, casou–se com Helena Maria Amalia Fialho de Castro Silva, c.g.

∗ Luiz Gilberto de Accioli Doria, *Titio*, *Titibé*, nascido no Rio em 1902 e † 31.12.1959, no Rio também, de um enfarte agudo do miocárdio, sofrido quando passava em frente à Galeria Cruzeiro, na Avenida Rio Branco. S.g.

∗ Conceição Accioli Doria, nascida no Rio em 1904, e no Rio falecida em 1988. Casou–se com Carlos Soares dos Santos, *Papalô*, primo–irmão do filósofo Órris Soares, casados em 1931; Carlos † 8.1967. C.g.

∗ Raul Moitinho Doria Filho, *Rausinho*, *Titidau*, nascido no Rio em 1907 e no Rio falecido em 1972 de problemas circulatórios. Comerciante, casou–se no Rio, em 1943, com Ridette Gouveia da Cunha, n. no Recife (PE) em 1917 e † no Rio em 2006, s.g.

∗ Gustavo Alberto Accioli Doria. (Rio, 1910–Rio, 1979). Jornalista e advogado, crítico de teatro de *O Globo* (1948–1959) e, desde 1980, nome de rua no Rio de Janeiro, a rua Gustavo Doria. C.c.

Silvia Cresta Mendes de Moraes (Rio, 1913—Rio, 1969), advogada, c.g.
Este ramo leva o sobrenome *Accioli Doria*.

- D. Filenilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, "Caçulinha," nascida em 1884 e falecida em 1977, solteira, s. g.; e
- Altamir do Valle e Accioli de Vasconcellos, oficial de marinha (1890–1935).

• João de Barros Accioli Pimentel, c.c. D. Emília Arnalda Rocha [Pimentel].[48] P.d.:

- D. Emília de Barros Accioli Pimentel, n. 1.7.1849, bat. 28.8.1850, N.S. dos Prazeres.

[48]Neta de D. Ana Lins.

9 *Ramo Suassuna*

Deste ramo descendem: o fundador da Academia Suassuna; os Viscondes de Albuquerque, de Camaragibe e Suassuna, e o Barão de Muribeca; o Marqués de Cavalcanti, na Espanha; Príncipes von und zu Sayn–Wittgenstein; e é colateral afim Elizabeth de Caraman–Chimay, Condessa Greffulhe, modelo para Mme de Guermantes em A la Recherche du Temps Perdu. *Na varonia, eram cristãos–novos.*

Figura 28: *Ruínas da casa grande do engenho "Suassuna," hoje (Fabio Arruda de Lima cedeu–nos esta foto de James Davidson).*

Primeiro, um testemunho sobre a opulência destes, e sobre sua grande influência política:

(...) Sr. Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque, ex-presidente da província e ex–ministro do governo imperial. A residencia deste cavalheiro na cidade era um sítio principesco no extremo norte da Boa Vista. Os edifícios do Pombal, como era chamado o sítio, são de grande extensão, de aspecto antigo e dominados por uma torre que faz lembrar o estylo dos velhos castellos feudaes da Europa.

(...) no Pombal, fui informado de que o ex–presidente estava passando algum tempo no seu engenho de Suassuna, cerca de quatro leguas distante.

(...) Indicaram–nos os opulentos cannaviaes de Suassuna muito antes de chegarmos à vista da imponente mansão de seu proprietário. Chegando a esta mansão, após uma viagem um tanto demorada pelos caminhos sinuosos e estradas quasi intransitáveis, fomos recebidos com todas as generosas attenções que os fazendeiros costumam dispensar aos seus hospedes. O sr. Cavalcanti, o actual barão de Suassuna, descende duma antiga e poderosa família. As suas maneiras affaveis e o seu excellente caracter grangearam–lhe em alto grão a estima de seus compatriotas. Comquanto jámais houvésse visitado paizes estrangeiros, as suas idéas e opiniões a respeito dos mesmos eram muito liberaes, e com especialidade as relaccionadas ao governo e ás instituições dos Estados–Unidos.

A propriedade de Suassuna é extensa e excelllentemente cultivada, trabalhando nella cem escravos. Além de produzir arroz e mandioca, calculava–se que a proxima safra daria nove mil arrobas de assucar. Os edificios agrupados em volta da casa de vivenda constituiam uma pequena povoação. À direita ficavam a serraria, o engenho e a distillação, sendo o mechanismo destes dois primeiros movidos a agua. À esquerda erguiam–se a sensala dos escravos, a forja, a carpintaria e estribarias. (...)[49]

Em 1817, com o falecimento de D. Maria Rita de Albuquerque Mello,[50] matriarca dos Suassunas, fez–se um arrolamento dos bens do engenho "Suassuna":

Um Engenho d'água copeiro de fazer açúcar, moente e corrente, denominado Suassuna, sito na Freguesia de Santo Amaro de Jaboatão, com quase uma légua de comprido e três quartos de largura, tendo em si as benfeitorias e utensílios seguintes.

a) O cercado Engenho, cercado todo de vales, com uma Casa de Vivenda, assobradada na frente, com a frente para o nascente, contendo em si cinco salas grandes e uma pequena, com um quarto de dormida e sete quartos mais para dormidas em diferentes partes, cozinha para sete portas na frente de duas e três janelas vidraçadas; todo o cumprimento da casa assoalhada com quatro salas e um quarto forrados de madeira, seis quartos em lajes de tijolo e nova;

[49] Contribuição de D. M. L. Medeiros. Fonte: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (Recife, v. 14, n.75, pág. 84. Mar. 1909).

[50] Inventário no IAHGP, comunicação de Fabio Arruda de Lima.

b) Uma Casa de Engenho em bom uso, com moenda, rodas e mais aparelhos, e três eixos, dois tambores dos eixos de fora com três argoletes com dentadura de ferro e um parol cobre de receber caldo frio;

c) A Casa de Caldeira nova com um caldeira e quatro tachas de ferro, com duas bacias, duas pombas, duas espumadeiras e uma repartideira de cobre, três cocos de madeira com arcos de ferro; toda casa bem fundamentada;

d) A Casa de Purgar com paredes dobradas e nova, com duzentos palmos de cumprido e cem de largura, contendo de baixo da mesma coberta casa de destilação e de guardar mel, tendo a Casa de Purgar uma balança com conchas e traços de pau, com quatro pesos de ferro, um de duas arrobas, dois de vinte libras cada um e outro de meia arroba, com setenta e dois favos e suas respectivas correntes, trezentos e cinquenta formas, duas argolas de ferro e duas tinas pequenas ferradas a três arcos de ferro;

e) O lugar de guardar mel com três tanques de madeira, dois grandes e um pequeno, todos de amarelo e seis tonéis, cinco grandes e um pequeno, todos com arcos de ferro;

f) A Casa de Destilação com dois alambiques grandes de cobre, com suas serpentiadas, vinte e seis tinas de amarelo grande a três e quatro arcos de ferro e uma caixa de receber cachaça;

g) Uma Casa de fazer Farinha nova de tijolo, coberta de telha e de moer com água, com três rodas de cobre e três coxos de receber a massa, uma prensa com três parafusos e [caixas], um [cacho] de penerar massa e três fornos de barro de cozer farinha, uma casa de guardar bagaço nova de pilares e coberta de telha;

h) Uma Olaria assentada sobre pilares e coberta de telha;

i) Uma Senzala nova quadrada com trinte e três casinhas feitas de tijolo e coberta de telha;

j) Uma Olaria assentada sobre pilares de pau coberta de telha;

k) Um telheiro coberto de telha de guardar ovelhas; l) Uma casa de telha de guardar bezerros;

m) Uma casa de nova ao pé do Engenho de tijolo com setenta e quatro palmos de frente e oitenta de fundo, com quatro partes na frente, digo, com quatro portas na frente, cinco salas e sete quartos de dormida;

n) Uma Estribaria grande unida ao Engenho, de paredes de tijolo;

o) Uma grande cercado chamado do 'Pico', cercado com um pedaço de valado com cercas e senzala para Lavrador;

p) Uma grande cercado chamado do 'Mondego', cercado todo de valado, com cercas e senzalas para Lavradores;

q) Um cercado novo no caminho que vai para a Tapera;

r) Um cercado pequeno no lugar da Tapera, com uma casa de taipa, coberta de telha, no lugar das 'Pedras'; Tudo visto e examinado no estado em que se

achava. Acharam vale trinta e dois contos de réis. [32:000 $ 000] Também contém uma Capela com paredes de tijolo arruinada, com duas imagens de Nossa Senhora da Conceição, uma do Senhor Crucificado e outra de São Francisco de Paula, com duas coroas de prata dos mesmos senhores, uma grande e outra pequenas; uma coroa da imagem de São Francisco, com três nichos, seis castiçais, cinco ramalhetes de pau, um confessionário de madeira, uma cômoda de amarelo, com três gavetas, um púlpito e duas banquetas, uma pia de barro, um lavatório de folha com torneira de bronze. [Data da Avaliação: 10/11/1817]

Como resultado da intensa atuação política dessa gente, o engenho "Suassuna" e bens relacionados foram sequestrados, em 1817:

Sequestro dos bens do engenho "Suassuna"

Autos de Arrematação da Safra

Autos de Arrematação da safra do Engenho Suassuna que fez João Coelho da Silva Júnior pela quantia de um conto, seiscentos e quarenta e dois mil réis da safra do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e dezessete, aos quatorze dias do mês de agosto, neste lugar da Boa Vista, termo da Cidade de Olinda, em pública praça, a que presidia o Doutor Ouvidor Geral e Juiz do Fisco Antônio Joaquim Coutinho, por ele foi mandado ao Porteiro do Juízo metesse a pregão a safra do Engenho Suassuna, com quarenta e quatro bois mansos, trinta e três vacas, dois garrotes, doze crias, dois potrinhos, uma dita fêmea, quatro bestas parideiras, uma mula, uma macho cego, um cavalo ruço e magro, tudo com os seus valores constantes do sequestro e juntamente um cocho de carro, uma caldeira, tudo de cobre, arco, taxas de ferro, quatro ditas de cobre, duas pombas de cobre, duas escumadeiras, uma repartideira, um moinho, tudo de cobre, uma parol de cobre que se acha no Engenho Santo André, dois alambiques de cobre e sem escravatura alguma, toda a [louça] avaliada em duzentos mil réis e a safra em um conto e duzentos mil réis; e depois de vários lances, apareceu João Coelho da Silva Júnior e lançou sobre a safra e mora duzentos e quarenta e dois mil réis, que tudo soma um conto, seiscentos e quarenta e dois mil réis, em dois pagamentos; o primeiro em janeiro de mil oitocentos e dezoito, da metade, e o resto em maio do dito ano; e para segurança desta quantia, apresentou abono de seu pai, o Doutor João Coelho da Silva, que fica junto aos Autos, por escrito; reconheço verdadeiro e por não haver quem mais, de pé, mandou o dito Ministro afrontar e arrematar na forma acima e com as condições; fiz este Auto em que assinam arrematante, porteiro e testemunhas. Eu, Francisco Pereira de Oliveira, Escrivão o escrevi. Doutor Coutinho. João Coelho da Silva Júnior. Caetano José de Sousa. Francisco Xavier Cavalcante de Moraes Lins. João de Miranda de Castro.

Auto de Arrematação da Renda Trienal e Auto de Arrematação de Vários Móveis.

Auto de Arrematação de vários móveis que faz Antônio Roberto Franco pela quantia de oitenta e cinco mil e trezentos réis.

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e dezessete, aos dezesseis dias do mês de agosto, neste lugar da Boa Vista, em praça pública, a que presidia o Doutor Ouvidor Geral e Juiz do Fisco Antônio Joaquim Coutinho, aí arrematou, com todas as cerimônias do estilo, Antônio Roberto Franco todos os móveis e vidros constantes dos sequestros feito ao Réu preso, Francisco de Paula Cavalcante Albuquerque, avaliados em oitenta e quatro mil, setecentos e oitenta réis, pela quantia de oitenta e cinco mil e setecentos e oitenta réis, pela quantia de oitenta e cinco mil e trezentos réis, que os contou logo, em dinheiro, que ficou em Juízo para ser recolhido ao Real Erário, de que fiz este termo, digo, este Auto em que assinou o dito Ministro, arrematante, porteiro e testemunhas presentes. Eu, Francisco Xavier Pereira de Oliveira, Escrivão o escrevi. Doutor Coutinho. Antônio Roberto Franco. Caetano José de Sousa. José Antônio Serpa. Francisco das Chagas Souto Maior. O Depositário Geral Manoel José Serpa.

Leilão dos Móveis

Leilão dos Móveis arrematados pertencentes a Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Aos treze dias do mês de julho do ano de mil oitocentos e dezoito, nesta Vila do Recife de Pernambuco, em praça pública que presidia o Desembargador Ouvidor Geral do Fisco, Antero José da Maia e Silva, mandou ao Porteiro metesse a pregão os bens confiscados ao Réu preso, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, o que foi executado e foram arrematados com todas as circunstâncias do estilo o seguinte (...).

Genealogia dos Suassunas.

A família Suassuna descende dos Cavalcantis através de várias linhas. A primeira é a seguinte: ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, filho de Filippo Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, casou–se com Isabel de Goes. Foram os pais de, e.o., a D. ISABEL CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, casada duas vezes, com Manuel Gonçalves de Siqueira e em seguida com Francisco Bezerra, primo direito de Manuel Gonçalves.

O filho do primeiro casamento, ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE foi chamado "o da guerra," tanto porque lutou nas guerras contra os holandeses, como porque era de temperamento extremado e agressivo. Teve o foro de fidalgo cavaleiro da casa real, e casou com D. Margarida de Sousa.

A filha do casal, D. ISABEL CAVALCANTI, casou com o parente Jerônimo Fragoso de Albuquerque, filho do alcaide–mor e capitão–mor de Serinhaem, e de D. Simoa de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque "o torto."

Foi seu filho JERÔNIMO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, capitão–mor, que se casou com D. Florencia, filha do capitão Roque de Castro Rocha.

De seus dois filhos (ver à pág. 57), citamos agora D. FRANCISCA CAVALCANTI. Esta casou–se com o engenheiro Luiz Xavier Bernardo (pág. 57), oficial de engenharia reinol, radicado em Pernambuco, ajudante de ordens do governador geral, e filho de Inácio Franco. Engenheiro militar, projetou fortificações em Trás os Montes, e em 1716 passa ao Brasil, à Paraíba, comissionado como engenheiro militar. Radicou–se em Pernambuco, onde o atesta mais tardiamente um documento de 1746, quando é preterido na promoção a mestre de campo do terço de Olinda, em lugar de Antonio Borges da Fonseca.[51]

Luiz Xavier Bernardo era filho de Inácio Franco e de s.m. Luisa Miles de Macedo. O irmão de Luis, Henrique Hebri da Cruz, com 24 anos em 1706 (n. 1682), mercador em Lisboa, foi processado pela prática de judaísmo, pela inquisição, em 1706.[52] Um outro irmão, João Miles de Macedo, com 22 anos em 1706 (n. 1684), foi processado pelo mesmo motivo e ao mesmo tempo.

Eis a ementa do processo de Henrique Hebri:

> *Estatuto social: meio cristão–novo. Crime/Acusação: judaísmo. Idade: 24 anos. Cargos, funções, actividades: mercador. Naturalidade: Lisboa. Morada: Lisboa. Pai: Inácio Franco. Mãe: Luísa Miles de Macedo. Estado civil: solteiro. Data da prisão: 12/10/1706. Sentença: auto–de–fé de 06/11/1707, cárcere e hábito penitencial perpétuo, instruído nos mistérios da fé.*

E eis, agora, aquela do de João Hebri de Macedo:

> *Acusação: judaísmo. Profissão: estudante de cânones em Coimbra. Naturalidade: Lisboa. Morada: Lisboa. Idade: 22 anos. Filiação, com a naturalidade dos pais: Inácio Franco, natural de Lisboa, e Luísa Miles de Macedo, natural do Porto. Estado civil: solteiro. Sentença: abjuração* de veemente, *suspeito na fé, terá cárcere a arbítrio dos Inquisidores, onde será instruído nos mistérios da fé necessários para a salvação da sua alma, e cumprirá as mais penas e penitências espirituais que lhe forem impostas; e pague as custas. Data da sentença: 30 de junho de 1709, lida em auto. Observação: preso em 22 de outubro de 1707. Avós paternos: Matias Quaresma e Rufina Franca. Avós maternos: Henrique Hebre e Maria Miles.*

Eram, os três, como se vê, netos paternos de Matias Quaresma, meio cristão–novo, e de Rufina Franca, sendo avós maternos Henrique Hebre, natural do condado de Somerset na Inglaterra, e Maria Miles.[53]

Matias Quaresma, barbeiro, por sua vez, nascera em 1644, filho de Domingos Luis Murteira, lavrador e cristão–velho, e de Maria Dias, cristã nova, sua

[51] Comunicação de J. M. Santos.

[52] PT-TT-TSO/IL/28/2710.

[53] PT-TT-TSO/IL/28/10066. Comunicação de Giancarlo Zeni e M. A. de Soveral.

mulher. Em 1674 é processado pela inquisição por judaísmo,[54] tendo a sentença saído em 1690. Antes casara–se e tivera filhos.

Nascera Luis Xavier Bernardo em Portugal cerca de 1680. Passa ao Brasil, onde se casa na Paraíba em 26.7.1719:

> *Aos vinte e seis dias do mês de julho de mil sete centos e dezenove, na Igreja da Misericórdia, que de presente serve de Matriz, pelas quatro horas da tarde, em minha presença e das testemunhas, João da Maya da Gama e do Governador Antônio Velho Coelho, se casaram por palavras de presente, na forma do Sagrado Concílio Tridentino, o Capitão Luís Xavier Bernardo com Dona Francisca Cavalcante de Albuquerque, filha do Coronel Jerônimo Cavalcante de Albuquerque e de sua mulher Dona Florência de Castro, de que fiz este assento que assinei para constar. O Vigário Antônio da Silva e Mello.*

Tiveram diversos filhos:

- 1718? 1719? D. ANA. *Aos (...) mil setecentos e dezoito, batizei Dona Ana Cavalcante de Albuquerque, natural da Freguesia de Nossa Senhora das Neves, filha legítima do Mestre-de-Campo Luís Xavier Bernardo e de sua mulher Dona Francisca Cavalcante de Albuquerque, sendo padrinhos o Governador João da Maya Gama e Maria de Castro Rocha, de que fiz este assento que assinei para constar. O Vigário Antônio da Silva e Mello.* N. na Paraíba.

- 12.8.1721, JOAQUIM. *Aos doze de agosto de mil sete centos e vinte e hum, baptizei e pus os Santos Óleos, nesta Igreja da Misericórdia, que serve de Matriz, ao inocente Joaquim, filho do Capitão Luis Xavier Bernardo e de sua mulher Dona Francisca Cavalcante, forão seus padrinhos o Capitão Manoel de Mendonça de Vasconcelos e Dona Maria Cavalcante. O Vigário Antônio da Silva e Mello.* N. na Paraíba.

- .... 1726. D. FLORÊNCIA. *Aos (...) mil setecentos e vinte e seis, batizei Dona Florência Ignacia da Silva e Castro, natural da Freguesia de Nossa Senhora das Neves, filha legítima do Mestre-de-Campo Luís Xavier Bernardo e de sua mulher Dona Francisca Cavalcante de Albuquerque, na Matriz, sendo padrinhos o Doutor João Nunes Souto, Ouvidor, e Dona Brites Cavalcante de Albuquerque mulher do Coronel Eugênio Cavalcante, de que fiz este assento que assinei para constar. O Vigário Antônio da Silva e Mello.* N. na Paraíba.

- 24.3.1731. FRANCISCO. *Aos vinte e quatro de março de mil sete centos e trinta e hum, nesta Matriz de Nossa Senhora das Neves, baptizei e pus os Santos Óleos, a Francisco, filho legítimo do Sargento-Mor Luis Xavier Bernardo e de sua mulher Dona Francisca Cavalcante, forão seus padrinhos o Governador Francisco Pedro de Mendonça Gurjão e Dona Paula Cavalcante, filha do [Comissário] Paulo Cavalcante. De que fiz este assento, que assinei para constar.* D. Paula, madrinha, era sobrinha de D. Francisca, a mãe. N. na Paraíba.

[54] PT-TT-TSO/IL/28/3651.

(Para a fonte veja–se a nota.[55])

Morreu Luis Xavier Bernardo na Vila das Alagoas, em 7.11.1762, deixando viúva D. Francisca:

> *Em sete de novembro de mil setecentos e sessenta e dois, faleceo da vida presente, sem sacramento, digo, confessado e sacramentado somente, o Mestre–de–Campo Luiz Xavier Bernardo, casado e morador no Recife, de idade que representava ter noventa anos, foi sepultado nesta Matriz, dentro das grades, amortalhado em Hábito de [Cadena] e não fez testamento. O Vigário Jerônimo de Brito Bezerra. E não se continha mais em dito assento ao qual me reporto. Passa o referido na verdade e afirmo em fé de Pároco. Povoação, 4 de março de 1763. Jerônimo de Brito Bezerra — Vigário da Alagoa do Norte.*

Foi seu filho, filho de Luiz Xavier Bernardo e de D. Francisca, entre outros, FRANCISCO XAVIER CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Este casou–se com sua prima D. FILIPA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, filha de GONÇALO XAVIER CAVALCANTI, sr. do engenho "Pantorra," e de s.m. D. Luzia Bernardo de Mello; n.p. de Matias Ferreira de Souza, assassinado no engenho "do Anjo," e de s.m. D. LUZIA MARGARIDA CAVALCANTI, que era filha do sargento–mor JOÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, fidalgo cavaleiro como o pai, ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, "o da guerra," — e de s.m. D. Maria Pessoa.

Pais de FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, o "Coronel Suassuna," que casou com a prima D. MARIA RITA DE ALBUQUERQUE E MELLO.

(Ver colaterais casados nos Cavalcantis de Lacerda à pág. 54.)

XXIV. D. MARIA RITA DE ALBUQUERQUE E MELLO, † e inventariada em 1817, filha do cap. Antonio de Holanda Cavalcanti de Albuquerque (§ 7, XXIII), casou, como se disse, com o parente Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, capitão–mor, dito o "coronel Suassuna," sr. do engenho homônimo e fundador da *Academia Suassuna*, centro de difusão de ideias liberais em começos do século XIX; participou ativamente do movimento revolucionário de 1817, foi preso, privado de seus bens — que em seguida sua família recuperou — e † 20.6.1821.

Tiveram por filhos aos Viscondes de Albuquerque, de Camaragibe, de Suassuna, e ao Barão de Muribeca. Seus filhos:

- FRANCISCO DE PAULA DE HOLLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, VISCONDE DE SUASSUNA, nasceu em Jaboatão (PE) em 10.6.1793, e † no Recife em 20.1.1880. Brigadeiro, senador, ministro de estado, presidente de Pernambuco, e visconde com grandeza em 14.3.1860. Já casado em 1817, e então preso na Bahia.

[55] Proj. Resgate, Pernambuco, proc. 15122.

Diz Fran.co X.er C.te de Albuqr.e, S.r dos Eng.os Suassuna, Pantorra e [illegible], q faz a bem de seu dir.to just.ar os Itens seg.tes

1 Item, q o M.e Jus.te he actual Coronel de Milicias do Regim.to q guarnesse a [illegible], como prova a patente Regia com q se acha autorizado, e das q se manifestão Serviços pessoaes, q o Sup.e tem feito a S. Mag.e, [illegible], e do 2.o [illegible] q continuou a fazer nos mesmos postos, sendo notaveis [illegible], q infestada a Costa de Francezes, q se julgava virem atacar a Patria, marchou ao [illegible] com o seo Regim.to, onde esteve guarnecendo o posto, q lhe foi destinado, e defendendo-o, sustentando a custa de sua fazenda todo o seo Regim.to p.r m.tos dias, em q.to estiverão sobre as armas.

2 Item, q o M.e Just.e he leg.mo filho do M.e de Campo Engenheiro Luiz X.er Bernardo, n.al de L.boa, q depois de ter servido na Europa a S. Mag.e em todos os postos, desde Sold.o athe [illegible] de Engenharia, passou com esta patente a Servir em Pern.co, onde fez tantos Serv.os a Coroa, athe q chegou ao emprego o sobred.o posto de M.e de Campo Engenheiro, ficando manifestos nos papeis de Serviços originaes, q separadam.te estão autuados, e q.do seja preciso, não duvida juntar: e de sua m.r D. Fran.ca C.te de Albuqr.e.

Figura 29: *Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque, sr. do engenho "Suassuna," declara–se filho do mestre de campo engenheiro Luis Xavier Bernardo e dá a genealogia de sua mãe.*

- D. MARIA LUIZA FRANCISCA DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, provavelmente gêmea com o precedente, c.c. o tte.–cel. José Castor Barbosa Cordeiro de Albuquerque Maranhão, assistente no engenho "Velho" da Paraíba.
- ANTONIO FRANCISCO DE PAULA E HOLLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, VISCONDE DE ALBUQUERQUE, n. em Jaboatão em 21.8.1797 e † no Rio em 14.4.1863; visconde com grandeza em 2.12.1854. Deputado, senador, ministro de estado, c.c. D. Emilia Cavalcanti de Albuquerque, c.g. Em 1817 achava–se em Moçambique, como capitão de artilharia e ajudante de ordens do governador geral.
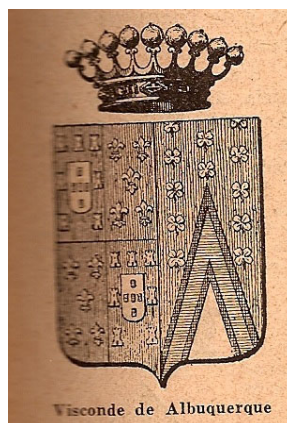
Figura 30: *Armas do Visconde de Albuquerque e de seus irmãos: de Albuquerques (modernos) partido de Cavalcantis (Brasil).*

- LUIZ FRANCISCO DE PAULA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, n. Jaboatão em 1799. Em 1817 cursava Coimbra. Depois sr. do engenho "Jacaré," em Goiana.
- O quarto irmão titular foi MANUEL FRANCISCO DE PAULA DE HOLLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, BARÃO DE MURIBECA, n. 1804, com título concedido em 14.4.1860. C.c. a sobrinha D. Maria da Conceição do Rego Barros, filha do Conde da Boa Vista.
- PEDRO FRANCISCO DE PAULA E HOLLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, VISCONDE DE CAMARAGIBE, n. em Jaboatão em 19.4.1806, e † em Camaragibe (PE) em 2.12.1875. Visconde com grandeza em 14.3.1860, foi deputado, senador e presidente de Pernambuco.
- JOSÉ FRANCISCO DE PAULA DE HOLLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. N. depois de 1807, foi diplomata, c.g. na Europa — ver em seguida.

Primo–irmão dos acima por sua mãe D. Maria Ana Francisca de Holanda Cavalcanti, foi o Conde da Boa Vista, FRANCISCO DO REGO BARROS.
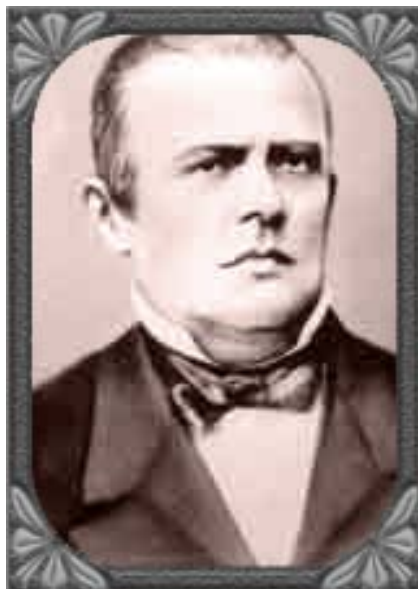
Figura 31: *O Visconde de Albuquerque, ministro da guerra. (Site do Min. da Defesa.)*

Os Suassunas e a alta nobreza européia

O Grande de Espanha MARQUÉS DE CAVALCANTI, DON JOSÉ DE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE Y PADIERNA, era neto de José Francisco de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, filho do Cel. Suassuna. Ministro do Brasil na Espanha ao tempo de Isabel II, c.c. D. Maria O'Key. Foi o pai de D. José Cavalcanti de Albuquerque y O'Key, casado com D. Elisa Padierna de Villapadierna.

O Marqués de Cavalcanti nasceu em Cuba em 1.12.1871. Seguiu carreira militar, chegando ao generalato. Fascista, fez parte do regime Primo de Rivera, e faleceu apoiando Franco em 1939. Recebeu os títulos de Conde de Taxdirt e de Marquês de Cavalcanti em 1919.

A tia do Marqués de Cavalcanti, D. Ana Maria Francisca de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Condessa de Villeneuve pelo seu casamento com Jules de Villeneuve, deixou descendência nos Condes–Príncipes Schlitz zu Görtz e nos Príncipes von und zu Sayn–Wittgenstein–Berleburg. Mais precisamente: D. SOPHIA DE VILLENEUVE (1858-1902) c.c. Emil Friedrich von Schlitz zu Görtz, alteza ilustríssima, conde–príncipe von Schlitz zu Görtz. E D. JULIA DE VILLENEUVE (1859–1930) c.c. Franz Emil Leopold, príncipe von und zu Sayn–Wittgenstein–Berleburg, alteza sereníssima. Ambas com larga descendência até o presente.

Figura 32: *O Visconde de Suassuna, também ministro da guerra. (Site do Min. da Defesa.)*

Figura 33: *O Marqués de Cavalcanti, Don José de Cavalcanti y Padierna, líder falangista, em 1936* (IANTT).
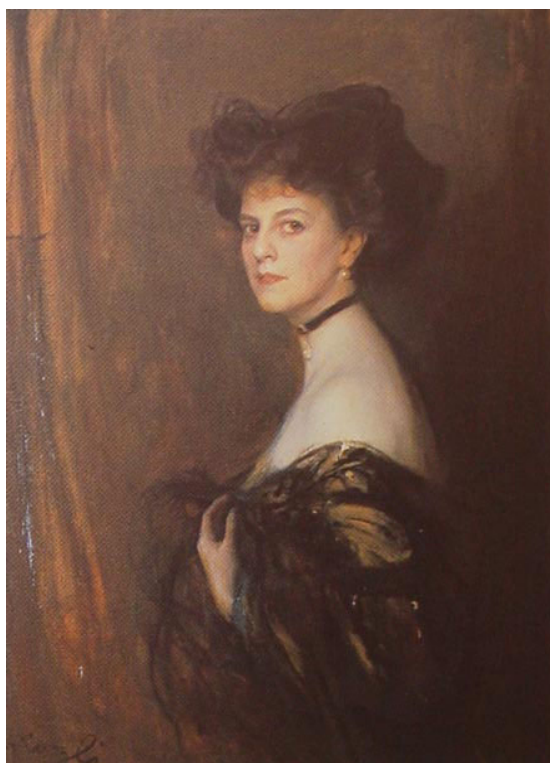
Figura 34: *Elisabeth de Caraman–Chimay, Condessa Greffulhe, principal modelo para Mme de Guermantes. Era enteada de uma Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Doña Matilde de Barandiarán y Cavalcanti (Wikisource).*

O modelo para a Duquesa de Guermantes

A outra irmã, D. Isabel Cavalcanti de Albuquerque casa–se com Don Gregorio de Barandiaran, e a filha destes, Doña Matilde de Barandiaran y Cavalcanti, é a segunda mulher de Joseph de Riquet, Príncipe de Caraman–Chimay, e pai (no primeiro casamento) de Elizabeth de Caraman–Chimay, Condessa Greffulhe — modelo principal para Mme de Guermantes, em *A la Recherche du Temps Perdu*.

10 *Primeiro ramo baiano.*

Neste ramo comparece o grande historiador Sebastião da Rocha Pitta.

XIX. Filipe Cavalcanti de Albuquerque, filho de Cristóvão de Holanda e Vasconcelos e de Catarina de Albuquerque (§ 7, XVIII), passou à Bahia em 1635, e lá se casou com D. Antonia Pereira Soeiro, filha de Martim Lopes Soeiro, nat. do reino, e de s.m. D. Ana Pereira. Está sepultado no Carmo, ao alto do Pelourinho, em Salvador.

P.d.:

XX. Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque. Herdou o morgadio do engenho "de Aurié," no Iguape, vínculo criado pelo tio Martim Lopes Soeiro.

Casou em primeiras núpcias com D. Isabel de Aragão, filha de Francisco de Araújo de Aragão e de s.m. D. Cecilia Soeiro. P.d.:

- Antonio Cavalcanti de Albuquerque, que † assassinado.
- D. Anna, que segue.
- D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, que casou três vezes. Da primeira, com o cel. Francisco Pereira Botelho, c.g. Da segunda e terceira vez, s.g., com o desembargador Jorge de Sá de Mendonça, ouvidor do cível na Bahia, e com o desembargador Bernardo de Sousa Estrella.

Casou em 2as. núpcias com D. Maria de Barros Pereira, filha de Miguel Fernandes, reinol, e de s.m. D. Ana de Barros Soeiro (filha de Martim Lopes Soeiro e de D. Antonia Pereira). P.d.:

- Bernardino Cavalcanti de Albuquerque. Sucedeu ao pai no morgadio; cel. das ordenanças. C.c. D. Antonia Francisca de Meneses, filha de José Garcia de Araújo e de s.m. D. Isabel de Aragão. C.g.
- Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque, † solteiro.
- Victorio Cavalcanti de Albuquerque, idem.

- D. Adriana Cavalcanti de Albuquerque. C.c. o desembargador Cristóvão Tavares de Moraes, c.g.
- D. Catarina Cavalcanti de Albuquerque. C.c. Manuel de Araújo de Aragão, filho de outro de igual nome, e de s.m. D. Maria de Aragão.
- D. Brites Cavalcanti de Albuquerque. C.c. Alexandre João de Aragão, irmão do supra.
- D. Ursula Cavalcanti de Albuquerque. C.c. o terceiro irmão, José de Araújo de Aragão.

XXI. D. ANNA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE c.c. o historiador Sebastião da Rocha Pitta, filho de João Velho Gondim e de D. Brites da Rocha Pitta, filha de outro Sebastião da Rocha Pitta.

Nasceu o historiador Sebastião da Rocha Pitta em 3.5.1660; † em 2.11.1738, sempre em Salvador. Acadêmico, fidalgo da casa real, coronel das ordenanças — e autor da *História da América Portuguesa*.

Pais de:

- D. Teresa da Rocha Pitta, solteira.
- D. Brites, que segue.

XXII. D. BRITES DA ROCHA PITTA c.c. o cel. Domingos da Costa e Almeida, provedor da alfândega da cidade da Bahia, filho do tenente–general Rodrigo da Costa e Almeida e de s.m. D. Ana Duque. P.d.:

- Rodrigo da Costa e Almeida, que c.c. D. Maria Francisca de Menezes, filha do cel. Bernardino Cavalcanti de Albuquerque, acima. C.g.
- Um filho e duas filhas, religiosos.
- D. Isabel Joaquina de Aragão, que c.c. seu parente José Pires de Carvalho e Albuquerque, abaixo, p. 108.

11 *Segundo ramo dos Holandas Cavalcantis: Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque.*

Deste ramo descendem os representantes atuais da Casa da Torre.

XVIII. FILIPA DE ALBUQUERQUE c.c. Antonio de Holanda de Vasconcellos, filho de Arnal de Holanda e de s.m. Brites Mendes, *a velha*. Era Antonio de Holanda sr. do engenho "Santo Antonio Guipitanga" em Goiana. Morreu entre 5 e 12.5.1627, e Filipa de Albuquerque foi sua primeira mulher. Desta teve os filhos:

- Arnal de Vasconcellos e Albuquerque. Já estava casado em 1611, e em 1625 era capitão de infantaria em Itamaracá. C.c. D. Maria Lins de Albuquerque, filha de Sebald Linz von Dorndorf e de s.m. D. Brites de Albuquerque. C.g.
- Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.
- Antonio, que segue.

XIX. ANTONIO DE VASCONCELLOS CAVALCANTI passou à Bahia no tempo das guerras holandesas, em 1623. C.c. Catarina Soares, † 1626, filha de Pedro Carneiro e de Ursula Feio do Amaral. Faleceram ambos quando seu filho contava um só ano. P.d. (único):

XX. FRANCISCO DE VASCONCELLOS CAVALCANTI, que c.c. D. Antonia Lobo, filha de Baltazar Lobo de Sousa (descendente de D. Inês de Castro) e de s.m. Ana de Gamboa, dos Moreiras do Socorro. P.d.:

- Baltazar, que continua.
- Antonio Cavalcanti de Albuquerque, sacerdote.
- D. Catarina Soares, que c.c. Francisco da Fonseca Siqueira, sr. do engenho "Caboto," s.g.

XXI. Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque. C.c. D. Antonia de La Penha Deusdará, filha de Simão da Fonseca de Siqueira, co–senhor do engenho "Caboto" com seu irmão supra, e de s.m. D. Francisca de La Penha Deusdará. P.d.:

- Simão de Vasconcellos, carmelita.
- D. Antonia do Paraíso, clarissa.
- D. Teresa Cavalcanti de Albuquerque, que c.c. José Pires de Carvalho. C.g.: *Pires de Carvalho e Albuquerque* — nas primeiras gerações usavam tambem o *Cavalcanti.* P.d.:
  - Salvador Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque (1701 – 1745), casado com sua prima D. Joana, abaixo. Ver § 12.
  - José Pires de Carvalho e Albuquerque (1703 – 4.9.1774), desembargador, casado com D. Isabel Joaquina de Aragão, filha do cel. Domingos da Costa e Almeida e de s.m. D. Brites da Rocha. Ver § 13.
- Baltazar, que segue.

Filippo di Giovanni Cavalcanti e di Caterina Mannelli naturale di Firenze, che è quarto Avo di Baldassarre Guasconcellos Cavalcanti vivente

Da una lettera scritta dai med.mi Cavalcanti del Brasile e diretta al Clar.mo Sig. Sen.re Abb. Medici 1735
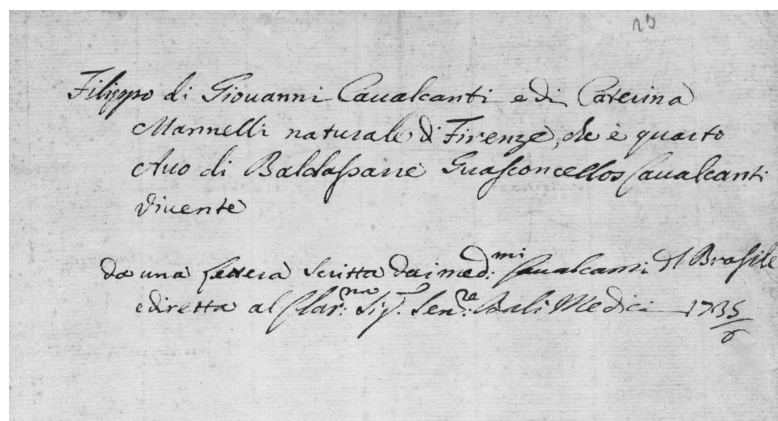
Figura 35: *Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti correspondeu–se com a corte grãducal em Florença em 1735 — notem–se erros no seu nome, "Guasconcellos," e no da avoenga, "Caterina," em vez de Ginevra Mannelli (ASF, Manoscritti, 382, Coleção de documentos de Giovanni Battista Dei, Carte Dei, Famiglia Cavalcanti.).*

XXII. Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque buscou contacto com os parentes florentinos — referência a uma sua carta encontra–se na coleção de documentos sobre esta família reunidos por Ammirato, no archivio di Stato di Firenze. Teve engenhos na vila de S. Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano. Casou duas vezes: primeiro, com D. Ana Pereira da Silva,

filha de Nuno Pereira da Silva, c.g. Da segunda, com D. Antonia de Argolo de Meneses, filha de Antonio Moreira de Meneses e de s.m. D. Ana de Argolo, s.g.

Do primeiro leito:

- D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, casada com o primo Salvador Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque, filho de D. Teresa, supra.
- D. Catarina dos Anjos, clarissa.

Figura 36: *Armas dos Pires de Carvalho e Albuquerque: um esquartelado de Carvalhos, Albuquerques modernos, Deusdará, Cavalcanti, versão brasileira (Fonte: F. A. Doria,* Caramuru e Catarina, SENAC–SP *(2000).*

12 *A senhora morgada*

A última Morgada da Torre.

XXIII. SALVADOR PIRES DE CARVALHO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (1701 – 1745), mestre de campo, casou–se com sua prima direita D. Joana Cavalcanti de Albuquerque, acima. Pais de:

- José, que segue.
- D. Teresa, religiosa.
- Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque, sacerdote secular.

Figura 37: *Solar do Unhão, residência, no século XVIII, dos Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque.*

XXIV. JOSÉ PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE c. em 1752 c. D. Leonor Pereira Marinho, filha herdeira de Francisco Dias d'Ávila, Morgado da Torre. Pais de:

- D. Ana Maria de S. José e Aragão, última Morgada da Torre, casada com seu primo (§ 13, XXIV) José Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque.
- D. Catarina dos Anjos de Aragão, casada com o irmão de José, capitão–mor Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque.
- D. Joaquina Maurícia de S. Miguel e Aragão, casada com Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, primeiro Barão de S. Francisco.
- D. Maria Francisca.
- Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, militar (1765 – 1795).
- José Pires de Carvalho e Albuquerque, † 1796.

Figura 38: *D. Leonor Pereira Marinho, ou Leonor Pires de Aragão. (Cortesia de Maria Cecilia Pires e Albuquerque Penna e Ana Beatriz P. A. Ardissone.)*

13 *A família da Torre*

A geração que participou da independência, destes descendentes de Filippo Cavalcanti nos Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque.

XXIII. José Pires de Carvalho Cavalcanti de Albuquerque (1703 – 4.9.1774) foi secretário do Estado do Brasil e desembargador. C.c. sua parenta D. Isabel Joaquina de Aragão, filha do cel. Domingos da Costa e Almeida e de s.m. D. Brites da Rocha. (Ver à pág. 102.) P.d.:

- José, que segue.
- Madres Maria do Desterro, Mariana do Desterro, Josefa do Desterro, religiosas.
- Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, casado com a prima, supra, D. Catarina dos Anjos de Aragão, c.g.

XXIV. José Pires de Carvalho e Albuquerque n. em 5.5.1756. Foi como o pai secretário do Estado do Brasil, e c.c. sua prima D. Ana Maria de S. José e Aragão, última Morgada da Torre. Pais de, entre outros:

— José Pires de Carvalho e Albuquerque. N. 6.12.1778. Viveu maritalmente (foi impedido de se casar) com a prima D. Ignacia Jesuina Pires de Carvalho e Albuquerque, e devido a desavenças em família não sucedeu no morgadio. Deste, o bisneto homônimo, n. 18.9.1879, casou–se em 6.4.1907 (1as. núpcias) c. D. Alvacoeli Meira de Castro, c.g. Foi seu trineto o general Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, n. 6.6.1915, ministro do exército no governo Figueiredo.

(José Pires de Carvalho e Albuquerque, o bisneto, era filho do Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque (1842 – 1904) e de sua segunda mulher D. Josefina Muricy, e n.p. de mais um José Pires de Carvalho e Albuquerque (n. 1812) e de s.m. D. Maria Clara da Silva Tavares. O gal. Walter Pires era filho

Figura 39: *D. Alvacoeli Meira de Castro; em casada Pires e Albuquerque. (Cortesia de Maria Cecilia Pires e Albuquerque Penna e Ana Beatriz P. A. Ardissone.)*

de Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque e de D. Aline Loyola, e neto do Dr. Antonio Carlos e de sua segunda mulher.)

— ANTONIO JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (12.2.1785 – 5.12.1852), VISCONDE DA TORRE DE GARCIA D'ÁVILA. Coronel do regimento da Torre (foi o derradeiro Morgado da Torre), secretário do Estado do Brasil ainda ao tempo pré–independência, financiou em 1822 e 1823 guerrilhas em defesa da independência. Homenageia–o uma rua em Ipanema, a *Rua Barão da Torre.* Foi casado com sua sobrinha (filha do irmão, o Visconde de Pirajá), D. Ana Maria de S. José e Aragão. C.g. Seu neto homônimo, n. 5.2.1865, foi ministro do STF; em 2.4.1892 c.c. a prima D. Maria Joaquina Bulcão Viana, c.g. Era filho do Dr. Garcia Pires de Carvalho e Albuquerque (1840 – 1917), senador da república, e de D. Maria Capitulina de Teyve e Argollo.

— FRANCISCO ELESBÃO PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, BARÃO DE JAGUARIPE, n. 1786, † 4.8.1856. Como secretário de estado do Brasil assinou a carta régia de 29.1.1808 em que são abertos os portos brasileiros. Exerceu diversas funções públicas ao tempo da independência, e homenageia–o uma rua de Ipanema, a *Rua Barão de Jaguaripe.* C.c. a prima D. Maria Delfina Pires e Aragão, c.g.

— JOAQUIM PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, VISCONDE DE PIRAJÁ. N. em 8.5.1801 e † 29.7.1848, c.c. sua parenta D. Maria Luiza de Teive e Argollo, c.g.

Militar de carreira, conhecido como "Coronel Santinho," teve atuação expressiva no comando de tropas baianas durante as lutas pela independência. Leal ao governo do império, ajudou a combater, às próprias custas, os rebeldes pernambucanos — entre os quais diversos Holandas Cavalcantis — que tentaram fazer o nordeste independente em 1824.

O título de Visconde da Torre e data de 12.10.1826, data na qual se celebravam os quatro anos da independência. O título de Barão da Torre de Garcia d'Ávila, concedido em 1.12.1822, é, pelos termos da concessão, o único título brasileiro hereditário. O título de Barão de Jaguaripe foi concedido em 1.12.1824 e o de Visconde de Pirajá em 12.10.1826.
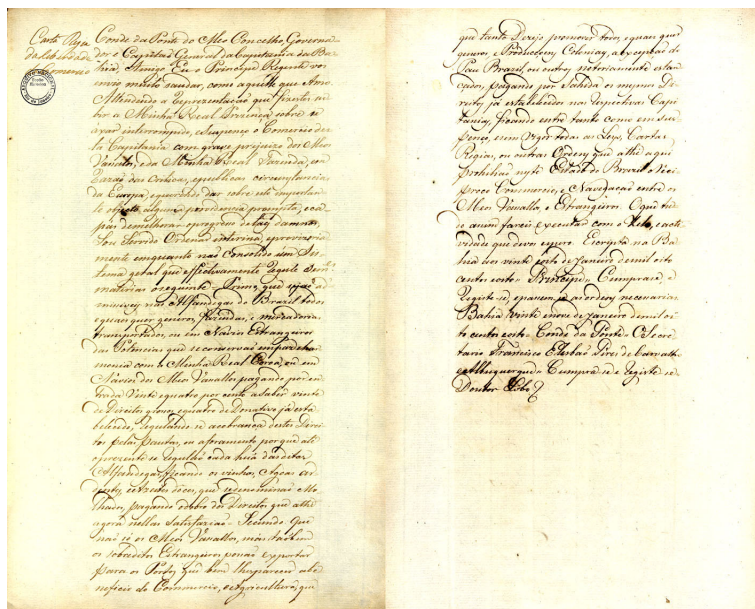
Figura 40: *Carta régia decretando a abertura dos portos, 29.1.1808, assinada pelo futuro Barão de Jaguaripe. (Cortesia de Christóvão Dias de Ávila Pires.)*

14 *Linha do Cardeal Arcoverde e derivadas*

(Dadas aqui em resumo.)

1. ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, filho de Filippo Cavalcanti e de Catarina de Albuquerque, casou com D. Isabel de Goes, filha de Arnal de Holanda e de Brites Mendes. P.d.:

2. D. ISABEL CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Casou duas vezes. Primeiro, com Manuel Gonçalves Siqueira, filho de Pedro Gonçalves Cerqueira e de s.m. Catarina de Freitas; em seguida, com Francisco Bezerra, c.g. Do primeiro leito:

3. ANTONIO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE "o da guerra," que lutou ao lado de João Fernandes Vieira nas guerras contra os belgas. C.c. D. Margarida de Souza. P.d.:

4. D. LEONARDA CAVALCANTI, que c.c. Cosme Bezerra Monteiro. P.d.:

Figura 41: *O "Coronel Santinho," Visconde de Pirajá, principal chefe militar da Casa da Torre (F. A. Doria,* Caramuru e Catarina, SENAC–SP *(2000)).*

5. D. BRASIA CAVALCANTI BEZERRA, casada com o primo Manuel de Araújo Cavalcanti, capitão de cavalos da freguesia da Varzea, seu primo, filho de Bernardino de Araujo Pereira e de s.m. D. Ursula Cavalcanti. P.d.:
6. D. MARIA CAVALCANTI, que c.c. Manuel Leite da Silva, comandante de Ararobá. P.d.:
7. LUIZ CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. Este casou–se com D. Maria Teresa Ferreira, irmã do pe. Francisco Ferreira, cura de Ararobá. P.d.:
8. D. URSULA JERÔNIMA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE. C.c. André Cavalcanti de Albuquerque. P.d.:
9. JERÔNIMO DO ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI, que se c.c. D. Teresa de Siqueira Cavalcanti, filha de Joaquim de Siqueira Barbosa e de s.m. D. Maria de Jesus Bezerra Cavalcanti. P.d.:
10. ANTONIO FRANCISCO DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI, o "Coronel Budá," n. 1822, e que c.c. D. Marcolina Doroteia do Couto. P.d.:
11. D. JOAQUIM DO ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI, n. 1850, † 1930. Cardeal em 1905 — cardeal presbítero, do título de S. Bonifácio — tendo sido o primeiro cardeal da América Latina.

Figura 42: *D. Joaquim do Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (Wikisource).*

Siqueira Cavalcanti

JOSÉ CAMELLO PESSOA DE SIQUEIRA CAVALCANTI, sr., foi filho do casal Joaquim de Siqueira – D. Maria de Jesus (acima, no. 9.). Sua mulher foi D. Maria da Penha Arcoverde, filha de D. Ursula e de André Cavalcanti de Albuquerque, supracitados. Do casal descende a família *Siqueira Cavalcanti*.

Holanda Valença

De D. BRASIA CAVALCANTI e de seu marido MANUEL DE ARAÚJO CAVALCANTI, no. 5, atrás, foi tambem filha D. MARIA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, que se casou com BENTO LEITE DE OLIVEIRA, potentado, personagem considerável, que testou em 22.7.1760.

Pais de BENTO LEITE CAVALCANTI, com 53 anos em 1791 — nascido portanto por volta de 1738. C.c. D. Luzia Tenório, filha de José Fernandes Nogueira e de Ana Tenório.

Pais de, e.o., FILIPE NERI CAVALCANTI, † 1804, inventário processado em Garanhuns (PE). C.c. D. TERESA DE JESUS CAVALCANTI, sua prima direita, filha do cap. Francisco Vaz da Silva e de D. ANA POTENCIA DE BRITO CAVALCANTI.

Pais de, e.o., D. MARIA JOAQUINA CAVALCANTI, com 6 anos em 1804; esta se casou em Garanhuns, em 1.8.1813 c. Cristóvão de Holanda de Vasconcellos, filho de Manoel de Holanda Calheiros de Vasconcellos e de s.m. D. Paula Margarida da Silva.

Pais de D. ANA DE HOLANDA CAVALCANTI, que se c.c. JOSÉ DE HOLANDA VALENÇA, em União dos Palmares (AL) em 20.2.1852, ele filho de Joaquim de Holanda Valença e de D. Paulina de Holanda.[56]

---

[56]Pesquisa de Cassia Albuquerque com base em Orlando Cavalcanti e nos livros de Alagoas, da região das lagoas, de Sta. Maria Madalena; dados adicionais de Leonor Medeiros.

Referências

[1] C. Albuquerque et al., *Acciaiolis no Brasil*, Edições do Jardim da Casa/Lulu, Rio (2011).

[2] S. Ammirato, *Istorie Fiorentine*, ed. Luciano Scarabelli, Torino (1853).

[3] S. Ammirato e A. di L. Cavalcanti, "Genealogia dei Cavalcanti," tavole, coleção Passerini, BNCF, Sala Manoscritti Rari, Segnatura Passerini, 156.

[4] A. di L. Cavalcanti, "Registro d'Huomini e donne Cavalcanti," ms, ASF Mannelli Galilei Riccardi 481.

[5] S. U. Cavalcanti, "Si chiamavano Cavalcanti," site na internet, http://xoomer.virgilio.it/cavalcanti/

[6] S. Raveggi et al., *Ghibellini, Guelfi e Popolo Grasso*, La Nuova Italia, Florença (1978).

[7] D. Shamà, "Genealogie delle famiglie nobili italiane," site na internet, http://www.sardimpex.com

[8] C. M. Sicca, "Consumption and trade of art...: the London house of the Bardi and Cavalcanti company," *Renaissance Studies* **16**, 163 (2002).

[9] C. M. Sicca, "Pawns of international finance and politics: Florentine sculptors at the court of Henry VIII," *Renaissance Studies* **20**, 1 (2006).

Cavalcanti
Armas florentinas da família: de prata, semeado de cruzetas recruzetadas de vermelho.

Cavalcanti
Armas concedidas pelo rei Henrique VIII em 1520 a Giovanni di Lorenzo Cavalcanti.

DOMENICO CAVALCANTI
Personagem mais antigo desta família, vivia pelo ano 1000 e só é documentado indiretamente, num ato de 1045.

GIAMBERTO CAVALCANTI
Seu nome é contração de *Giovanni Uberto*, e nada mais se sabe desse personagem.

CAVALCANTE DEI CAVALCANTI
Sabe-se apenas que teve o filho que segue, verdadeiro iniciador da dinastia.

GIOVANNI LETO DEI CAVALCANTI
Ou *Giannulieto*, ou ainda *Giannozzo.* Foi casado com uma filha do conde Guido Guerra III, dito Guido "Sangue," Conde di Modigliana, † após 1220, e da Condessa Waltrud ou Waldrada. (Provavelmente é aqui que se incorpora a esta linhagem dos *Cavalcantis* o prenome *Guido,* que tantos de seus membros levaram.)

CAVALCANTE DEI CAVALCANTI
Cônsul da comuna de Florença em 1176. Sr. dos castelos de Lugo e de Ostinain (Val d'Arno), e delle Stinche (Val di Greve), † antes de 1202. Sua mulher pode ter sido uma Adimari, do nome de um de seus filhos.

ALDOBRANDINO CAVALCANTI
Cônsul da comuna de Florença em 1200 e em 1204; citado em 1215 num tratado com Bolonha. C.g.

CAVALCANTE DEI CAVALCANTI
Da Parte Guelfa.

ADIMARO CAVALCANTI
† antes de 1228, cônsul em 1176 e depois em 1203. C.c. Isabella degli Amidei, e foi senhor de Montecalvi, que herdou dos condes Guidi. Tiveram um filho, **Giovanni Cavalcanti,** c.c. Giovanna..., † muito idosa em 1323.

PAZZO CAVALCANTI
Ancestral da linha napolitana. S.m.n.

***Messer* UBERTO CAVALCANTI**
Feito cavaleiro pelo rei de Nápoles em 1269; podestà de Poggibondi.

***Messer* SCHIATTA CAVALCANTI**
Atestado em 1220. (O título de *messer* indica-o ou como jurisconsulto ou como cavaleiro.)

GIANNI SCHICCHI
E' o personagem que Dante coloca no inferno, e que serve de tema e título à ópera de Puccini. C.c. uma Latini, e † antes de 1280. C.g.

Outros filhos:
— **Ciappo Cavalcanti.** Dos *anziani* em 1226.
— **Poltrone Cavalcanti,** cuja geração masculina se extinguiu em 1678.

Giacchinotto Cavalcanti
Atestado em 1317. Pai de:
— ***Messer* Amerigo Cavalcanti,** camareiro da rainha Giovanna I, † depois de 1358.
— ***Messer* Mainardo Cavalcanti,** marechal do reino de Nápoles, c.c. *Andreina di Jacopo Acciaioli* em 1371. C.g. varonil até o século XVII.

***Messer* CAVALCANTE DEI CAVALCANTI**
Casa-se em 1254.

GUIDO CAVALCANTI
O poeta companheiro de Dante. N. 1255, † 1300. Casa-se com Bice di Farinata degli Uberti. Ativo participante da vida política em Florença, é exilado e só retorna para morrer na pátria. C.g.

***Messer* SCOLAIO CAVALCANTI**
S.m.n.

***Messer* SCHIATTA CAVALCANTI**
S.m.n.

Outros filhos:
— ***Messer* Bottacio Cavalcanti,** c.g.
— **Scolaio,** chamado *Bamboccio,* c.g.

***Messer* GIOVANNI CAVALCANTI**
Dito ***Giannozzo.*** Passou a Nápoles em 1317, e lá foi armado cavaleiro em 1337.

ARRIGO CAVALCANTI
Ou *Amerigo.* Pode talvez ser o que está em 1357 entre os *Dieci di Mare.*

Poltrone Cavalcanti.

Em Arrigo/Amerigo, e Jacopo, começa a linha brasileira segura.

Cavalcanti
Armas usadas no Brasil.

JACOPO CAVALCANTI
Tronco do ramo brasileiro
Este ramo renuncia aos privilégios magnatícios e adota o nome ***de' Cavalleschi.***

***Messer* AMERIGO CAVALCANTI**
N. 1333. Vice rei de Cosenza em 1352. Em 1356 c.c. *Francesca di Jacopo Acciaioli,* prima do grão senescal de Nápoles *Niccolò Acciaioli,* e irmã de *Andreina,* acima.

Outros filhos:
— ***Messer* Uberto,** c.g. em Nápoles.
— **Filippo Cavalcanti,** † 1364, ancestral dos *Barões de Sarzano* e *Duques de Buonvicino* em Nápoles, até hoje.

GUIDO DE' CAVALLESCHI
Entra na *Arte di Calimala* (corporação dos mercadores de lã) em 1373; torna-se um seu cônsul em 1393. Casa antes de 1403 com Corradina di Piero di Camantino dei Gherardini. † depois de 1408.

Outros filhos:
— **Ridolfo Cavalcanti.**
— **Benedetto Cavalcanti,** franciscano, bispo de Rapolla, † 1374.

GIOVANNI CAVALCANTI
C. em 1388 c. Costanza di Niccolò, Marquês Malaspina.
Dentre seus filhos:
— **Niccolò Cavalcanti,** n. 1409; c.c. Costanza di Bartolommeo di Averardo de' Peruzzi, e foram pais do grande humanista **Giovanni Cavalcanti** (1444-1497).
— **Ginevra Cavalcanti.** N.c. 1400, c. 1416 c. *Lorenzo de' Medici il Vecchio.* Pais de um filho único, *Pierfrancesco de' Medici,* c.c. *Laudomia di Agnolo di Jacopo Acciaioli.* C.g.

Grãos Duques da Toscana

Outros filhos:
— **Giannozzo,** † 1341.
— Três filhas casadas.

Margarida de Albuquerque

Filha de ***Filippo Cavalcanti*** e de ***Catarina de Albuquerque,*** c.c. João Gomes de Mello.

Pais de **Ana Cavalcanti,** c.c. *Gaspar Achioli de Vasconcellos* (1578-1668), em 1618 em Pernambuco.

Pais de **João Baptista Achioli** (1623-1677), que lutou nas guerras contra os belgas, fidalgo cavaleiro da casa real (1669). C.c. D. Maria de Mello, sua prima.

Pais de **D. Maria Achioli** n. após 1655, casada antes de 1670 c. José de Barros Pimentel, † pouco antes de 1709, capitão mor de Porto Calvo.

Pais do cel. **Francisco de Barros Pimentel Achioli** (1689 - após 1735), sr. do engenho "Novo" das Alagoas. C.c. D. Antonia de Moura, † 1724, filha do cel. Manuel de Chaves Caldas.

Pais do cap. **Ignacio Achioli de Vasconcellos I, *Ignacio Achioli o velho,*** n.c. 1712, † c. 1788; vivia no engenho "Novo." C.c. D. Ana Maria da Silveira.

Pais do cap. **Ignacio Achioli de Vasconcellos II, *Ignacio Achioli Junior,*** n.c. 1760 e † antes de 1824. Casou três vezes. Da segunda, com ***D. Rosa Luzia do Bonfim,*** filha de ***Antonio de Holanda Cavalcanti de Albuquerque*** e de D. Maria da Conceição Rabello. C.g.

Outros filhos:
— **Jacopo.**
— **Giovanni Cavalcanti,** p.d. **Bernardo, Tommaso, Guido.**
— **Andrea.**
— **Bartolommeo.**
— Dois outros filhos, s.m.n.

ANTONIO DE' CAVALLESCHI
Depois retorna para o nome original, e vira *Antonio Cavalcanti.* N. 1404; atestado em 1426 e depois em 1430.

FILIPPO CAVALCANTI
Atestado em 1459 num ato notarial junto com seus irmãos.

Outros filhos:
— **Piero.**
— **Jacopo,** pai de **Filippo** e avô de **Schiatta.**
— **Guido,** c.g. em Florença.

Jacopo Cavalcanti
Seus filhos:
— **Jacopa,** n. 1453, c.c. Jacopo di Girolamo di Matteo Morelli.
— **Filippo,** p.d. **Maria,** n. 1497, c.c. Jacopo di Francesco Rinuccini.

LORENZO CAVALCANTI
Casou com Contessina, filha de Ugo di Rinaldo (n. 1370) di Rinieri di Luigi (1347) di Rinieri (1307) di Pacino (datado entre 1284 e 1297) di Arnoldo Peruzzi — sendo que Arnoldo Peruzzi atesta-se na primeira metade do século XIII.

Certidão de nobreza de Filippo di Giovanni Cavalcanti, 1558.

COS: MED. DEI GRA. FLOREN. ET SENAR. DUX II.

Outros filhos:
— **Schiatta Cavalcanti.**
— **Maddalena,** n. 1489, c.c. Bernardo di Simone Mazzinghi.
— **Caterina,** c.c. Paolo di Agnolo Baglioni.
— **Selvaggia,** e **Maddalena II.** S.m.n.

GIOVANNI CAVALCANTI
N. em Florença em 1480; † em Londres em 1542. Em 1521 c.c. Ginevra di Francesco di Lionardo Mannelli, bisneta de Niccolò di Lionardo Mannelli, segundo os *tratte.* Giovanni foi um grande comerciante, riquíssimo, radicado na Inglaterra desde 1509, onde chegou a posições muito próximas de Henrique VIII, que lhe demonstrava grande amizade, chegando a dar-lhe um acrescentamento nas armas. Foi *cameriere segreto* de Leão X, e um dos que negociaram o chapeu de cardeal para Wolsey.

GUIDO CAVALCANTI
Acompanhou Caterina de' Medici (1519-1589) à França quando esta se casou com o futuro Henrique II.

FILIPPO DI GIOVANNI CAVALCANTI
Radicado no Brasil
N. em Florença em 12.6.1525, batizado em Santa Croce. Vem para o Brasil entre 1558 e 1560 e aqui se casa com ***Catarina de Albuquerque***, filha de ***Jerônimo de Albuquerque*** e da índia tabajara ***Maria do Arcoverde***.
Filhos: [1] **Diogo** [Jacopo], † criança. [2] **Antonio Cavalcanti de Albuquerque,** c.c. Isabel de Goes, filha de *Arnal de Holanda* e de *Brites Mendes.* [3] **Lourenço,** s.g. [4] **Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque,** c.g. ilegítima em Portugal. [5] **Filipe,** † jovem. [6] **D. Genebra Cavalcanti,** c.c. D. Filipe de Moura. [7] **Margarida de Albuquerque,** c. (1) c. João Gomes de Mello, e (2) c. Cosme da Silveira, c.g. (ver ao lado). [8] **Beatriz de Albuquerque,** c.c. *Cristóvão de Holanda de Vasconcellos,* c.g. [9] **Filipa de Albuquerque,** c.c. *Antonio de Holanda de Vasconcellos,* c.g. [10] **Catarina,** † freira. [11] **João,** c.c. Brites de Sá.

SCHIATTA CAVALCANTI
N. Florença em 1527, e sucedeu em 1542 ao pai nos seus negócios em Londres.

GIOVANNI CAVALCANTI
Entre 1587 e 1588 corresponde-se com Giordano Bruno, que então residia em Londres, e Giovanni em Roma.

Nota importante
A genealogia segura da linha brasileira começa em Jacopo Cavalcanti, pai de Guido de' Cavalleschi. A parte anterior baseia-se em anotações seiscentistas de Andrea di Lorenzo Cavalcanti, e nas tabelas de Scipione Ammirato.

Holanda Cavalcanti

JACOB DE HOLANDA

N.c. 1480, presumivelmente na Holanda, pelo seu nome locativo. Era judeu de origem, jamais converso. Mercador e aventureiro, teria sido o primeiro a fazer, por terra, o caminho das Índias a Portugal. Muito rico, ligado aos banqueiros Fugger e aos Welser, casou-se em Portugal com *Leonor Mendes*, nos nobiliários citada como "Cosma" Mendes, e chamada *A Dona Rica*, igualmente judia. Pelo processo de outro judeu holandês, Avraham Cohen, filho de Isaac Cohen ou João Mendes, e de outra "Dona Rica," pode ser que tambem fosse um Cohen.

Quem nasceu em Pernambuco,
há de ser desenganado:
ou se é um Cavalcanti,
ou se é um cavalgado.
— Quadrinha alusiva ao regime Rego Barros e Holanda Cavalcanti, Pernambuco, século XIX.

?ARNAL DE HOLANDA

N.c. 1520, ancestral dos *Holandas* de Pernambuco. Ainda vivo em 1592, † 1620 (?) em Olinda, deve ter casado c. 1550 em Pernambuco com *Brites Mendes*, acusada de judaizante em investigações da inquisição, presumivelmente parenta de Cosma Mendes.

FRANCISCO JÁCOME DE HOLANDA

N.c. 1520, recebe em 1561 armas com o apelido *Jácome*. Na carta d'armas não consta sua filiação. C.c. Francisca Fernandes.

JÁCOMA MENDES

C. em 1553 em Lisboa com *Sebald Linz von Dorndorf*.

DIOGO [JACOB] DE HOLANDA

"O Salomão"

N. 1535 em Lisboa. Comerciante rico e judaizante, apresenta-se espontaneamente à inquisição em 1561, sendo no entanto dispensado sem punições.

Holandas, em Portugal
"De ouro com três letras I de negro; partido de prata com quatro asnas de vermelho. Timbre: um cisne de prata."
(Fonte: A. Mattos,* Brasonário de Portugal.*)

Outros filhos:

— **Antonio de Holanda de Vasconcellos,** ancestral dos *Pires de Carvalho e Albuquerque*.

— **Agustinho de Holanda de Vasconcellos.** C.c. Maria de Paiva, neta de ***Branca Dias,*** a grande judaizante, e de ***Diogo Fernandes***, ambos do engenho "Camaragibe." C.g. vastíssima.

— **Adriana de Holanda**, que seria centenária ou quase em 1645; casada com *Cristóvão Lins,* e ancestrais da maior parte dos Lins de Pernambuco.

— **Isabel de Goes,** c.c. seu concunhado *Antonio Cavalcanti de Albuquerque*, c.g. C.g., entre outros: *Bezerra Cavalcanti.*

— **Inês de Goes,** † 1612 em Olinda, onde nascera. C.c. Luiz do Rego Barros, c.g.

— **Ana de Holanda,** c.c. João Gomes de Mello. C.g.: *Gomes de Mello.* Quintos avós de **Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de Pombal.**

— **Maria de Holanda,** c.c. Antonio de Barros Pimentel, n.c. 1550 em Viana. C.g.: *Barros Pimentel*.

CRISTÓVÃO DE HOLANDA DE VASCONCELLOS

Primogênito, † 1614. C.c. *Beatriz de Albuquerque,* filha de *Filippo di Giovanni Cavalcanti* e de s.m. *Catarina de Albuquerque.*

CRISTÓVÃO DE HOLANDA DE ALBUQUERQUE

N. em Olinda e † após 1658. Lutou contra os holandeses e foi vereador em Olinda em 1651. C.c. Catarina da Costa, irmã de sua madrasta, filhas de Manuel da Costa Calheiros.

Outros filhos:

— **Bartolomeu de Holanda Cavalcanti,** †1623. C.c. Justa da Costa, filha de Manuel da Costa Calheiros, c.g.

— **Filipe Cavalcanti de Albuquerque.** Passou à Bahia em 1633 e lá se fixou. C.c. Antonia Pereira Soeiro, c.g.

— **Luiz Cavalcanti,** e **João Cavalcanti,** clérigos, este vivo em 1633.

JOÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

"O Bom"

Assim chamado por sua generosidade. Vereador em Olinda em 1665, sargento mor e depois capitão mor de Muribara (1674); † 1690. C.(1) c. D. Bernarda de Albuquerque, filha de Jorge Teixeira de Albuquerque. C. (2) c. D. Simoa de Albuquerque, filha de Álvaro Fragoso de Albuquerque, capitão mor de Serinhaem.

Outros filhos:

— **Filipe Cavalcanti de Albuquerque,** † 1698 em Muribara.

— **fr. Francisco.**

— **D. Joana,** † 1687, 2a. mulher de Cristóvão Paes de Mendonça, c.g.

— **D. Leonarda,** c.c. Duarte de Siqueira, s.g.

— **D. Maria,** solteira.

CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI

(1° leito.) Sr. do engenho "da Torre," e do "Morenos." C.c. D. Ana de Azevedo, filha de Domingos Gonçalves Freire. Filhos:

— **Domingos Gonçalves Freire,** sr. do engenho "Morenos," c.c. D. Leonor da Cunha Pereira, c.g.

— **Antonio de Holanda Cavalcanti,** clérigo.

— **Cristóvão de Holanda Cavalcanti**, c.g. do 2° leito.

— **Sebastião de Holanda Cavalcanti.**

— **D. Isabel Cavalcanti,** c.c. Diogo de Carvalho de Sá, c.g. de nome *Holanda Cavalcanti.*

— **D. Bernarda,** c.c. Fernão de Carvalho de Sá, c.g. de nome *Holanda Cavalcanti.*

— **D. Anna Cavalcanti,** mulher de José Tavares Sarmento e depois de Manuel Ribeiro Pessoa, † 1770, c.g.

JOÃO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

"O do Apoá"

(2° leito.) Sr. dos engenhos "do Apoá," "Camorim," "Goitá," "Morenos." Fidalgo cavaleiro da casa real, 1713; vereador em Olinda (1707 e 1713) e ouvidor geral interino de Pernambuco (1713). Antes de 1708 c.c. D. Isabel da Silveira de Castello Branco, filha de Manuel Motta da Silveira [de Castello Branco] (1633-1703) e de D. Catarina de Barros Rego; n.p. de João Coelho de Arouche (1598-1658) e de Isabel Madureira de Castelo Branco.

Outros filhos do 2° leito:

— **Antonio Cavalcanti de Albuquerque,** sargento mor de Muribara em 1689; c.c. D. Eugenia Freire.

— **Francisco Cavalcanti de Albuquerque.** C.c. D. Antonia [de Sousa Palhano], s.g.

— **D. Bernarda,** que † depois de 1751. C. (1) c. Antonio Bezerra, s.g.; c. (2) c. Arnau de Holanda Correia, c.g.

— **D. Margarida,** c.c. Francisco de Albuquerque Mello, c.g.

— **D. Brites.** C.c. o cap. Teodósio Leitão de Vasconcellos, c.g.

— **D. Catarina,** solteira.

— **D. Antonia,** c.c. Leão Falcão de Eça, c.g.

— **D. Mariana.** C. (1) c. João de Barros Rego. C. (2) c. Pedro Cavalcanti Bezerra, s.g.

A linha de Ana de Holanda ao Marquês de Pombal e a S. Paulo e Minas.

1. **Ana de Holanda** c.c. João Gomes de Mello. P.d.:
- João Gomes II, segue; D. Ana, abaixo.
2. **João Gomes de Mello II** c.c. Margarida de Albuquerque. P.d.:
3. **D. Brites de Mello** c.c. D. Paulo de Moura. P.d.:
4. **D. Maria de Mello** c.c. Francisco de Mendonça Furtado, alcaide mor de Mourão. P.d.:
5. **D. Maior Luisa de Mendonça** c.c. João de Almada e Mello, sr. de Souto d'El Rei. P.d.:
6. **D. Teresa Luiza de Mendonça e Mello** c.c. Manuel de Carvalho e Ataíde. P.d.:
7. **Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquês de Pombal** (1699-1782).

2. **D. Ana de Vasconcellos** c.c. Pedro da Cunha de Andrada. P.d.:
3. **Pedro da Cunha Pereira** c.c. D. Catarina Bezerra. P.d.:
4. **D. Ana da Cunha Pereira** c.c. o primo ***Arnal de Holanda Barreto,*** filho de *Arnal de Holanda*, c.c. D. Luzia Pessoa e neto de *Inês de Goes,* † 1612 em Olinda, e de Luiz do Rego Barros (acima). P.d.:
5. **Cosme do Rego Barros,** que c.c. D. Isabel Acha [não é *Achioli*] de Albuquerque. P.d.:
6. **Francisco de Rego Barros,** que passou a Minas em começos do século XVIII, onde casou com D. Arcângela Furquim Xavier Pedroso, c.g.

C.g.: Furquim, Almeida Magalhães, Ozorio de Almeida, e muitos outros, em Minas e S. Paulo.

Outros filhos:

— **D. Francisca,** solteira.

— **Arcangelo Cavalcanti de Albuquerque,** c.c. D. Monica do Rego Pessoa, c.g.

CRISTÓVÃO DE HOLANDA CAVALCANTI

Vivia no engenho "Apoá" no começo do século XVIII e foi capitão mor de Tracunhaem. C.c. D. Paula Cavalcanti de Albuquerque, filha de Paulo Cavalcanti de Albuquerque e de D. Angela Cavalcanti de Albuquerque.

Elizabeth de Caraman-Chimay, Mme Greffulhe, modelo para a Duquesa de Guermantes. (Wikisource.)

Outros filhos, s.m.n.:

— **João Cavalcanti de Albuquerque,** clérigo presbítero.

— **José, Lourenço, Manuel, Paulo, Cristóvão.**

Castelos Brancos: "De azul com um leão de ouro, armado e linguado de vermelho." Fonte: Livro do Armeiro-Mor, IANTT.

ANTONIO DE HOLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

N.c. 1730, foi cel. do regimento das ordenanças de Serinhaem (1801). C.c. D. Maria Manuela de Mello, filha de Sebastião Antonio de Barros Mello (1720 - antes de 1783), fidalgo cavaleiro da casa real, e de s.m. D. Maria Rita de Albuquerque Mello (filha do morgado do Cabo, João Paes Barreto, e de D. Manuela Luiza de Mello); n.p. de Francisco do Rego Barros, fidalgo cavaleiro da casa real, e de s.m. e prima D. Maria Manuela de Mello (filha de Manuel Gomes de Mello e de s.m. D. Inês de Goes de Mello — filha de André de Barros Rego e de s.m. D. Adriana de Almeida Wanderley).

ANTONIO DE HOLANDA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Do engenho "Marrecas" em Serinhaem, passou à região das lagoas, onde viveu no engenho "Gurganema." † antes de 1817. C.c. D. Maria da Conceição Rabello, filha de João de Casado Lima, sr. do engenho "Lama" na região das lagoas.

D. MARIA RITA DE ALBUQUERQUE MELLO

C.c. o parente, o Cel. Suassuna, *Francisco de Paula de Hollanda Cavalcanti de Albuquerque,* sr. do engenho "Suassuna." Era filho de *Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque* e da mulher e prima *D. Filipa Cavalcanti de Albuquerque*. N.p. do tenente general *Luiz Xavier Bernardo,* meio cristão novo, e de s.m. *D. Francisca Cavalcanti de Albuquerque.* O Cel. Suassuna foi o fundador da Academia Suassuna, centro de difusão das ideias liberais e republicanas que desembocaram no movimento de 1817. Foram filhos do casal:

— **Francisco de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Visconde de Suassuna, 1860).** N. 1793, † 1880, brigadeiro, senador, ministro de estado, presidente de Pernambuco.

— **Antonio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Visconde de Albuquerque, 1854).** N. 1797, † 1863, deputado, senador, ministro, c.c. D. Emilia Cavalcanti de Albuquerque, c.g.

— **Pedro Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Visconde de Camaragibe, 1860).** N. 1806, † 1875, deputado, senador, presidente de Pernambuco.

— **Manuel Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Barão de Muribeca, 1860).** C.c. a sobrinha D. Maria da Conceição do Rego Barros.

Foi ainda filho do casal Suassuna **José Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti de Albuquerque,** ministro do Brasil na Espanha onde se radicou. C.c. D. Maria O'Key, foi pai de filho homônimo e avô de **Don José de Cavalcanti de Albuquerque y Padierna** (1871 - 1939), **Marqués de Cavalcanti, Conde de Taxdirt (1919).**

Duas tias do Marqués de Cavalcanti devem ser citadas:

— **D. Ana Maria Francisca de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, Condessa de Villeneuve.** C.c. o Conde Jules de Villeneuve, c.g.: *Condes-Príncipes Schlitz zu Görtz, Príncipes von und zu Sayn-Wittgenstein-Berleburg.*

— **D. Isabel Cavalcanti de Albuquerque,** casada com Don Gregorio de Barandiarán. Sua filha **D. Matilde de Barandiarán y Cavalcanti** c.c. Joseph de Riquet, Príncipe de Caraman-Chimay. Foi enteada de D. Matilde, *Elisabeth de Caramay-Chimay, Condessa Greffulhe,* modelo principal para a Duquesa de Guermantes no romance de Marcel Proust, *A la Recharche du Temps Perdu.*

1839

Antonio Casado de Holanda Cavalcanti de Albuquerque

(1770-1837), viveu na Vila das Alagoas onde foi membro da governança local. C.c. D. Rita Eufrásia Teixeira, c.g. ampla. Foi executor de seu testamento o sobrinho *José de Barros Accioli Pimentel*. Filhos:

— **José de Holanda Cavalcanti,** † 1873, c.c. D. Anna Casado da Cunha Lima, † antes de 1874. C.g.

— **D. Maria da Conceição Henriqueta de Holanda Cavalcanti de Albuquerque,** † 1841, c.c. André de Lemos Ribeiro, s.g.

— **Antonio de Holanda Cavalcanti,** morador no Pilar, † antes de 1862, c.g. natural.

— **D. Francisca de Paula de Holanda Cavalcanti,** que entre 1845 e 1848 c.c. *José Cavalcanti Achioli,* filho de *Francisco de Borges Achioli* e neto do primeiro casamento de *Ignacio Achioli de Vasconcellos,* seu tio afim.

— **D. Maria Joaquina Teixeira Cavalcanti,** c.c. José Gomes da Silveira Taborda.

Foi neta de Antonio Casado de Holanda Cavalcanti, **D. Rita Leopoldina de Holanda Cavalcanti,** solteira em 1836.

D. Rosa Luzia do Bonfim

N.c. 1785, † c. 1807, na Vila das Alagoas. Foi a segunda mulher de *Ignacio Achioli de Vasconcellos II* (c.1760 - c.1823), da governança local, alferes, participante do movimento revolucionário de 1817.

Tiveram os filhos:

— **D. Anna Joaquina de Albuquerque.** N.c. 1805, c. (1) em 1821 c. Lucas José Fernandes. C. (2) c. Manuel Vieira de Araujo Peixoto. P.d. ***Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República*** (1839-1895).

— **D. Josefa Maria Cavalcanti.** N. 1806?, c. em 1826 c. o cap. Gonçalo Pereira de Araújo, c.g.

— **D. Maria Accioli.** C.c. o primo Francisco Frederico da Rocha Vieira. P.d. *Epaminondas da Rocha Vieira, Barão de S. Miguel dos Campos* (título português).

— **José de Barros Accioli Pimentel.** Médico (1843), n. c. 1807, † 1879. C.c. D. Anna Carlota de Albuquerque Mello, filha natural do Pe. Affonso de Albuquerque Mello.

Pais de, e.o., a: **Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque** (Vila das Alagoas, 1846-Rio, 1907). Lutou na guerra do Paraguai, foi inspetor geral de Terras e Colonização no império, comandou o início da imigração italiana para o Brasil e (segundo Alberto Rangel) recebeu ao fim do império o título de *Barão de Accioli*. C.c. D. Maria do Carmo do Valle, c.g.

Outros filhos:

— **Sebastião de Holanda Cavalcanti de Albuquerque**. N. 1773 na Vila das Alagoas, esteve envolvido, com o cunhado *Ignacio Achioli*, no movimento revolucionário de 1817.

— **Lourenço** e **Cristóvão Cavalcanti de Albuquerque.** Cristóvão (1778-1856) c.c. *Paula Cavalcanti de Albuquerque,* e foram os pais de *D. Luisa Isabel de Holanda Cavalcanti de Albuquerque,* c.c. José Luiz Paes de Mello, trisavós de *Chico Buarque de Holanda.*

— **D. Maria Benedita de Mello,** † 1813, c.c. José de Barros Achioli.

Armas dos Viscondes de Albuquerque, de Camaragibe e de Suassuna, e do Barão de Muribeca. "De Albuquerques — de Portugal moderno, esquartelado de Albuquerques antigos; partido de Cavalcanti do Brasil."

Fonte:
C. Albuquerque, F. Arruda de Lima, M. Cavalcanti, F. A. Doria, *Cavalcantis: na Itália, no Brasil*, Rio 2011.
C. Albuquerque, F. Arruda de Lima, F. A. Doria, *Acciaiolis no Brasil*, Rio 2011.
Eneida Rangel Celeti, *comunicação pessoal*.

Conteúdo

CAVALCANTI
. . . SE PER QVESTO CIECO
CARCERE VAI PER ALTEZZA D'INGEGNO.
MIO FIGLIO OV'È? E PERCHÉ NON È TECO?
ED IO A LVI: DA ME STESSO NON VEGNO:
COLVI CHE ATTENDE LÀ PER QVI MI MENA.
FORSE CVI GVIDO VOSTRO EBBE A DISDEGNO.
—DANTE—INF. X. 58–63—